

ITINERÁRIO METODOLÓGICO

A formulação dos objectivos de investigação enunciados na introdução deste livro foi muito favorecida pelo conhecimento que adveio da pesquisa bibliográfica e documental efectuada. A primeira centrou-se sobretudo em livros e artigos sobre o *Hooliganismo* e *Movimento Ultra* elaborados no âmbito das Ciências Sociais. Para além do conhecimento proporcionado, estes conferiram ainda o suporte teórico para a investigação. ¹ Por sua vez, a pesquisa documental incidiu sobre várias fontes. Algumas revistas sobre claques, como por exemplo a *Super Ultra*, a *Ultra Modo de Vida*, a *Invicta Ultra* e, mais recentemente, a *Adeptos*, foram uma delas. Os mais diversos sítios e blogues sobre o *Movimento Ultra* em geral, assim como os sítios das claques investigadas, foram também alvo de consulta regular. As páginas temáticas intituladas a *Voz das Claques* e *A Tribuna das Claques* que outrora, e respectivamente, os jornais *Record* e *Norte Desportivo* publicavam semanalmente, foram outra fonte documental consultada. ² O conjunto das fontes mencionadas não deixou também de proporcionar um melhor entendimento do *Movimento Ultra* em Portugal, assim como das claques pesquisadas.

Mas o delineamento dos objectivos mencionados, tendo sido importante, foi tão só o prelúdio de um processo de pesquisa que visou a sua concretização. Pretende-se apresentar aqui as opções metodológicas tomadas ao longo da investigação e que decorreram dos constrangimentos e oportunidades colocados pela realidade social em estudo. Como sublinhou Malinowski, um breve resumo das adversidades que o investigador teve que enfrentar pode ser mais esclarecedor de que uma discussão abstracta (1975, p. 21). Como se verá, os métodos de investigação a que se recorreu envolveram o investigador numa interacção prolongada, e em vários quadros, com os

¹ Reitera-se, todavia, o que foi já referido na introdução do presente livro, uma vez que do conhecimento das abordagens teóricas tendentes à compreensão deste fenómeno não surgiram hipóteses rígidas e tutelares da investigação desenvolvida. Na verdade, e tal como afirmou Malinowski, «ter uma boa preparação teórica e estar a par dos dados mais recentes não é o mesmo que estar carregado de <ideias pré-concebidas>.» (1975, p. 26) Este mesmo autor complementou assim a sua afirmação: «Se alguém empreende uma expedição, decidido a provar determinadas hipóteses, e é incapaz de mudar em qualquer momento os seus pontos de vista e deixá-los de boa vontade perante o peso das evidências, não vale a pena dizer que o seu trabalho não tem valor nenhum.» (Malinowski, 1975, p. 26)

² A pesquisa documental efectuada contemplou ainda a consulta dos seguintes jornais outrora publicados durante alguns anos do Século XX: *Tiro e Sport*, *Sports Ilustrados*, *Norte Desportivo* (de Braga), *Sport de Lisboa*, *Sporting* (do Porto), *Revista Stadium*, *O Norte Desportivo* (Porto), *O Atlético*, *Cine e Sport*, *A Semana Desportiva*, *O Crítico* e *Os Sports Ilustrados*. Os resultados de tal pesquisa, ainda que não possam ser devidamente apresentados neste livro por manifesta limitação de espaço, revelaram que a violência marcou sempre presença nos jogos de futebol em Portugal, desde os primeiros anos do século e ao longo deste. Por conseguinte, tornou-se claro que as claques não foram propriamente as responsáveis pelo surgimento da violência nos jogos de futebol em Portugal. Esta marcou sempre presença nos campos de futebol ao longo do século XX, por vezes com um grau de gravidade assinalável.

sujeitos investigados. Isto exige, da parte do primeiro, «uma participação íntima e pessoal no processo de conhecimento.» (Deshaies, 1997, p. 25).

A pré-entrada ³

O primeiro passo dado para a prossecução dos objectivos propostos residiu na escolha das claques a investigar. Para uma melhor compreensão do fenómeno que tais grupos constituem, seria importante alargar a investigação anteriormente efectuada a outras claques. Considerando a relevância que as investigações a este tipo de fenómeno têm conferido à componente urbana destes grupos como dimensão importante para a sua compreensão, era premente que esta fosse também investigada. A opção de investigar as claques apoiantes de clubes da cidade do Porto acabou então por emergir como uma tentativa de contemplar tal componente na pesquisa a efectuar, esperando-se assim que o estudo das mesmas e dos seus membros pudessem constituir uma «janela» de observação sobre a cidade e sobre representações sociais dos seus habitantes. Fazer incidir a investigação sobre as claques portuenses possibilitou também que a mesma fosse exequível com os recursos disponível para realização do necessário trabalho de campo. ⁴

A entrada e a identificação

Esta pretensão começou por ser solicitada a um elemento da direcção de cada uma das quatro claques (o Presidente no caso dos *Super Dragões* e *Panteras Negras*), já conhecidos do investigador. Comunicou-se então da forma mais simples possível a intenção de passar a integrar regularmente a claque nos dias de jogos, com o intuito de levar a cabo uma investigação sobre a mesma. O objectivo era a elaboração de um trabalho académico. Reiterou-se ainda a opção pelo papel de estudante, pois tinha sido também este o papel assumido perante a direcção e muitos

³ A pré-entrada na comunidade é o primeiro dos estádios que Portela (1985, pp. 157-177) considerou na sua reflexão sobre a «observação participante», ao qual se seguiu a permanência na comunidade. Nesta, considerou ainda três fases – a fase de identificação, a fase de adaptação e a fase de integração – tendo estas sido elemento de referência na apresentação da «observação participante» efectuada nas claques portuenses.

⁴ Reconhece-se que uma investigação que abrangesse as claques apoiantes dos principais clubes de Lisboa poderia possibilitar uma abordagem mais alargada desta problemática a nível nacional. Tal investigação seria no entanto inviável com os recursos disponíveis, não apenas em consequência do preço das viagens a efectuar, mas também pela impossibilidade de acompanhar concomitantemente e com regularidade as claques que apoiam os principais clubes portugueses.

membros dos *Super Dragões* na investigação já anteriormente realizada.⁵ Como posteriormente se mencionará, a assunção deste papel teve consequências diferentes na forma como o investigador foi percebido por membros da claque *Panteras Negras* e *Alma Salgueirista*.

O trabalho de campo teve o seu início nos primeiros jogos da época futebolística de 2002/2003 e estendeu-se até à conclusão da época 2005/2006. A integração na claque *Super Dragões* não enfrentou nenhuma adversidade significativa, porque se tratou de facto de uma reintegração. Não sendo problemática, esta reintegração não deixou de colocar o investigador face a algumas transformações no grupo e em interacção com elementos novos e bastante activos no seu seio.

Também não colocou problemas de maior a inserção no seio da claque *Colectivo Ultras 95*. Em jogos disputados nos estádios dos clubes adversários do *Futebol Clube do Porto*, estas duas claques aglutinam-se num mesmo sector da bancada. Consequentemente, o trabalho de campo desenvolvido nos *Super Dragões* proporcionou também interacções frequentes com elementos da claque *Colectivo Ultras 95*.

A inserção nas claques *Panteras Negras* e *Alma Salgueirista* foi mais difícil. O primeiro jogo a que o investigador assistiu no seio da claque boavisteira foi precedido por uma recepção formal à porta do estádio por parte do presidente da claque e dois elementos da sua direcção, sendo este depois acompanhando até à bancada onde se encontrava a claque. Os seus colegas dirigentes prontificaram-se de imediato para ajudar. Entretanto, constatou-se rapidamente que o investigador era olhado com estranheza pelos elementos do grupo a quem o Presidente procurava explicar os motivos de tal presença. Não foi difícil estabelecer as primeiras conversas com membros da claque boavisteira logo nos primeiros jogos. No entanto, e durante estes, houve quem solicitasse ao investigador esclarecimentos sobre o tipo de «reportagem» que pretendia realizar. Outros perguntaram mesmo em que órgão de comunicação social seria apresentado o trabalho em curso. Por deficiência na forma como administrou as impressões tendentes à definição de situação em função do papel que se pretendeu assumir, por diferente compreensão por parte dos líderes da claque ou então por outra compreensão dos elementos do grupo a quem os líderes mencionaram

⁵ Recusou-se qualquer recurso à observação encoberta do grupo, passível de crítica no plano ético (Flick, 2005. p. 138). A mesma até poderia aparentemente facilitar a entrada no grupo, pois bastaria adquirir o bilhete para os sectores que as claques ocupam nos estádios de futebol e participar nas actividades destas como membro. Poderia mesmo efectuar-se uma inscrição como sócio das mesmas. Todavia, tal inviabilizaria a investigação, não só porque muitos dos objectivos desta não são concretizáveis sem o recurso a entrevistas que teriam sempre que ser justificadas, mas também porque sabendo-se que vários elementos das claques portuenses conhecem-se entre si e mantêm mesmo relações de amizade e vizinhança, ficaria por explicar aos membros das diversas claques a presença noutras que apoiam clubes diferentes. Importa sublinhar que desde o primeiro dia da investigação as direcções das claques investigadas foram informadas acerca dos objectivos da presença no seio do grupo. Tendo em conta o número de membros presentes nestes grupos, e confirmando o que Burgess escreveu quanto à inviabilidade de dar a conhecer a todos os indivíduos presentes num espaço público que sobre eles incide um estudo (1997, p. 52), também nas claques seria inviável informar individualmente todos os seus membros sobre os objectivos da presença do investigador.

os objectivos da presença do investigador, o que é facto é que alguns viram nele um jornalista que fazia uma reportagem acerca da claque. Desconhecendo o nome próprio do «estranho», alguns optaram mesmo por lhe chamar «jornalista».

Importa sublinhar que estes profissionais da comunicação não recebem propriamente a simpatia da generalidade dos membros da claque,⁶ sendo portanto este um papel indesejável para quem pretende fazer uma investigação social nestes grupos. A inserção nos *Panteras Negras* passou inicialmente por negar peremptoriamente tal condição perante todos os que aludiam a tal papel e esclarecer o que se pretendia fazer, o que foi sendo conseguido com sucesso.

Refira-se, por fim, a entrada na claque *Alma Salgueirista*. O elemento a quem se inquiriu acerca da possibilidade de investigar esta claque portuense era um dos seus líderes e não foi difícil constatar que gozava de um certo prestígio no seio do grupo e que o próprio afirmava decorrer da sua carreira na Força Aérea Portuguesa. Este líder afirmou ter dado conhecimento aos outros elementos dos objectivos da presença de um novo indivíduo na claque e tê-lo-á feito de forma clara, uma vez que nunca houve qualquer indício de uma interpretação diferente do papel com que o investigador se apresentou por parte dos diversos elementos do grupo. Todavia, houve dificuldades notórias em estabelecer diálogo com os outros membros da claque, perante aquilo que parecia ser uma barreira de silêncio. Nas poucas palavras que inicialmente trocavam com o investigador dirigiam-se ao mesmo num respeitoso «você», o que nunca se tinha ouvido em qualquer uma das claques investigadas. Os diálogos estabelecidos nos primeiros jogos observados eram então sobretudo estabelecidos com o já mencionado líder da claque.

Esta dificuldade começou a ser ultrapassada aquando da presença da claque num jogo que o clube salgueirista disputou em Espinho com a equipa local. Discordando do que este mesmo líder estava a relatar ao investigador, outros membros do grupo intrometeram-se na conversa e apresentaram ao investigador a sua versão pessoal das situações ocorridas. Ficou então patente haver uma tentativa de construção de uma imagem positiva por parte deste líder do grupo, algo que era, no entanto, desmentido por alguns factos relatados por outros elementos do grupo. A partir deste jogo o diálogo com os diversos membros da claque tornou-se mais fácil. Mais tarde, dois elementos confessaram que a dificuldade inicial de estabelecimento de diálogo se deveu a

⁶ Muitos membros das claques queixam-se da forma como os jornalistas noticiam as claques, realçando apenas e muitas vezes com sensacionalismo todos os actos negativos perpetrados, sem que a mesma atenção seja dada aos espectáculos dados pelos grupos nos estádios de futebol. Para além disso, foram já publicadas reportagens sobre claques que tiveram na sua base a observação dissimulada dos grupos, com os jornalistas a fazerem alarde disso quando as publicam. Esta abordagem tem provocado profundo desagrado nos membros das claques, ainda que estes reconheçam que os comportamentos noticiados ocorrem em espaços públicos e são assim susceptíveis de ser observados e noticiados. Os elementos das claques argumentam, porém, que tais notícias estão constantemente eivadas de muito exagero na gravidade das situações descritas.

uma certa desconfiança e sobretudo inibição, pois tinham sido avisados que o investigador era já alguém conhecido por estudar as claques e possuidor de muito capital escolar. O sentido das palavras proferidas era evidente e apontava claramente para a sensação de inferioridade referida por Cabral (1983, pp. 333-334) perante alguém percepcionado como tendo «saber <superior>» (Sobral, 1999, p. 378). Ainda hoje se recordam as palavras do Albino, bem reveladoras da razão das dificuldades iniciais de inserção nesta claque: «és doutor sabes como é... um gajo... aqui é uma cambada de burros.»

Observar e participar

O processo de integração nas claques portuenses foi de facto muito favorecido pela «observação participante» efectuada. Como referiram Marconi e Lakatos, esta consiste, precisamente, «na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa nas actividades normais destes.» (1990, p. 82) A «observação participante» permitiu conhecer de forma mais próxima e pormenorizada as actividades levadas a cabo pelas claques em apoio dos clubes – sejam elas levadas a cabo antes ou durante os jogos - bem como a sua forma de organização. A «observação participante» permitiu também ao investigador estar mais próximo das mais diversas condutas dos membros das claques. Como destacou Gil, este método permite «captar as palavras de esclarecimento que acompanham o comportamento dos observados.» (1989, p. 108). A participação nas actividades da claque permitiu por isso ouvir de imediato o que os elementos dos grupos diziam durante as experiências que estavam a viver, quando as mesmas eram muitas vezes produto das fortes emoções sentidas no momento. Na verdade, e como sublinhou Peretz, este método «não se limita aos dados visíveis e aos actos. (...) Recolhe as palavras utilizadas pelos indivíduos observados a fim de caracterizar as pessoas, as situações e os objectos com os quais estão relacionadas» (Peretz, 2000, p. 36) Por conseguinte, durante a «observação participante» efectuada o investigador esteve sempre atento às «conversas de terreno» que os elementos das claques estabeleciam entre si e também com o investigador, não sendo, portanto, «surdo aos propósitos evidenciados pelos indivíduos no decurso dos actos sociais (Peretz, 2000, p. 36)

Face ao exposto, ficam também patentes as razões pelas quais este foi um dos importantes métodos para levar a cabo a investigação, uma vez que o mesmo se revelou o mais ajustado à abordagem de alguns objectivos da pesquisa. Poder-se-á admitir que um investigador que

estivesse presente no seio das claques estudadas, mas não participasse nas suas actividades, pudesse também elaborar um registo das condutas dos membros da claque e ouvisse mesmo assim algumas declarações dos membros das claques durante as situações vividas no seio do grupo. No entanto, e para além do tipo de informação já mencionada, a participação activa nas actividades das claques portuguesas permitiu ao investigador tentar aproximar-se, pela prática de algumas das suas condutas, dos sentimentos e emoções vividas pelos elementos das claques, ainda que a «reprodução» das mesmas seja virtualmente impossível. A «observação participante» efectuada no seio das claques permitiu de facto ao investigador apresentar uma perspectiva dos grupos a partir do interior dos mesmos, uma vez que «observador» e «observados» tendem a posicionar-se do mesmo lado, com o primeiro a tentar tornar-se parte dos segundos e aceder assim às suas referências e vivências (Flick, 2005, p. 144 e Marconi e Lakatos, 1990, p. 82).

Já aludimos a outra das vantagens do recurso à «observação participante». Bernard considera que este método pode reduzir a reactividade de um grupo à presença de um investigador (1994, p. 141).⁷ Tal verificou-se na investigação efectuada. A participação crescente e mais activa em algumas das suas actividades favoreceu bastante o processo de integração nas claques. Com as conversas de terreno que se foram estabelecendo e com o início da participação nas actividades dos grupos, a curiosidade dos elementos das claques portuguesas acerca do investigador foi-se perdendo e este passou a ter uma maior integração nos grupos.

Há, porém, que fazer uma breve consideração sobre a dificuldade de distanciamento, isenção e «objectividade» do investigador durante a «observação participante», não só em consequência da idiosincrasia do próprio, mas também pela influência que os sujeitos observados acabam por ter sobre ele na sequência das interacções estabelecidas (Argilaga, 1995, p. 83 e Marconi e Lakatos, 1990, p. 82) Moreira destacou também estas interacções entre investigador e investigado como interacções entre pessoas, estando o primeiro envolvido por inteiro no que estuda, fazendo por isso parte do processo (1994, pp. 107-108). É certo que a «observação participante é um método que envolve profundamente o investigador enquanto pessoa» (Cabral, 1983, p. 327). Todavia, as seguintes palavras de Cabral são muito pertinentes quanto ao tipo de objecções atrás enunciadas.

o que um etnógrafo que «estuda a sua própria sociedade» arrisca a perder em isenção é muito frequentemente compensado pela profundidade de análise e pela capacidade de ter

⁷ Com efeito, a influência que a presença do investigador poderá ter nas rotinas, actividades e processos sociais dos grupos quando participa nelas pode ser entendida como uma limitação (Flick, 2005, pp. 139, 141 e Marconi e Lakatos, 1990, p. 82) Destaque-se, no entanto, que já Malinowski se referiu ao facto de os indígenas terem deixado de se interessar, alarmar ou mesmo auto-controlar quando ele estava presente, precisamente pelo facto de o verem todos os dias, tendo ele deixado de ser um elemento perturbador (1975, p. 25).

uma perspectiva mais holista, isto é, uma que insira os factos descritos dentro de uma compreensão da sociedade e cultura como um todo. (1983, p. 330)

A experiência de investigação das claques portuenses permitiu ao autor constatar a grande validade desta asserção, uma vez que foi patente que só com o recurso à «observação participante» se tornou possível o acesso a informações e discursos que só circulam no interior do grupo e também a algumas estratégias internas de administração das impressões que as claques pretendem causar nas suas diversas audiências. Ainda como forma de atenuar algumas das debilidades da «observação participante» anteriormente aludidas, alguns autores defendem também a importância de uma autocritica por parte do próprio investigador, e a indicação, por parte destes, dos factores específicos que eventualmente poderão ter influenciado o conhecimento produzido acerca dos grupos estudados (Cabral, 1983, p. 330).

É na esteira de tal recomendação que se optou por fazer referência a alguns posicionamentos pessoais do investigador que influenciaram a sua adaptação e participação nas claques portuenses. O gosto pelos espectáculos futebolísticos e a presença nos mesmos como adepto do *Futebol Clube do Porto* conferiu ao investigador um conhecimento prévio do comportamento típico dos adeptos nos estádios de futebol. Importa, contudo, salientar que, apesar da apetência pelo futebol e da ligação ao clube portista que decorre da condição de adepto, o investigador nunca teve, até à primeira investigação efectuada sobre os *Super Dragões*, nenhum contacto directo ou qualquer vínculo com as claques e seus membros. Delas apenas se conheciam os cânticos e as acções mais visíveis nos estádios (sobretudo as coreografias), bem como as notícias publicadas acerca da violência e vandalismo atribuídas aos seus membros. Se as primeiras são apreciadas pelo autor, a violência e o vandalismo suscitam reprovação.

Ainda relativamente à «observação participante» importa agora descrever de que forma esta foi implementada ao longo dos anos em que foi realizado o trabalho de campo nas claques portuenses. A primeira opção a tomar prendeu-se com o enquadramento da observação, ou seja, em saber onde e quando as claques e seus membros poderiam ser observados. Isto pressupõe o estabelecimento e a delimitação de tempos e espaços de observação (Flick, 2005, pp. 139, 144).

Relativamente ao tempo de observação, este iniciava-se a partir da congregação dos membros da claque antes da realização dos jogos e terminava no momento da sua dispersão. No que ao espaço diz respeito importa estabelecer uma distinção entre os jogos disputados nos estádios dos clubes apoiados pelas claques portuenses e os disputados nos recintos dos clubes adversários. Para os primeiros, as claques congregavam geralmente os seus membros nas suas sedes ou então em cafés próximos dos estádios, dirigindo-se posteriormente para estes recintos

desportivos. Eram, pois, nestes espaços que se efectuaram as observações, uma vez que após os jogos a generalidade dos membros da claque dispersava e apenas os líderes e alguns dos membros mais colaborantes se mantinham no estádio para arrumar o material empregue. Sublinhe-se, no entanto, que depois de alguns jogos se registaram acções que se estendiam a outros espaços, como por exemplo à porta de acesso dos jogadores ao estádio ou algumas ruas situadas nas imediações deste. Quando os jogos se disputaram nos estádios dos clubes adversários, as observações iniciaram-se no local de concentração para a viagem da claque ou nas imediações do estádio visitado, continuando depois durante os jogos e terminando geralmente com o abandono do estádio ou com a dispersão do grupo.

Importa ainda referir que alguns jogos justificam uma preparação especial do apoio prestado pelas claques. Isso é por vezes efectuado noutros espaços e tempos, que não apenas nos dias dos jogos. Algumas destas actividades de preparação foram também alvo de observação. Fora do contexto dos jogos foi ainda possível participar em alguns jantares de celebração dos aniversários das claques portuenses e ainda em alguns jogos de futebol que os próprios grupos organizaram.

A «observação participante» decorreu ainda segundo duas fases que foram também planeadas em função de uma estratégia de adaptação e integração nas claques estudadas. Assim, numa primeira fase, assumiu, sobretudo, um carácter descritivo e visou as actividades dos membros das claques, os materiais utilizados, os acontecimentos em que as mesmas se envolvem e os contextos em que decorrem, os membros que estão presentes, os materiais usados e os signos presentes nestes, os cânticos e ainda as conversas que era possível ouvir, bem como os sentimentos e emoções expressas. Esta opção inicial por um maior pendor da observação relativamente à participação foi também uma estratégia adoptada para evitar qualquer prática ou palavra eventualmente intrusiva ou inconveniente.

Com o aumento do tempo de permanência nas claques, a participação nas suas actividades começou a ser maior. Entretanto aumentou também o número de membros do grupo com quem se dialogava. A participação crescente trouxe também consigo alguns problemas novos. Não houve qualquer participação do investigador em situações de violência, vandalismo ou roubos, ainda que tal pudesse eventualmente criar algum problema à investigação, pois a solidariedade devida ao grupo não aconselhava, por exemplo, uma fuga imediata perante ataques perpetrados por membros de uma claque adversária. Durante o trabalho de campo a protecção policial evitou quase todas essas tentativas de ataque, mas não alguns arremessos de pedras de que se foi alvo por estar inserido nos grupos. Mais perigosas foram, porém, algumas intervenções policiais das quais foi necessário fugir, ainda que não se tenha conseguido evitar uma violenta carga policial.

Mas este tipo de situações e as mais diversas conversas que se estabeleceram com os membros das claques portuenses concorreram para a integração nas mesmas. Esta ficou patente no acesso que o investigador teve a aspectos dos grupos que poderão mesmo ser classificados como segredos e que por isso não são revelados no presente trabalho. Tem-se, no entanto, consciência do muito que ficou por saber de tais segredos. Outro indicador claro da integração conseguida foram os vários pedidos de opinião recebidos relativamente a alguns aspectos do próprio grupo, ainda que se tenha evitado dá-las. A percepção que os elementos da claque tinham do capital escolar «superior» levou também uma das claques investigadas a solicitar ajuda na elaboração de dois textos para o seu sítio da *internet*, ao que o investigador, tendo consciência da sua condição de retribuinte (Cabral, 1983, p. 335) face a um grupo que em muito o ajudou, acabou por anuir.

Relativamente à «observação participante» é ainda importante ter em conta precisamente a necessidade de manter o equilíbrio entre a observação. Como sublinhou Cabral, «a participação total não é consistente nem conciliável com a observação intensa.» (1983, p. 332) Esta dificuldade é acrescida em alguns jogos de futebol muito competitivos, pois estes proporcionam experiências emocionais intensas (Bromberger, 1995, p. 7). Nestes, e uma vez que o envolvimento emocional com o jogo por parte dos membros da claque era extremamente intenso, optou-se por conferir maior pendor à observação e não tanto à participação nas acções de apoio das claques.

Há ainda a considerar a segunda fase da «observação participante» levada a cabo no decurso da investigação. A necessidade de complementar e precisar a informação recolhida durante a primeira fase de «observação participante» conduziu a uma observação mais selectiva e intencionalmente focalizada para os aspectos específicos pretendidos (Flick, 2005, p. 139 e Bernard, 1994, p. 163).

O longo período que durou a «observação participante» foi a condição de possibilidade para conhecer detalhadamente o funcionamento de uma claque. Só dispondo de um tempo longo para a pesquisa de terreno foi possível também avaliar a ampla diversidade de situações em que este tipo de grupo se envolvem. Procurou-se assim «garantir que a investigação abordou a realidade considerando as variações necessárias» (Guerra, 2006, p. 41)

Mas a partir de certo momento ficou patente que tinha sido atingido um ponto de saturação na recolha de dados através da «observação participante» e novas observações pouco poderiam acrescentar. A saturação da informação pode ser entendida, precisamente, como o fenómeno pelo qual se tem a percepção de que muito dificilmente algo de novo poderá ser recolhido com a continuação da aplicação do método (Guerra, 2006, p. 42). Mas para além de constituir um indicador sobre o momento em que se deve parar a recolha de dados, a saturação assume ainda,

do ponto de vista metodológico, uma função de suporte que pode permitir a generalização dos resultados (Guerra, 2006, p. 42).

Como se pretendia, o recurso à «observação participante» possibilitou a recolha de informações fundamentais para a investigação, sendo necessário o seu registo. As informações obtidas foram então anotadas em quatro diários de campo, cada um relativo às claques pesquisadas, e registadas sob a forma de diário de jogo. Em cada um deles registaram-se os dados recolhidos antes, durante a partida e seu intervalo, bem como as ocorrências após o encontro. Esta sequência temporal que norteou também o tempo de observação acaba assim por se constituir também como uma grelha de registo que estruturou a análise dos registos efectuados (Peretz, 2000, pp. 119, 121). No diário de campo relativo a cada claque foram ainda anotadas as informações resultantes das observações efectuadas durante algumas actividades já mencionadas e que ocorrem fora do contexto de um jogo de futebol.

Todos estes registos foram posteriormente sujeitos a análise. O primeiro critério de organização foi cronológico, não apenas relativamente às datas de observação, mas sobretudo ao nível da sequência temporal já enunciada para o registo da observação adstrita a cada jogo. Este critério revelou-se, contudo, insuficiente para os objectivos pretendidos. Foi então necessário cruzar com uma análise temática. Estabeleceram-se categorias em função das actividades das claques, das acções e interacções dos seus membros, dos lugares em que estas ocorriam ou ainda dos diálogos estabelecidos pelos membros dos grupos (Hammersley e Atkinson, 1994, p. 184). Esta análise levou ainda em conta a regularidade e a sequência destes desempenhos, assim como o contexto em que todos eles ocorriam (Peretz, 2000, pp. 143, 145).

As entrevistas como conversações ⁸

A observação dos vários desempenhos e interacções dos membros das claques portuenses nos vários espaços e tempos de participação no contexto de um jogo de futebol, sendo fundamental, era todavia insuficiente para alcançar alguns dos objectivos propostos. Com efeito, reitera-se que se procurou conhecer, através do próprio discurso dos membros das claques, as motivações, expectativas e experiências vividas por eles no seio destes grupos. A presente investigação

⁸ Expressão que designa a posição adoptada na realização e condução das entrevistas. No seguimento do que referiu Pais, procurou-se que as entrevistas não decorressem apenas em função dos interesses do investigador e do que ele pretendeu ouvir, mas também em função dos discursos dos entrevistados (1999, p. 20). Burgess reporta-se mesmo a uma antiga tradição das ciências sociais que considera as entrevistas como «conversas com um objectivo.» (1997, p. 112)

procurou também ouvir os membros das claques acerca da sua biografia e trajetórias pessoais, incluindo ainda as atitudes face a importantes instituições estruturantes como a família, a escola e o trabalho ou mesmo o espaço residencial em que se inserem. Pretendeu-se também registar, nas próprias enunciações, as convicções políticas e religiosas, bem como as preferências ao nível do lazer. Não se acede a tais informações através da mera observação (Burgess, 1997, p. 116) Tornou-se, portanto, necessário conhecer as narrativas pessoais dos membros das claques portuenses.

Para levar a cabo este tipo de investigação recorreu-se então à realização de entrevistas, tendo estas sido fundamentais. A entrevista é uma técnica pela qual «o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objectivo de obtenção dos dados que interessam à investigação.» (Gil, 1989, p. 113) Através da sua realização poderemos recolher informações em profundidade sobre factos e percepções sobre os mesmos, registar opiniões, sentimentos, emoções ou desejos, ouvir as pessoas acerca das suas motivações, captar relatos sobre acções e acontecimentos passados e ideias para projectos futuros (Marconi e Lakatos, 1990, p. 84 e Gil, 1989, pp. 113-114). Elas emergiam assim como uma técnica fulcral para atingir alguns dos objectivos da pesquisa.

Optou-se pela realização de entrevistas semi-estruturadas. Este tipo de entrevista combina duas características. Por um lado procura-se que a generalidade dos entrevistados abordem um conjunto de temas que estruturam o denominado «guião de entrevista». Este é formado por uma lista de tópicos sobre os quais se pretende que o interlocutor se expresse. Da «observação participante» e da pesquisa bibliográfica efectuada emergiram um conjunto de temas que serviram de base à elaboração do guião de entrevista.⁹ Procurou-se, deste modo, tentar assegurar a amplitude dos temas abordados, no sentido em que se procurou que os entrevistados se reportassem a eles (Flick, 2005, p. 79), mantendo uma certa orientação da entrevista nos temas relevantes através da condução dos entrevistados para a sua abordagem.

Por outro lado, pretendeu-se igualmente com a entrevista semi-estruturada permitir que os entrevistados expressassem com mais facilidade os seus pontos de vista, sentimentos, emoções e os significados atribuídos às experiências vividas (Flick, 2005, p 77). Se é certo que foi elaborado um guião de entrevista onde se plasmaram os temas relativamente aos quais se pretendia que os membros das claques se pronunciassem, à semelhança da opção seguida por Pais, procurou-se também evitar ao máximo que estes «ficassem constrangidos por sequências narrativas impostas por um guião rígido que, normalmente, obedece a modelos analíticos pré-concebidos – por vezes

⁹ Para a preparação e elaboração do guião de entrevista que se apresenta no apêndice I deste trabalho foram pertinentes as etapas propostas por Moreira (1994, pp. 136-137).

com excessiva rigidez – pelo investigador.» (2001, p. 109) Tentou-se assim que, a partir dos tópicos do guião, fossem geradas questões abertas passíveis de dar oportunidade aos indivíduos para elaborarem as suas próprias narrativas, estimulando mesmo discursos relativos à sua biografia (Flick, 2005, pp 87, 89 e Pais, 2001, p. 109). Pretendeu-se que as entrevistas se constituíssem como conversas com um forte pendor narrativo da parte dos entrevistados, até porque um menor grau de estruturação é claramente desejável quando se pretende aceder à singularidade das experiências vividas (Pais, 2001, p. 126).

Uma das características das entrevistas semi-estruturadas «é a incorporação de perguntas mais ou menos abertas, no guião. Espera-se que o entrevistado responda livremente a essas perguntas.» (Flick, 2005, p. 94) A opção tomada teve consequências na condução das entrevistas realizadas. Os entrevistados foram colocados perante questões abertas, esperando-se que falassem livremente sobre as temáticas suscitadas. O ponto de vista dos entrevistados e a sua subjectividade foram, portanto, muito valorizados, procurando-se assim uma abordagem interpretativa. As entrevistas acabaram por revelar algumas dissonâncias entre o comportamento do entrevistado que tinha sido observado, e o seu discurso – por vezes de negação – acerca do mesmo. Quando se julgou pertinente e não perturbador ou intrusivo para o entrevistado, este foi convidado a esclarecer tal dissonância.¹⁰ Esta, e mesmo negação em alguns casos, poderão ser desde logo interpretadas como uma estratégia de administração das impressões que o entrevistado pretende efectuar perante o seu entrevistador.

Na sequência das suas narrativas, alguns entrevistados introduziram considerações que se revelaram pertinentes. Alguns recuperaram mesmo experiências passadas que partilharam com o investigador. Na sequência da abordagem de algumas esferas da sua experiência pessoal, como por exemplo a família, a escola ou o trabalho e apenas para destacar as que assumiram maior relevância, alguns membros das claques fizeram emergir relatos de cariz biográfico que permitiram situá-los nos seus contextos sociais.¹¹

O interesse em tais relatos levou a que o investigador solicitasse uma nova entrevista, esta não estruturada, durante a qual se concedeu plena liberdade para eles organizarem a sua narrativa

¹⁰ Esta foi a diferença entre o fazer e o dizer que Iturra (1986, p. 156) considerou adequado distinguir e que Peretz procurou também ilustrar (2000, pp. 25-26).

¹¹ Schutz conferiu grande destaque a este enquadramento das biografias, referindo que «Todo momento da vida de um homem é a situação biográfica determinada em que ele se encontra, isto é, o ambiente físico e sócio-cultural conforme definido por ele, dentro do qual ele tem a sua posição, não apenas posição em termos de espaço físico e tempo exterior, ou de seu *status* e papel dentro do sistema social, mas também sua posição moral e ideológica. Dizer que essa definição da situação é determinada em termos biográficos significa dizer que ela tem a sua história; é a sedimentação de todas as experiências anteriores desse homem, organizadas de acordo com as «habituais» de seu estoque de conhecimento à mão, que como tais são posses unicamente dele, dadas a ele e a ele somente.» (1979, p. 73) Pais sublinhou igualmente que «não conseguimos experienciar a vida da forma que a experienciamos se não tivéssemos tido as experiências que tivemos.» (Pais, 2001, pp. 93-94)

biográfica e delinearem os seus perfis biográficos. ¹² Estes serão apresentados ao longo do livro inseridos entre duas linhas que os destacarão. Sublinhe-se, no entanto, que os mesmos não deixaram de ser de pequena escala e elaborados a partir dos episódios sócio-biográficos escolhidos e narrados pelos próprios.

Levar a cabo esta abordagem narrativa implicou uma escolha dos membros das claques portuenses a entrevistar. Para tal foram tidos em conta diversos factores. O primeiro prende-se com o critério que permite considerar um indivíduo presente na claque como membro da mesma. Na presente investigação considerou-se como membro de uma claque o indivíduo que a integra com regularidade e participa nas actividades do grupo em apoio ao clube, pelo menos durante uma época futebolística. ¹³

Para escolher os membros das claques muito contribuiu então a «observação participante» efectuada no seio dos grupos. Esta permitiu um contacto próximo com os elementos dos grupos e o estabelecimento de relações de confiança. Tal possibilitou um conhecimento dos grupos suficiente para seleccionar aqueles que poderiam ser considerados, não só membros das claques, mas também socialmente representativos da diversidade interna que se constatou existir. Optou-se, por isso, pela denominada amostra por contraste, dado que esta visa construir um quadro composto por indivíduos que podem ser diferenciáveis em função de algumas variáveis (Guerra, 2006, p. 45).

Uma delas foi o sexo. A inserção no grupo permitiu constatar de imediato a prevalência de elementos do sexo masculino, mas também a presença de elementos femininos. Por conseguinte, e não obstante a clara maioria de membros do sexo masculino entrevistados, foram também entrevistados alguns elementos do sexo feminino das claques *Super Dragões*, *Panteras Negras* e *Colectivo Ultras 95*. Nas duas primeiras, havia mesmo um elemento do sexo feminino próximo da direcção. A *Alma Salgueirista*, não obstante ter à época no seu registo quatro associadas, não tinha regularmente no seu seio nenhum membro feminino, ainda que, por vezes, uma ou outra rapariga tenha integrado o grupo em companhia do seu namorado.

Outras duas variáveis consideradas foram a idade e a antiguidade dos membros das claques. Procurou-se entrevistar jovens membros das claques e outros já mais velhos, com muitos anos de

¹² Recorre-se assim à expressão empregue por Poirier *et al.* (1995, pp. 106-107) para designar o desenho da história de vida, ainda que neste relatório os perfis biográficos elaborados tenham assumido outra forma de quadro, que não a apresentada pelos autores na sua obra.

¹³ A condição de sócio da claque, embora represente uma adesão formal à mesma, é insuficiente para conferir a condição de membro, pois a ela nem sempre corresponde o desempenho activo no apoio ao clube que a condição de membro da claque pressupõe. São muitos os que se inscreveram como sócios das claques apenas para usufruírem das vantagens que estas, por vezes, conferiam aos associados, ou então, para contribuírem financeiramente para o grupo, o que se verifica, sobretudo, na *Alma Salgueirista*. Ao invés, a consulta do registo de associados evidenciou igualmente que muitos membros activos das claques não estão inscritos como sócios das mesmas.

presença no grupo e, portanto, capazes de dar uma perspectiva da evolução dos grupos. Nas claques *Alma Salgueirista*, *Super Dragões* e *Panteras Negras* conseguiu-se mesmo encontrar e entrevistar os seus fundadores. Tal problema não se colocou na claque *Colectivo Ultras 95*. Sendo mais recente, os seus fundadores ainda permaneciam no grupo.

A escolha dos entrevistados procurou ainda contemplar membros com diferentes enquadramentos familiares, residenciais, profissionais e volumes distintos de capital escolar. Neste processo de selecção gradual de entrevistados em função da procura de uma variância máxima cujo intuito foi incluir indivíduos distintos e que evidenciam os vários perfis em co-presença nas claques (Flick, 2005, p. 71) procurou-se ainda entrevistar elementos do grupo com diferentes atitudes no mesmo. Se alguns eram meros membros do grupo que pretendem apenas apoiar o clube, outros assumiam cargos de direcção e liderança. Enquanto uns são críticos das direcções dos grupos, outros ousam envolver-se intencionalmente em confrontos violentos, em actos de vandalismo, furtos ou mesmo roubos.

Importa ainda referir que na claque *Super Dragões* procurou-se ainda entrevistar elementos pertencentes ao núcleo de Lisboa. Esta opção teve como objectivo específico confrontá-los com a representação acerca da capital do país perfilhada por muitos membros do grupo.

A escolha dos membros das claques portuenses a entrevistar privilegiou a amplitude e consequentemente, como referiu Flick, «o campo na sua diversidade, utilizando o maior número possível de casos diferentes, para apresentar dados sobre a distribuição dos modos de ver ou experienciar certas coisas» (2005, p. 72). Por sua vez, a selecção dos elementos das claques cuja narrativa biográfica se revelou pertinente para a investigação teve por objectivo uma análise mais profunda concentrada em exemplos singulares (Flick, 2005, p. 72), mas que, pelas características que encerram, são típicos e socialmente representativos de alguns perfis sociais presentes nos grupos, sendo estes considerados em função das variáveis a que se aludiu. Tal selecção foi, por isso, efectuada tendo em conta os princípios que definem a amostra por tipicidade (Gil, 1989, p. 97, Marconi e Lakatos, 1990, pp. 48-49 e Flick, 2005, p. 71)

Importa ainda fazer uma última consideração acerca da escolha de elementos das claques a serem entrevistados. Esta orientou-se essencialmente por critérios de compreensão e não de representatividade estatística (Pais, 2001, p. 110). Consequentemente, e tal como Pais referiu, as estratégias de selecção orientaram-se para a constituição de amostras estratégicas e intencionais que permitissem a recolha de informação suficiente para o nível de compreensão pretendido (2001, p. 110).

O número de membros das claques portuenses que foram entrevistados foi também consequência dos mesmos critérios. O mesmo não foi determinado *à priori*, surgindo antes na

sequência do recurso à amostragem por contraste. Como foi afirmado, vários membros das claques foram escolhidos em função do seu enquadramento nas variáveis já mencionadas, considerando-se que a partir de várias entrevistas se podem identificar tendências passíveis de serem encontradas em outros membros que se encontram em situação semelhante (Pires in Guerra, 2006, p. 46). Assim, conforme aumentava o número de entrevistados, e apesar disso os discursos registados não faziam emergir novidades significativas acerca de tais variáveis, começou a tornar-se patente a saturação da informação recolhida. Face ao exposto, as entrevistas de membros da claque *Super Dragões* cessaram quando se atingiu o número de quarenta entrevistados e as informações recolhidas começaram a revelar-se redundantes. Relativamente às claques *Panteras Negras* e *Colectivo Ultras 95* as vinte entrevistas realizadas revelaram-se também suficientes para os objectivos pretendidos. Tal foi ainda mais evidente na *Alma Salgueirista* em que as doze entrevistas realizadas corresponderam a cerca de metade do seu número de membros regulares. Na verdade, como destacaram Ghiglione e Matalon, «Quando utilizamos métodos não estandardizados, entrevistas não directivas ou entrevistas estruturadas, é inútil inquirir um grande número de pessoas.» (1993, p. 60) Estes autores referiram ainda que «a experiência mostra que, para temas habitualmente tratados através destes métodos, é raro vermos surgir novas informações após a vigésima ou trigésima entrevista.» (Ghiglione e Matalon, 1993, p. 60) ¹⁴

Numa breve referência aos aspectos relacionados com a realização das entrevistas, mencione-se que os elementos das claques portuenses foram de antemão informados sobre o objectivo das mesmas. Estas foram realizadas nos locais e no horário proposto pelos entrevistados, tendo todos eles acedido à gravação das suas declarações. Foi também dito aos membros dos grupos que a protecção da sua identidade e o anonimato das suas declarações seria feita através da atribuição de um nome fictício. Concluída a entrevista, solicitou-se aos entrevistados a disponibilidade para uma segunda entrevista caso a mesma se viesse a revelar necessária, como o foi para alguns sobre os quais se elaborou o perfil biográfico. Refira-se, por fim, que as entrevistas efectuadas foram transcritas integralmente para posterior análise do seu conteúdo.

Tal foi efectuado segundo o processo proposto por Poirier et al., para análise de conteúdo das histórias de vida, procurando-se então seguir as operações práticas delineadas por estes autores (1995, pp. 102-122). A opção por este processo muito simplificado de análise de conteúdo suscita justificação. Como já ficou patente, procurou-se a realização de entrevistas de cariz compreensivo e uma análise das mesmas de acordo com o mesmo cariz. Isto enquadra-se numa estratégia

¹⁴ Guerra aponta as trinta ou quarenta entrevistas como referência a partir da qual a informação recolhida já não terá grande novidade (Guerra, 2006, p. 46).

restitutiva que, segundo Guerra, «tem como objectivo fazer grande uso da linguagem dos entrevistados e remetê-la dessa forma ao leitor» (2006, p. 30) e confere grande importância às palavras e subjectividade dos sujeitos. Na sequência desta posição, Guerra sublinhou que «O trabalho de análise de conteúdo acaba por ser muito redutor, limitando-se a <contar o que nos foi contado>, considerando-se que a palavra dos interlocutores é transparente e que essas narrações exemplificam situações típicas.» (2006, p. 30) Com efeito, e como destaca Pais, as transcrições e posteriores codificações e categorizações levam a descontinuidades e rupturas nos discursos dos sujeitos (2001, p. 113) Este autor acrescentou ainda o seguinte:

Se é verdade que toda a lógica de discurso, todo o contínuo da fala, detém uma espécie de força de segurança que deriva do seu próprio encadeamento discursivo, também é certo que a análise de conteúdo é o estilhaçar dessa unidade encadeada; é um desvelar de sentido, mas, ao mesmo tempo, um despedaçar desse mesmo sentido; é uma sequência de fragmentos cortados, um esquartejamento de uma unidade de sentido que dá lugar, sub-repticiamente, a outros sentidos (interpretativos) (Pais, 2001, pp. 113-114)

No entanto, Pais alerta também para a tendência para nos determos apenas nos «conteúdos directos» dos textos decorrentes da transcrição das entrevistas (2001, p. 115). Este autor realça também que «o conteúdo de um texto não é o texto em si mesmo mas algo em relação ao qual o texto funciona, de certo modo, como instrumento.» (Pais, 2001, p. 115) A opção pela análise de conteúdo das entrevistas efectuadas em função da proposta de Poirier et al. representa de certa forma também a procura de um equilíbrio entre duas posições. Pretendeu-se que a análise de conteúdo a efectuar não ficasse apenas limitada a meras e longas transcrições dos discursos dos entrevistados. Todavia, estará mais próxima desta posição do que de uma posição tradicional de grande fragmentação do discurso singular e estruturado dos sujeitos apenas em função das hipóteses e quadros teóricos de referência a verificar por parte do investigador que muitas vezes chega mesmo à semântica quantitativa que poderá ser conducente a uma certa rarefacção das percepções, sentidos e lógicas argumentativas dos entrevistados (Guerra, 2006, pp. 29-30).

Poirier et al. não deixaram de referir que as grelhas de análise são elaboradas tendo em conta perspectivas teóricas das quais decorrem princípios orientadores da recolha de dados (1995, p. 111) É certo que na análise de conteúdo efectuada foram considerados os princípios inerentes aos quadros teóricos desenvolvidos sobre o tema investigado. Estes marcaram a sua influência na construção de categorias em função das quais tal análise foi feita. Temas como a profissão, a escola, a família, a proveniência residencial, o lazer ou mesmo a religião ou a política foram disso um exemplo.

No entanto, e tal como os mesmos autores destacam relativamente às histórias de vida, as entrevistas levadas a cabo «não constituem, de modo algum, um inquérito verificatório, não visam nem estabelecer leis, nem provar hipóteses.» (Poirier et al., 1995, p. 111) Elas tiveram antes como função principal «recolher testemunhos, elucidá-los e descrever acontecimentos vividos.» (Poirier et al., 1995, p. 111) Desta recolha de testemunhos e acontecimentos vividos no quadro da experiência de participação nas claques portuenses emergiram outros temas, como por exemplo a motivação para a presença nestes grupos, experiências de participação nas actividades da claque, nas viagens, posicionamento face a actos de violência, vandalismo e furto, envolvimento na estrutura organizativa dos grupos e outros, que foram também contemplados pelas categorias presentes nas grelhas de análise de conteúdo das entrevistas realizadas.

A análise de conteúdo privilegiou por isso, e numa primeira fase, «uma dimensão descritiva que visa dar conta do que nos foi narrado». (Guerra, 2006, p. 62) A esta seguiu-se uma «dimensão interpretativa que decorre das interrogações do analista face a um objecto de estudo». (Guerra, 2006, p. 62) Importa, pois, destacar a forma como esta foi efectuada através das operações práticas propostas por Poirier et al. (1995, pp. 110-122) contemplando também as duas dimensões referidas. Procurou-se inicialmente a elaboração de uma grelha de análise que contemplou categorias emergentes dos temas já seleccionados e de outros que a pertinência do discurso dos entrevistados acabou também por suscitar.¹⁵

Foi então efectuada uma leitura completa de cada uma das entrevistas seleccionadas, tendo o texto sido sublinhado com diferentes cores¹⁶ em função dos temas em análise. Cada entrevista é assim «relida de maneira a dividir o seu texto de forma a fazê-lo entrar no sistema categorial. Proceder-se de forma idêntica para cada depoente.» (Poirier et al., 1995, p. 114) Tal corresponde a uma análise vertical do conteúdo das entrevistas que preserva a consistência do próprio relato individualizado (Pais, 1999, p. 15) Tal como referiram Poirier et al., as entrevistas são assim «relidas e recortadas em função de cada tema-objecto previsto na grelha.» (1995, p. 115)

Tomando por base a análise vertical efectuada em que cada entrevista foi analisada em si mesma, tornou-se então possível levar a cabo a análise horizontal dos discursos registados. Estabelece-se assim a relação entre as diferentes entrevistas, uma vez que através desta análise é possível apreender num todo o conjunto de respostas específicas de cada entrevistado a cada um dos temas considerados. Como mencionaram Poirier et al., esta análise horizontal «resulta do encadeamento, trecho a trecho, da totalidade do discurso organizado pelo sistema categorial. Os

¹⁵ Este último aspecto referido é importante, pois, como destacou Guerra, da primeira leitura «muito próxima do material das entrevistas, é natural que surjam novas temáticas (descritivas) e problemáticas (níveis que permitem novas interpretações sobre o fenómeno a estudar).» (Guerra, 2006, p. 70)

¹⁶ O recurso às cores foi também proposto por Guerra (2006, p. 70).

enunciados, desta forma destacados e reagrupados, (...) reúnem, numa temática global, as mensagens e informações recolhidas.» (Poirier et al., 1995, p. 119). No entanto, é importante sublinhar que a análise de conteúdo das entrevistas não terminou com a referida análise horizontal, uma vez que é claramente insuficiente a mera justaposição das partes dos discursos dos entrevistados acerca de um mesmo tema. É fundamental proceder à selecção do que de mais significativo foi dito acerca das várias temáticas a considerar (Poirier et al., 1995, p. 119).¹⁷

Importa por fim destacar que não obstante o discurso de cada um dos entrevistados ser peculiar e diferenciar-se dos outros, a análise de conteúdo aponta para atitudes, padrões de comportamento e experiências comuns, ainda que vividas por cada um na sua subjectividade (Pais, 2001, p. 125).

Questionar o grupo

As entrevistas dadas pelos membros das claques portuenses permitiram conhecer os seus discursos acerca das motivações para aderirem à claque, as várias dimensões da sua experiência de pertença e participação nas mesmas, assim como o seu posicionamento face à família, profissão, escola, religião, política, lazer e mesmo zona residencial. Mas tal afigurou-se insuficiente para delinear os perfis sociais dos membros das claques pesquisadas, configurados em função do enquadramento destes na sua família, no trabalho, na escola e da atitude face à religião e política, bem como das motivações para a adesão à claque e do envolvimento em violência e furtos no seio da mesma.

O inquérito por questionário, pela possibilidade de quantificação que proporciona, foi a técnica de investigação mais ajustada a uma melhor avaliação dos diferentes perfis sociais dos membros das claques portuenses, bem como a uma comparação da sua presença nas diferentes claques pesquisadas. Procurou-se assim, com a administração de um inquérito por questionário, complementar a informação recolhida pelos métodos qualitativos empregues nesta investigação.

18

¹⁷ O volume de textos coligidos impossibilitou a concretização das sinopses das entrevistas apresentadas em quadro, conforme proposta de Guerra (2006, pp. 73-74). A partir da análise vertical efectuada e devidamente assinalada nos textos com cores optou-se antes pela elaboração de uma base de dados que conjugava o nome dos entrevistados e o enquadramento dos seus discursos nas categorias estipuladas.

¹⁸ O inquérito por questionário contempla questões sobre a família, escola, profissão, religião e política. O questionário que serviu de base ao estudo intitulado *Jovens Portugueses de Hoje* coordenado por Manuel Villaverde Cabral e José Machado Pais (1998) foi tomado como referência para as questões sobre estas temáticas. As questões relativas às motivações conducentes ao ingresso na claque tiveram em conta o estudo elaborado por Wann et al (2001) sobre a origem das identificações com os clubes. Foram ainda incluídas duas questões sobre o envolvimento dos membros

Mas pelas razões já apresentadas, o registo de associados da claque não pôde ser tomado como universo, uma vez que neste estão incluídos indivíduos nunca ou muito raramente presentes nas claques. Ao invés, muitos dos membros mais activos não estão sequer registados como sócios. Houve assim que dar resposta às limitações decorrentes da impossibilidade de determinar, com o devido rigor, o universo de membros das claques portuenses.

Este óbice não se colocou relativamente à claque *Alma Salgueirista*, uma vez que a administração de 20 questionários a elementos da *Alma Salgueirista* que regularmente marcavam presença nos jogos abrangeu praticamente todo o grupo, ainda que se admita que um ou outro possam não ter estado presentes nos dias em que esta foi feita. Por conseguinte, nesta claque não se colocou o problema da representatividade. Todavia, quanto às claques *Super Dragões*, *Colectivo Ultras 95* e *Panteras Negras*, procurou-se ultrapassar as limitações mencionadas com a tentativa de estimar o universo de cada uma delas. Recorreu-se, para tal, a dois indicadores.

O primeiro adveio do número de bilhetes vendidos pelas claques *Super Dragões*, *Colectivo Ultras 95* e *Panteras Negras*.¹⁹ Relativamente às claques portistas, um líder dos *Super Dragões* referiu uma média aproximada de 1500 bilhetes quando o *Futebol Clube do Porto* joga no seu estádio, enquanto que um dos líderes do *Colectivo Ultras 95* aponta para um valor médio na ordem dos 350 bilhetes para a sua claque. Por sua vez, um ex-presidente dos *Panteras Negras* assegura que no estádio do Bessa a claque vende os 200 bilhetes concedidos pela direcção. Mas mesmo estes números suscitam, todavia, reservas. Por um lado os bilhetes são também vendidos a adeptos e por isso o número de ingressos não corresponde exactamente a membros das claques, pecando por excesso. Mas tal cifra excessiva é corrigida e nivelada pelo número de elementos das claques que, dispendo de lugar anual, estão presentes no grupo sem precisarem de adquirir bilhete.

Um segundo indicador advém do número de elementos destas claques que, em média, viajam com o grupo. O mesmo líder do *Colectivo* mantém que esta claque, mesmo nos jogos disputados no terreno do adversário, viaja regularmente com cerca de 350 membros. Para o mesmo ex-presidente da claque *Panteras Negras* a claque viajava regularmente com uma média de 150 a 200 elementos. Relativamente aos *Super Dragões*, se é verdade que alguns apenas acompanham esporadicamente as claques nas viagens para os jogos mais importantes e portanto não se poderão considerar membros das mesmas, outros há, que o sendo, viajam em carros particulares.

das claques portuenses em confrontos e em furtos ou roubos. De referir que a elaboração das questões teve em conta o próprio léxico empregue pelos elementos das claques. Procurou-se assim que este instrumento de recolha de dados estivesse mais «próximo» das expressões a que recorrem os indivíduos que responderiam às questões.

¹⁹ Tais bilhetes são disponibilizados pelos clubes às claques por um preço mais baixo e posteriormente vendidos por estas, com ou sem margem de lucro consoante as claques e os jogos.

O líder dos *Super Dragões* contactado apontou, por isso, para uma média de cerca de 700 indivíduos. No entanto, os dados registados pela Brigada da Polícia de Segurança Pública que acompanha sempre os *Super Dragões* nas suas viagens aponta antes para uma média de 900 elementos.

A conjugação dos indicadores referidos levou a uma projecção de um universo médio, por jogo, estimado em aproximadamente 1200 elementos para a claque *Super Dragões*, 350 elementos para a claque *Colectivo Ultras 95* e 200 membros para a claque *Panteras Negras*. Tratando-se de um universo estimado, os factores geradores de indeterminação e enviesamento que foram aqui destacados reforçam a impossibilidade de delimitar com rigor o número de membros da claque. Também não houve qualquer base de amostragem (Moreira, 1994, p. 76), ou seja, uma lista de todos os membros do grupo a partir da qual se pudesse seleccionar uma amostra aleatória através de um sorteio, da aplicação de um intervalo regular ou pelo recurso a uma tabela de números aleatórios. Não foi assim possível garantir que todos os indivíduos das claques pesquisadas tivessem a mesma possibilidade (não nula) de fazer parte da amostra. Para além da inexistência de uma base de amostragem, bastava apenas que alguns dos membros das claques não estivessem presentes no grupo nos dias em que os inquéritos foram administrados para inviabilizar tal possibilidade. Considerando que «em princípio, uma amostra é representativa se as unidades que a constituem forem escolhidas por um processo tal que todos os membros da população tenham a mesma probabilidade de fazer parte da amostra» (Ghiglione e Matalon, 1993, p. 32), poderá concluir-se do exposto que está comprometida a possibilidade de recurso a uma amostra probabilística com representatividade estatística, uma vez que nesta investigação ela não foi possível.

Atendendo a estas dificuldades, estamos perante uma amostragem não probabilística. É certo que esta impossibilita a representatividade estatística, pois não é possível estimar, pelo erro de amostragem e nível de confiança, a probabilidade da amostra reflectir as características da população (Hill e Hill, 2000, 44). Neste tipo de amostragem, a probabilidade de cada membro do grupo ser seleccionado depende também do investigador. Isto implicou um cuidado ainda maior na selecção dos membros das claques a inquirir. Não havendo um registo rigoroso de membros das claques pesquisadas, considerou-se nesta investigação como membro de claque os indivíduos que marcam uma presença frequente no seio da claque em dias de jogos e participam com regularidade nas suas actividades em prol do apoio ao clube no estádio. Procurou-se então administrar o inquérito por questionário apenas a indivíduos passíveis de ser enquadrados nesta condição pelo facto de respeitarem os dois critérios que a consubstanciam. A sua selecção surgiu em consequência do julgamento e avaliação do próprio investigador. Não obstante a

subjectividade formal desta selecção, o longo tempo de permanência nos grupos em processo de «observação participante» e o bom grau de integração nos mesmos permitiu, com um considerável grau de segurança, questionar indivíduos que cumpriam claramente os dois critérios mencionados e dos quais se podia dizer seguramente que eram membros das claques. Os próprios reforçaram tal avaliação considerando-se como tal.

Esta opção configurou uma amostra por tipicidade. Esta «consiste em seleccionar [sic] um subgrupo da população que, com base nas informações disponíveis, possa ser considerado representativo de toda a população.» (Gil, 1989, p. 97). Na presente investigação, e a partir do conhecimento que detinha acerca dos indivíduos presentes nas claques, o investigador seleccionou aqueles que poderiam assumir a condição de membros das mesmas por cumprirem os dois critérios enunciados, criando assim, para a claque *Super Dragões*, *Colectivo Ultras 95* e *Panteras Negras*, um subgrupo de membros que compuseram uma amostra. Com esta opção pôde-se assegurar que todos os inquiridos assumiam, de facto, tal condição. Garantiu-se assim uma «representatividade qualitativa», sendo esta uma importante vantagem decorrente do recurso a este tipo de amostra. Esta estratégia de amostragem baseou-se, portanto, na «procura de um subgrupo que seja *típico*, em relação à população como um todo.» (Markoni e Lakatos, 1990, p. 48) Para Ackoff, este tipo de subgrupo «é utilizado como <barómetro> da população. Restringem-se as observações a ele e as conclusões obtidas são generalizadas para o total da população.» (1967, p. 161)

Se a amostra por tipicidade permitiu seleccionar os membros das claques *Super Dragões*, *Colectivo Ultras 95* e *Panteras Negras* a inquirir, o recurso a uma amostra por quotas acabou por definir o número de membros destas claques a inquirir. Esta técnica de amostragem é elaborada tendo em conta a proporção conhecida ou estimada que as diversas classes ou subgrupos determinados em função de dimensões ou variáveis consideradas pertinentes para a pesquisa assumem na população alvo da mesma. Numa amostra por quotas, a proporção que cada uma das classes ou subgrupos assume na composição da amostra deverá ser idêntica à proporção com que a mesma classe ou subgrupo se encontra representada na população investigada (Bravo, 1992, pp. 195-196, Gil, 1989, pp. 97-98 e Lakatos e Marconi, 1990, pp. 49-51).²⁰

No caso concreto da presente investigação, a construção da amostra por quotas teve em consideração a população estimada para as claques *Super Dragões*, *Colectivo Ultras 95* e *Panteras Negras* e a proporção que cada uma representa no universo estimado global de membros destas três claques. Este resulta da soma do universo estimado para cada uma delas.

²⁰ Os procedimentos para a elaboração desta amostra por quotas são análogos aos que são aplicados na elaboração de uma amostra aleatória estratificada (Hill e Hill, 2000, p. 50).

Procurou-se então reproduzir e repercutir de forma idêntica na amostra elaborada as proporções que cada claque assume no universo estimado resultante da agregação dos três grupos. O quadro que se segue evidencia a composição da amostra por quotas elaborada em função da proporção que cada uma destas três claques assume no universo estimado que resulta da congregação das mesmas.

Quadro N.º 1 **Universo estimado e amostra por quotas**

Claques	Universo Estimado	Proporção (%)	Amostra Obtida	Proporção (%)
Super Dragões	1200	68,5%	131	68,5%
Colectivo Ultras 95	350	20%	40	20,9%
Panteras Negras	200	11,4%	20	10,4%
Total	1750	100%	191	100%

Como demonstrou o quadro apresentado, na sequência do recurso a esta técnica de amostragem e com o intuito de respeitar a proporcionalidade que cada claque assume no conjunto formado universo estimado dos três grupos, foram seleccionados, para administração do inquérito por questionário, 131 membros da claque *Super Dragões*, 40 elementos da claque *Colectivo Ultras 95* e 20 membros da claque *Panteras Negras*. Considerando o universo estimado para o conjunto de membros destas três claques, verifica-se que o número total dos seus elementos que foram inquiridos corresponde a uma fracção amostral superior a 10%. ²¹

Como já se referiu, a amostra por quotas não é probabilística, estando, por isso mesmo, comprometida a sua representatividade estatística. Como refere Bravo, não se pode aplicar à amostra por quotas as fórmulas que permitem calcular as suas margens de erro (1992, p. 196). Estas seriam afectadas por enviesamentos que, por sua vez, também não eram passíveis de quantificação. Sublinhe-se ainda que a amostra por quotas é considerada por Gil, entre as técnicas de amostragem não probabilísticas, a que «apresenta maior rigor.» (1989, p. 97). Na verdade, esta amostra tem o mérito de contemplar as várias classes ou subgrupos que compõem o universo, algumas vezes até, como o caso da presente investigação, na mesma proporção que se presume ou estima estarem presentes no conjunto da população investigada.

²¹ A fracção amostral corresponde à percentagem que a amostra representa relativamente ao universo (Bravo, 1992, p. 180). É a proporção da população que é representada pela amostra (Vaus, 2002, p. 364). O respeito por uma fracção amostral de 10% ou superior tem a sua importância em populações relativamente pequenas, como são as claques investigadas (Vaus, 2002, p. 364).

Sobre a (não) representatividade estatística de uma amostra importa ainda ter em conta alguns aspectos gerais. Tal como destaca Moreira, são várias as investigações no âmbito da Antropologia que assentam em pequenas amostras, apesar destas não permitirem extrapolações precisas para as populações nas quais se incluem (1994, p. 80). No entanto, o mesmo autor não deixa de salientar que «o uso de amostragem probabilística é frequentemente irrealista (e irrelevante) na pesquisa de pequena escala ou qualitativa. É outro, com efeito (...) o tipo de amostragem que lhe convém.» (Moreira, 1994, p. 80) De facto, o recurso a uma amostra por tipicidade é claramente conveniente nesta investigação, uma vez que garante que o inquérito por questionário incidirá sobretudo em membros das claques portuenses. Mesmo que estivessem reunidas as condições de possibilidade de construção de uma amostra probabilística, as dificuldades inerentes à administração do inquérito por questionário neste contexto de investigação poderiam comprometer a sua exequibilidade. Interessa, portanto, justificar tais dificuldades.

O longo período de integração do investigador nas claques portuenses permitiu constatar a grande aversão que os seus elementos têm em responder a inquéritos por questionário. Foi possível observar em vários jogos algumas tentativas de terceiros para levar a cabo tal tarefa, mas sem sucesso. Por vezes, os papéis onde se registavam as respostas eram mesmo lançados para o chão. Outro problema muito comum residia nas respostas dadas. Muitas delas procuravam ser jocosas e exemplo disso eram as profissões socialmente pouco recomendáveis que muitos elementos das claques atribuíam, não apenas a si próprios, mas também aos seus progenitores.

Face a tais dificuldades, a administração do questionário apenas foi levada a cabo já perto do final da pesquisa, quando o investigador estava já integrado no grupo e não suscitava desconfiança aos seus membros. O prévio conhecimento do tipo de resposta que alguns davam quando preenchiavam os questionários levou a que a administração dos mesmos fosse indirecta, ou seja, foi o próprio investigador que preencheu os impressos com as respostas dadas pelos inquiridos (Quivy e Campenhoudt, 1992, p. 190). Estes foram previamente informados acerca dos objectivos do inquérito, sendo-lhes também garantido o anonimato. Há ainda a assinalar as dificuldades concretas no que respeita aos momentos de administração dos próprios questionários. Facilmente se constatou ser impraticável um contacto individual com os inquiridos fora do contexto do dia de jogo, nem mesmo telefonicamente, pois a indisponibilidade dos elementos das claques era manifesta. Foi então necessário questionar os membros das claques nos dias dos jogos, mas apenas antes dos mesmos, sobretudo quando os grupos se reuniam nas suas sedes ou em espaços públicos. Mesmo neste contexto a administração dos questionários foi bastante difícil, uma vez que os outros elementos do grupo procuravam, por vezes, interferir jocosamente nas respostas. Por sua vez, alguns elementos das claques estavam mais motivados

para a diversão e convívio com os outros membros do grupo e menos concentrados nas perguntas de um questionário. Por isso foi sempre problemático conseguir um espaço-tempo de privacidade para questionar um número considerável de elementos num só jogo. Isto acabou por se reflectir no longo tempo necessário (uma época futebolística) para concluir a aplicação deste instrumento de recolha de dados. Alguns dos elementos das claques comentavam já que as entrevistas nunca mais tinham fim.

Face às contrariedades apresentadas compreende-se a pertinência das palavras de Ghiglione e Matalon. Para estes autores, «Colocar o problema da representatividade por si só, e querer a qualquer preço uma amostra representativa, é impor uma condição difícil de satisfazer e, muitas vezes, inútil.» (1993, p. 64) É o que de certa forma se verificou na presente investigação, uma vez que, como foi realçado, não houve uma base de amostragem que a possibilitasse. Ghiglione e Matalon não deixam também de referir que «É raro trabalhar-se com uma amostra perfeitamente representativa.» (1993, p. 64) ²²

Sobre a utilidade de uma amostra representativa, Quivy e Champenhoudt sublinham também que «Para conhecer melhor grupos ou sistemas de relações não é forçosamente pertinente, em termos sociológicos, estudá-los como soma de individualidades.» (1992, p. 163) E acrescentam ainda: «não se deve confundir cientificidade e representatividade.» (Quivy e Champenhoudt, 1992, p. 163) Esta destrinça é importante, pois a segunda não é garante da primeira. Ghiglione e Matalon afirmaram mesmo ser necessário

substituir a noção global de representatividade por uma noção mais ampla, a da adequação da amostra aos objectivos estabelecidos, sabendo-se que um inquérito visa, em geral, diversos objectivos (na prática, isso significa que estão previstos diversos tipos de análise) e que não é necessariamente a mesma amostra que, inicialmente, seria considerada óptima para cada um deles. Certos compromissos são então necessários. (1993, pp. 64-65)

Estas considerações de Ghiglione e Matalon são pertinentes para a investigação levada a cabo. Com efeito, e não obstante as dificuldades de formulação de uma amostra estatisticamente representativa, é importante ter em conta que os dados resultantes da administração do inquérito por questionário têm por base uma amostra de indivíduos sobre os quais não recaem dúvidas quanto à sua condição de membros das claques portuenses e isto é fundamental para delinear os seus perfis sociais. Para além disso, os dados obtidos através do inquérito por questionário,

²² Tal deve-se ao facto de estes autores considerarem que há quase sempre enviesamentos na amostra, sub-representação de alguns grupos e ainda dificuldades em evidenciar certas relações (Ghiglione e Matalon, 1993, p. 64).

relevantes por si só como indicadores muito importantes das dimensões analisadas, foram também enquadrados na globalidade das informações provenientes de uma pesquisa sobretudo qualitativa, saindo, por isso, ainda mais valorizados. Uma questão formulada por Pais evidencia a importância desta opção. Este autor interrogou-se:

Que possibilidades tem o conhecimento científico de reencontrar, sob a imposição de grandes estruturas sociais, a expressividade da individualidade dos olhares, a sensualidade dos factos, a força das vozes, a presença do detalhe, a irredutibilidade do gesto, isto é, tudo o que uma certa maneira de entender o holismo tem feito desaparecer na simplicidade do «perfil» e do «esqueleto»? (Pais, 2002, pp. 147-148)

Este entrosamento com os dados qualitativos reforçou, pois, a pertinência dos dados quantitativos recolhidos. Não se reduziu desta forma os membros das claques portuenses ao mero posicionamento nas respostas pré-determinadas e posterior quantificação destas. Pais sublinha que este tipo de questões «<faz falar> os indivíduos mas, ao mesmo tempo, silencia-os.» (2002, p. 146) Procurou-se assim obstar a uma visão «atomizada» dos mesmos que não tem em conta a importância das relações interpessoais no contexto da claque e que os desvincula do seu meio social.²³

Para a prossecução dos objectivos que nortearam a presente investigação foi pois fundamental a conjugação de todos os instrumentos de recolha de dados empregues no trabalho de campo, uma vez que estes se complementam na superação das lacunas de cada um deles, possibilitando assim uma maior amplitude de registo e análise da realidade social em estudo.²⁴

Esta é de certa forma reconstituída no trabalho que se apresenta. Tem-se a consciência das inevitáveis interferências que decorrem de transcrições, selecção e estruturação em texto, bem como da influência exercida pelo estilo pessoal de redacção do autor. Há um longo caminho percorrido desde o que foi observado e escutado e por isso se entende o mesmo como uma

²³ A visão «atomista» dos indivíduos que constituíram a amostra e a desvinculação dos mesmos do seu meio social são precisamente dois pontos destacados por Katz na crítica que efectuou ao estudo que Lazarsfeld *et al.* elaboraram sobre os processos de tomada de decisão numa campanha eleitoral e do qual resultou uma publicação com o título *The People Choice*. Relativamente à primeira, Katz escreveu: «De todas as ideias em *The people Choice*, contudo, a hipótese do fluxo em dois tempos é provavelmente a menos fundamentada pelos dados empíricos. E a razão para isto é clara: o projecto de pesquisa não antecipou a importância que as relações inter-pessoais poderiam assumir na análise dos dados. Dada a imagem de uma audiência atomizada que caracterizava tanto a pesquisa sobre os *mass media*, é surpreendente que a influência inter-pessoal não atraísse a atenção dos investigadores.» (1957, p. 62) Katz considerou, por isso, que «o projecto revelou-se limitado, pois implicava uma amostra aleatória de indivíduos abstraídos dos seus ambientes sociais.» (1957, p. 64)

²⁴ Como destaca Burgess, «nenhum método é melhor do que outro, porque cada um tem as suas particulares vantagens e inconvenientes, relativamente à especificidade das situações com as quais nos confrontamos.» (1997, p. 157) Por isso se empregam as «estratégias múltiplas de pesquisa de terreno, de molde a superar os problemas que advêm de os seus estudos assentarem numa única teoria, num único método, numa única série de dados e num único investigador.» (Burgess, 1997, p. 158)

reconstituição da realidade social em estudo (Flick, 2005, p. 177). Houve um esforço na procura de exactidão quanto ao observado pelo investigador e declarado pelos membros das claques. Houve também uma opção clara por conferir relevância à forma como os membros das claques interpretam e comunicam as suas experiências. Por isso mantiveram-se no texto várias expressões obscenas por eles proferidas. O vocabulário empregue é um traço identificador dos grupos e deve ser apresentado como tal. É isso que se espera dos antropólogos e de outros cientistas sociais. Não publicar neste trabalho algumas expressões obscenas constituiria um juízo de valor moral e um acto de censura que se recusou peremptoriamente. Optou-se também por revelar a identidade das claques estudadas, pois qualquer tentativa de ocultação desta informação estaria condenada ao fracasso, não apenas pelas fotos que se apresentam, mas também porque, como foi aludido, alguns objectivos da investigação centram-se na cidade do Porto e nesta urbe, para além das quatro claques investigadas, desconhece-se a existência de outros grupos com a mesma dimensão institucional e histórica. Importa de facto salientar, relativamente a esta última dimensão, que as claques *Panteras Negras*, *Alma Salgueirista* e *Super Dragões* têm já um longo percurso histórico, pois foram fundadas na década de oitenta e marcaram presença na primeira fase de crescimento das claques em Portugal.

HOOLIGANISMO E MOVIMENTO ULTRA. CONTRIBUTOS PARA A SUA INTERPRETAÇÃO.

A investigação histórica evidenciou a importância do *Hooliganismo* e do *Movimento Ultra* como fenómenos sociais conducentes ao surgimento e desenvolvimento das claques. Não obstante a já justificada pertinência desta abordagem histórica, importa referir que a mesma é insuficiente para a compreensão global das claques. Considerando a visibilidade e impacto que as acções dos membros destes grupos têm vindo a suscitar na opinião pública de vários países e ainda nas instituições políticas nacionais e internacionais, bem como as dimensões sociais, culturais e políticas subjacentes a este fenómeno, o interesse das Ciências Sociais por este tema não se poderia cingir apenas a uma perspectiva histórica. Por conseguinte, foram diversas as perspectivas teóricas acerca do *Hooliganismo* e *Movimento Ultra* que foram elaboradas no âmbito das Ciências Sociais nos últimos 40 anos.

Dunning et al. reportaram-se mesmo à posição defendida por Marsh e seu grupo segundo a qual as pesquisas sobre a violência no futebol têm sido uma indústria em crescimento desde os finais dos anos 60 na Grã-Bretanha, sendo que os académicos de outros países foram fortemente contagiados a partir de meados dos anos 80 (2002a, p. 218). No entanto, e ao contrário do que considerou o grupo de Marsh, Dunning et al. (2002a, p. 218) não concordaram que o tema tenha sido sobreinvestigado, apesar das pesquisas levadas a cabo por muitos autores. Consideraram antes que a investigação do tema continua a justificar-se com a controvérsia que o problema ainda gera e com a insuficiente compreensão que os decisores políticos, bem como académicos, jornalistas e membros do público em geral ainda revelam acerca das raízes sociais e psicológicas e dos parâmetros do *Hooliganismo* futebolístico. Sublinham ainda que a maioria dos países não terão feito esforços públicos para conter ou erradicar o problema (Dunning et al., 2002a, p. 218).

25

Independentemente da avaliação que se possa efectuar relativamente à quantidade, pertinência ou grau de inovação das teorias acerca do *Hooliganismo* e do *Movimento Ultra* será fundamental destacar as perspectivas teóricas que as diversas Ciências Sociais elaboraram acerca destes fenómenos ao longo de 50 anos. Decorrem das mesmas princípios basilares importantes e que

²⁵ Os autores apontaram ainda as novas compreensões para o problema proporcionadas por investigadores de várias nacionalidades (inclusive não europeus) e publicadas na obra que os próprios editaram como mais uma razão que justifica a discordância. Sublinhe-se ainda que os mesmos autores consideraram o *Hooliganismo* como ameaça global que se mantém sobre o futebol, o que justifica um programa internacional de cooperação para a sua investigação, pois um maior conhecimento deste fenómeno é a melhor esperança para a sua contenção (Dunning et al., 2002a, pp. 218-219).

foram, por isso, levados em conta na análise dos dados recolhidos ao longo da investigação efectuada. Importa, por isso, dar a conhecer as principais investigações e perspectivas teóricas desenvolvidas em torno do *Hooliganismo* e do *Movimento Ultra*.

A investigação de Harrington

Uma das primeiras investigações acerca do *Hooliganismo* no âmbito das Ciências Sociais foi, segundo o *Social Issues Research Centre*,²⁶ levada a cabo por Harrington. Coordenando um grupo de investigação de Birmingham, e dando resposta à sugestão do ministro do Desporto Denis Howell, este psiquiatra efectuou uma pesquisa detalhada e abrangente sobre o *Hooliganismo* na Grã-Bretanha,²⁷ afirmando desde logo a necessidade de uma abordagem multidisciplinar, pois só esta poderia conferir a resposta para um fenómeno que, apesar de actual devido ao impacto causado, não é recente (Harrington, 1968, p. iii).

A natureza e extensão do problema foram os primeiros elementos avaliados. Harrington enumerou os vários tipos de mau comportamento que podem ser classificados como *Hooliganismo*. Estes abrangem a turbulência e distúrbios nos jogos de futebol, vandalismo, as palavras ameaçadoras e insultuosas, os comportamentos ameaçadores e agressivos por parte de grupos de adeptos que, situando-se por trás das balizas defendidas pela equipa adversária, perturbam o desempenho dos respectivos jogadores (Harrington, 1968, pp. 8-10)

Harrington reconheceu também ser difícil efectuar uma avaliação precisa da extensão do *Hooliganismo* (1968, p.3). Se, por um lado, os jogos de futebol foram sempre, ao longo da sua história, ocasiões para confrontos entre os espectadores, por outro, os dados recolhidos pareciam indiciar um aumento do *Hooliganismo*. Todavia, Harrington não deixou de referir as objecções que alguns informantes levantaram a tal crescimento. Este não corresponderia a um efectivo aumento de ocorrências de cariz violento, mas sim de uma maior atenção dada ao problema. A crescente eficácia das forças policiais no registo e punição da violência e vandalismo associado aos espectáculos futebolísticos que anteriormente teriam provavelmente escapado às malhas do controlo policial é outro argumento evocado por aqueles que consideram não ter havido um incremento do *Hooliganismo* na Grã-Bretanha (Harrington, 1968, pp. 4-5). Mas tendo em conta a prevalência de depoimentos e dados recolhidos que apontam para um crescimento real do

²⁶ [Em linha]. Disponível em <http://www.sirc.org/publik/fvtheory.html>, consultado em 7/3/2003. V. bib.

²⁷ Para um conhecimento mais pormenorizado da amplitude e da metodologia empregue nesta investigação consultar Harrington, 1968, pp. iii-iv, 1-3.

fenómeno, Harrington acaba por concluir à época, ainda que sob a reserva, que o *Hooliganismo* futebolístico era de facto um problema sério e em crescimento (Harrington, 1968, p.7).

Um terceiro elemento investigado por Harrington prende-se com a caracterização social, educacional e psicológica dos *Hooligans*, apesar das dificuldades que referiu relativamente à formação de uma amostra representativa (Harrington, 1968, pp. 11-12). Em função da pesquisa efectuada foram estabelecidos 4 tipos de transgressores (Harrington, 1968, p. 13).

Um primeiro tipo não tinha qualquer registo prévio de envolvimento em violência nos jogos de futebol. Tratam-se geralmente de jovens rapazes que, sob influência da excitação do próprio jogo e no seio do grupo de adeptos situados por trás das balizas que apoiam activamente a equipa com bandeiras cachecóis e cânticos, acabam por se exceder no seu comportamento. O segundo tipo era geralmente composto por jovens sensíveis e de bom carácter, mas que perdem o controlo, acabando por se envolver em confrontos com os apoiantes do clube adversário. Tais situações são sobretudo precipitadas pelo entendimento que tais jovens fazem do comportamento dos jogadores da equipa oponente ou do árbitro. Harrington considera ainda que o comportamento exibicionista destes jovens decorre de uma tentativa de obtenção de prestígio perante os amigos. O terceiro tipo congregou aqueles que têm de antemão a intenção de se envolver em incidentes, sendo já conhecidos pela polícia pelo facto de estarem sempre próximos das desordens. Por fim, o quarto tipo englobou homens mais velhos com registo de delinquência e envolvimento em incidentes nos campos de futebol, muitas vezes sob influência de bebidas alcoólicas. Arremesso de garrafas e outros objectos contundentes são também comportamentos registados. Estes transgressores já tinham também uma história de participação em desordens noutros contextos, que não o futebol.

A investigação de Harrington contemplou também a caracterização de 497 *Hooligans* com registo de envolvimento em incidentes, tendo esta sido efectuada com base no sexo, idade, ocupação e ainda no número de incidentes registados em que participaram. Os dados permitiram concluir que os *Hooligans* eram quase exclusivamente do sexo masculino. Relativamente à estrutura etária, os dados revelaram, em síntese, que 78% dos *Hooligans* já registados se situavam entre os 15 e os 29 anos. Os restantes 22% tinham idades inferiores a 14 anos e superiores a 30 anos, sendo que 9 dos *Hooligans* assinalados têm idade superior a 50 anos.

No que diz respeito à ocupação, verificou-se uma preponderância de *Hooligans* que eram trabalhadores não especializados, atingindo estes uma percentagem de 42%.²⁸ Harrington teve ainda em conta na sua investigação o enquadramento familiar dos *Hooligans*. Sobre este aspecto

²⁸ Os dados quantitativos apresentados são uma síntese dos dados recolhidos por Harrington. Para um conhecimento mais pormenorizado dos mesmos consultar Harrington, 1968, p. 14. V. Bib.

não deixou de referir a inexistência de estudos detalhados. Afirmou igualmente não haver evidência de grandes diferenças entre os *Hooligans* que têm uma história de delinquência juvenil e outros jovens igualmente com carreiras delinquentes. Nem é sequer evidente que os mesmos sejam provenientes de famílias problemáticas. Sublinhou ainda que alguns *Hooligans* provinham mesmo de famílias com estabilidade. No entanto, Harrington não deixou de assegurar que verificou na família de alguns *Hooligans* uma combinação de autoritarismo paternal com a tolerância e protecção maternal (Harrington, 1968, p. 24).

O trabalho deste investigador centrou-se ainda nas causas do *Hooliganismo*. Os factores psicológicos individuais foram o primeiro aspecto abordado e sobre estes Harrington enumerou diversas variáveis a ter em conta. Assim, o sexo masculino, a juventude, bem como o envolvimento dos mesmos em actos criminais, constituem, para Harrington, factores predisponentes para a agressividade, perda de controlo emocional e conseqüente envolvimento no *Hooliganismo*. A grande identificação com o clube e com alguns dos seus jogadores, o forte apoio ao mesmo, o seu sucesso ou fracasso, ou ainda as reacções agressivas perante decisões dos árbitros entendidas como erróneas, poderão também concorrer para o surgimento de comportamentos passíveis de serem classificados como *Hooliganismo*. Harrington não deixa de destacar a importância da combinação destes factores, pois, perante esta, um pequeno incidente poderá constituir factor precipitante de uma reacção bastante violenta, mesmo por parte de respeitáveis espectadores de meia-idade oriundos da classe média (1968, p. 15). Já nesta época este autor não deixou de alertar para o facto de os espectadores presentes nos jogos de futebol serem mais adeptos das suas equipas do que propriamente do futebol como desporto (Harrington, 1968, p. 16).

Relativamente à dimensão psicológica individual Harrington faz ainda outras considerações muito relevantes. Não deixa de considerar que a presença num jogo de futebol pode ter um efeito psicológico positivo, uma vez que pode proporcionar aos espectadores um contexto favorável à libertação de tensões e ansiedades que são recalcadas noutras situações (Harrington, 1968, pp. 15-16). Este investigador mencionou ainda outro benefício psicológico que é fundamental destacar. Segundo Harrington, «apoiar um clube de futebol poderá ajudar um jovem na sua busca pela identidade individual e grupal.» (Harrington, 1968, p. 16) A capacidade do futebol constituir a base de uma cultura comum capaz de congrega diferentes classes sociais e nações é outro benefício apontado pelo autor (Harrington, 1968, p. 16).

O álcool foi outra das causas analisadas. Sobre esta, Harrington considerou que o seu consumo poderia ser um importante factor potenciador do *Hooliganismo*. Por conseguinte, a redução do seu consumo poderia eventualmente contribuir para a redução do número de incidentes (Harrington,

1968, pp. 16-17, 54).

Os processos inerentes à Psicologia das Multidões são também entendidos por Harrington como uma das causas do *Hooliganismo*. Com efeito, a diluição da personalidade individual a favor de uma histeria de massa que favorece a irracionalidade, o sentimento de liberdade e ausência de autoridade ou controlo social a respeitar são entendidos como factores facilitadores da excitação dos espectadores de futebol e do surgimento de comportamentos violentos por parte destes (Harrington, 1996, pp. 17-18, 54).

A presença de grupos de fãs que geralmente se situam por trás das balizas e que procuram apoiar de forma muito activa as equipas são considerados também como uma das causas do *Hooliganismo*. Com efeito, Harrington afirma mesmo que «Há provas substanciais que indicam que a interacção entre grupos rivais de adeptos conduz a surtos de hooliganismo.» (Harrington, 1968, p. 19) A separação a que estes grupos estão sujeitos nos estádios, sendo que cada um se situa atrás de uma das balizas, consegue confinar a rivalidade entre eles à qualidade do desempenho que cada um apresenta no apoio à sua equipa.²⁹

Todavia, a proximidade física dos grupos de fãs apoiantes das equipas pode ser explosiva, sendo geralmente responsável pelos combates entre grupos, comuns fora dos estádios e depois dos jogos, precisamente quando o grupo poderá estar mais fraccionado e portanto mais vulnerável ao grupo adversário (Harrington, 1968, p. 19). Este tipo de ataques acaba por gerar, segundo Harrington, alguns feudos, ou seja, o domínio de alguns grupos de fãs sobre determinados territórios, sendo este inibidor da presença de grupos rivais nos mesmos e consequentemente dissuasor de deslocações aos estádios dos clubes adversários (1968, p. 19). Outro aspecto importante que Harrington constatou na sua investigação é o envolvimento dos jovens fãs nos combates com membros dos grupos rivais de fãs e mesmo com a polícia como forma de obtenção de *status* e aprovação dentro do grupo a que pertencem (1968, p. 19).

Outra causa aventada para o *Hooliganismo* decorre da presença de gangues violentos. Sobre estes, Harrington afirma que a sua presença foi admitida durante a investigação pelos adeptos dos clubes em cujos campos se registavam situações de violência, o que não invalida, contudo, a necessidade de uma investigação mais detalhada sobre este aspecto (1968, pp. 19-20).

A pesquisa de Harrington abrangeu ainda uma multiplicidade de factores a ter em conta no estudo do *Hooliganismo*. O fracasso prolongado de um clube, ou quando este surge após uma longa trajectória de resultados positivos, é passível de gerar frustrações nos adeptos que

²⁹ No seu desempenho de apoio à equipa estes grupos de fãs têm nos cânticos um dos elementos principais. No entanto, a investigação de Harrington levou-o a constatar que estes, empregues para apoiar e encorajar, são também usados para provocar e insultar os grupos de fãs rivais. Estes poderão ser, por isso, mais uma causa do *Hooliganismo* (Harrington, 1968, p. 20).

conduzem, não apenas à apatia e resignação, mas também à intolerância e reacções violentas contra a direcção (Harrington, 1968, p. 21). Os jogos especiais, sobretudo os chamados *derbies* contra grandes rivais, são também referenciados como factor de risco para o *Hooliganismo* (Harrington, 1968, pp. 21-22). A visita dos muitos adeptos dos clubes vitoriosos aos estádios de outros é também mencionada por Harrington como factor de risco para o *Hooliganismo*. O período que antecede os jogos e o intervalo são minutos tidos como entediantes para os adeptos e referidos também por Harrington como susceptíveis de gerar conflituosidade (Harrington, 1968, p. 22). No entanto, é no período pós-jogo que decorrem muitos dos incidentes, sendo estes mencionados por Harrington como consequência de frustrações não libertadas durante as partidas (1968, p. 23). A sobrelotação dos estádios, com o consequente aumento das dificuldades em ver o jogo e do contacto físico entre as pessoas, são outro factor de risco para o *Hooliganismo* que Harrington aponta (1968, p. 23).³⁰

Harrington considerou ainda outros aspectos que poderão estar relacionados com o *Hooliganismo*. Um prende-se com as perturbações que podem surgir no jogo, sejam elas decorrentes do mau comportamento dos jogadores ou de decisões controversas da equipa de arbitragem, levando ambas a reacções por parte dos espectadores que podem ser violentas (Harrington, 1968, pp. 27-30, 54-55).

Outro aspecto tido em conta na investigação é a influência da comunicação social. Sobre isto Harrington afirma:

A quantidade de publicidade e de atenção pública dadas a um problema como o hooliganismo pode muito bem ter um efeito sobre este. Os media têm contribuído para chamar a atenção para um problema social sério, podendo até ter desencorajado potenciais transgressores ao publicitar as consequências do comportamento. (1968, p. 55)

As condições estruturais dos campos de futebol foram também um aspecto levado em conta nesta investigação. Harrington considerou que a qualidade destas influi nos níveis de segurança e controlo do *Hooliganismo*, prevenindo ou facilitando, por exemplo, grandes invasões de campo. Sugeriu, por isso, padrões mínimos de segurança nas estruturas dos estádios de futebol, devendo os clubes dar atenção às recomendações apresentadas pelas forças de segurança sobre este

³⁰ No seu relatório, Harrington fez ainda referência a outros factores de risco investigados. Os jogos disputados à noite não foram considerados pelo autor como factor de risco. As condições meteorológicas foram também avaliadas, considerando-se que os dias de calor podem ser um factor de risco para o surgimento de incidentes, ao passo que o mau tempo é tido como factor inibidor de incidentes pelo facto de reduzir o número de adeptos presentes nos estádios, bem como o entusiasmo destes. Tomando como exemplo a rivalidade entre o Celtic de Glasgow (associado ao catolicismo) e o Glasgow Rangers (adstrito ao protestantismo), a religião é também abordada no relatório produzido. A influência decorrente dos incidentes perpetrados por adeptos de clubes estrangeiros foi também abordada no documento que resultou da investigação efectuada. Para uma análise mais detalhada da posição deste investigador sobre os factores mencionados ver Harrington, 1968, pp. 22-24.

aspecto (Harrington, 1968, pp. 32-34, 55).³¹

Esta investigação debruçou-se ainda sobre o *Hooliganismo* nos transportes públicos britânicos. O mau comportamento destes estendia-se ainda aos cafés e às lojas visitadas durante as viagens efectuadas (Harrington, 1968, pp. 46-47). No entanto, Harrington não perfilhou a ideia de um aumento significativo do número de ocorrências (1968, p. 55).³²

Depois de alertar para as consequências que o mau comportamento dentro e fora do campo poderia ter no incremento de um sentimento de insegurança que afastaria o público dos estádios e destruiria a esperança de um futebol como cultura interclassista (1968, p. 52), Harrington termina o seu relatório propondo vias de investigação como o estudo psicológico e psiquiátrico dos *Hooligans* já com registo de envolvimento em incidentes, ainda que reconheça a dificuldade da sua realização (1968, p. 57).³³ Sendo produzido para um organismo de poder, é verdade que o relatório de Harrington é um documento idêntico a outros já mencionados e que apresenta também propostas similares para o combate ao problema do *Hooliganismo*.³⁴ Este tema, segundo Ingham, foi provavelmente, e com a eventual excepção da Economia, aquele que recebeu mais sugestões de resolução por parte de diversos profissionais, maioritariamente associados à polícia (1978a, p. 129). Geralmente as medidas propostas neste tipo de relatórios são de curto prazo, centrando-se no «aqui e agora» e intervindo nos aspectos mais imediatos como a legislação, controlo e barreiras, ignorando factores individuais e sociais que devem ser considerados para uma contextualização global do problema (Ingham, 1978a, pp. 130, 140 e Ingham, 1978b, p. 84).

A análise detalhada do relatório de Harrington permite constatar, no entanto, que este não se limita apenas a apresentar propostas. É baseado numa investigação que, não obstante ser uma das primeiras no âmbito das Ciências Sociais sobre o tema, se revelou transversal, uma vez que contempla a referência a múltiplos factores associados aos distúrbios nos estádios de futebol e ao *Hooliganismo*, incluindo na sua análise os já aludidos factores individuais e sociais, mas também situacionais. Atente-se na posição de Harrington:

³¹ A pesquisa de Harrington debruçou-se também sobre o controlo do *Hooliganismo*. Ele propôs diversas medidas para fazer face ao mesmo que não são aqui referenciadas pelo facto de não se enquadrarem no âmbito do estudo levado a cabo. Para um conhecimento detalhado das mesmas consultar Harrington, 1968, pp. 35-55.

³² Este autor não deixou de referir os dados da *British Rail*, revelando estes que os transgressores eram jovens que se situavam sobretudo numa faixa etária entre os 15 e os 18 anos e pertenciam à classe trabalhadora (Harrington, 1968, p. 45).

³³ Este autor defende ainda a realização de estudos de cariz etológico acerca do comportamento dos espectadores nos estádios de futebol, apesar das limitações decorrentes de uma observação que dura apenas 90 minutos, uma ou duas vezes por semana (Harrington, 1968, p. 57).

³⁴ Refiram-se, por exemplo os relatórios conhecidos pelo nome dos seguintes autores e/ou grupos de trabalho: Shortt, Moewyn Hughes, Chester, Lang e Wheatley, McElhone, Popplewell e Taylor. Para uma síntese do conteúdo de alguns destes documentos consulte-se Popplewell, 1989.

O comportamento das multidões no futebol pertence ao mal-estar generalizado da nossa sociedade contemporânea, não estando confinado ao universo do futebol. - A raiz do problema não está dentro, mas sim fora do estádio de futebol... Diminuindo o *hooliganismo* na sociedade em geral, desaparecerá também das bancadas dos estádios de futebol. Em última análise o *hooliganismo* emerge em casa e pode ser visto como resultando de um processo educacional fendido, uma educação inadequada ou de qualquer realidade que possa moldar a personalidade humana durante os anos de formação. Embora a importância destas influências mais profundas e remotas sobre o *hooliganismo* não deva ser ignorada, achamos que a importância de factores «aqui» e «agora» mais imediatos, tanto individuais, quer sociais como relacionados com o jogo devem ser tidos em consideração. (1968, p. 25)

É patente uma preponderância dos factores individuais na perspectiva de Harrington, uma vez que é frequente o recurso a termos de cariz psicológico como «imaturidade» ou «perda de controlo». Na sequência da importância que Harrington confere aos factores individuais de cariz psicológico, Taylor comentou assim o documento produzido:

Mas o conteúdo do relatório, se bem que interessante, não é tão importante quanto a função social que veio a ter. Só o facto de se recrutar um psiquiatra para um relatório governamental de nível nacional, implica legitimar a concepção na mente popular de que o *hooliganismo* é explicável pela existência de indivíduos de temperamento fundamentalmente anormal e instável, que, por qualquer motivo inexplicável, parecem ter escolhido o futebol como arena na qual patenteiam as suas instabilidades. (1982b, pp. 161-162)

Esta prevalência não significa, obviamente, que outros factores foram olvidados ou que os factores individuais não devam ser abordados.³⁵ O trabalho de Harrington abordou dimensões do fenómeno que estiveram na base de outras pesquisas acerca do tema no âmbito das Ciências Sociais.

A perspectiva de Taylor e a teoria Marxista

Na verdade, foram vários os factores referenciados por Harrington que constituíram, por si só, objecto de investigações que permitiram a elaboração de perspectivas teóricas sobre o *Hooliganismo* e *Movimento Ultra*. Apesar da alusão a factores sociais, Taylor considerou que a investigação de Harrington ofereceu pouca esperança para a explicação do desenvolvimento do

³⁵ A propósito da importância dos factores individuais destaque-se, por agora, e apenas como exemplo, a referência que é feita à importância da percepção e motivação dos espectadores do desporto (Mann e Pearce, 1978, pp. 178-181) ou ainda o processo pelo qual uma pessoa se torna adepto de um clube (Wann *et al.*, 2001, pp. 1-68) e as consequências psicológicas de tal adesão (Wann *et al.*, 2001, pp. 155-178).

futebol como um problema social (1971, p. 355). Segundo este sociólogo, poder-se-á presumir que a instabilidade emocional e a histeria dos espectadores sempre existiu, sendo provavelmente maior no passado quando os estádios de futebol eram menos cómodos e estavam muitas vezes sobrelotados. Por conseguinte, as diferenças que Taylor afirma existirem entre a violência que se verificava nos anos 60 do século XX e aquela que ocorria nas primeiras etapas de desenvolvimento do futebol decorreriam antes de mudanças nos contextos sociais em que o futebol passou a ser jogado (1971, pp. 353, 355). Foi sobre estes que Taylor se debruçou para desenvolver a sua perspectiva o *Hooliganismo*.

Esta terá sido, segundo o *Social Issues Research Centre*,³⁶ a primeira análise sociológica sobre o tema. Este mesmo centro de investigação, assim como Armstrong e Harris (Armstrong, 1998, p. 15 e Armstrong e Harris, 1991, p. 428), não deixaram de assinalar o ponto de vista claramente marxista e estrutural desta perspectiva, sendo Taylor o seu principal defensor, ainda que, como se constatará, tenha sido acompanhado por outros investigadores.

Taylor procurou então entender o *Hooliganismo* como produto das mudanças ocorridas no futebol e que influenciaram a relação que o público proveniente da classe trabalhadora urbana estabelecia com o seu clube local (1971, p. 354 e 1982b, p. 135). Na análise deste processo, Taylor começa por contestar a origem elitista que alguns atribuem ao futebol e a sua posterior difusão para as classes populares e consequente massificação. Ele não nega que a regulamentação e institucionalização do futebol decorreu com sucesso no contexto de uma burguesia industrial, mais particularmente nas *public schools* britânicas. No entanto, esta foi apenas uma etapa de um percurso que Taylor defende ter tido origem na prática de um futebol popular já presente na Grã-Bretanha medieval e no início da modernidade (1982b, pp. 136-140). Este jogo caracterizava-se sobretudo por uma grande participação popular e ainda pelo nível elevado de violência e desordem.³⁷ Segundo Taylor, o futebol nunca terá perdido aquilo que considera ser a sua tradicional raiz de classe trabalhadora, mesmo durante a etapa em que o futebol foi regulamentado e institucionalizado num contexto aristocrático e burguês (1982b, pp. 139-140). Também Critcher (1980, p. 161) e Hargreaves (1986, pp. 58-59) consideram o futebol como um elemento da cultura e valores da classe trabalhadora desde o século XIX, sendo que o

³⁶ [Em linha]. Disponível em <http://www.sirc.org/publik/fvtheory.html>, consultado em 14/10/2005. V. bib.

³⁷ Para uma caracterização detalhada da prática destes jogos e das suas implicações consultar Elias e Dunning, 1992b, pp. 257-278. Sublinhe-se que esta posição quanto à origem do futebol é também defendida por Elias e Dunning no âmbito da perspectiva teórica centrado no denominado *Processo Civilizacional* que o primeiro destes autores defendeu e aplicou concretamente ao estudo do futebol. Tal perspectiva será posteriormente apresentada neste capítulo. Importa ainda referir que esta posição quanto à origem do futebol não questiona a referência que por exemplo Hutchinson, Vamplew e Mason fizeram quanto à presença de espectadores oriundos da classe média e alta que, por volta dos anos 70 do século XIX assistiam aos jogos de futebol. Face ao exposto, esta será uma das etapas da evolução do próprio futebol e da sua regulamentação e institucionalização.

primeiro afirma mesmo a centralidade do futebol na experiência comum da classe trabalhadora.

Esta tradição acabou por associar ao futebol importantes valores adstritos à classe trabalhadora e que decorriam da experiência de trabalho do proletariado nas zonas urbanas. Critcher e Taylor referem a masculinidade como sendo um desses valores, surgindo esta, segundo Taylor, como produto do trabalho duro (Critcher, 1980, p. 161 e Taylor, 1982b, p. 142). Perante a ameaça de despedimentos e transferências, os trabalhadores terão ainda, segundo Taylor, respondido de forma activa e colectiva, fomentando assim o sentido colectivo e de participação activa (1982b, p. 142).

No entanto, Hargreaves refere também que o crescimento dos rendimentos e do tempo de lazer possibilitou aos trabalhadores o acesso ao futebol como actividade de lazer (1986, p. 58). Estes tiveram também a oportunidade de participarem na construção dos clubes locais. Esta participação activa e democrática nos clubes, assim como a masculinidade, tiveram, na perspectiva de Taylor, uma importante expressão no futebol, influenciando-o no sentido da sua proletarização (1982b, pp. 141-142). Ainda segundo este autor o envolvimento dos trabalhadores nos clubes locais acabou por gerar subculturas ³⁸ associadas aos clubes, sendo estes representantes das suas localidades nas competições regionais e nacionais e suscitando, por isso, rivalidades (Taylor, 1982b, p. 142 e Taylor, 1971, pp. 360-361). ³⁹ Os jogadores de cada clube eram também representantes públicos dos clubes e, por conseguinte, das respectivas comunidades de trabalhadores (Taylor, 1971, p. 361). Este processo acabou por ser conducente a uma subcultura do futebol, ou ainda, nas palavras de Critcher (1980, p. 162), a uma identidade corporativa, muito ligada às comunidades da classe trabalhadora (Taylor, 1982b, p. 142).

Todavia, durante os anos que mediaram a 1ª e a 2ª Guerra Mundial, o futebol sofreu importantes

³⁸ O conceito de *subcultura* é definido por Horton e Hunt como «Aglomerado de padrões de comportamento relacionados à cultura geral de uma sociedade e ainda assim distinto dela; padrões de comportamento de um grupo distinto dentro da sociedade geral.» (1981, p. 455). Por sua vez, Revilla (1996, p. 25) considerou que uma subcultura «pode ser entendida como um forma de viver que se tornou comum entre os membros de uma camada específica ou de um subgrupo de indivíduos inseridos na sociedade que partilham uma cultura comum.». Este conceito constitui a base de uma das perspectivas tendentes à compreensão do *Hooliganismo* que será posteriormente apresentada.

³⁹ Esta competitividade ganhou crescente importância à medida que as melhorias das vias de comunicação permitiram a competição entre clubes de diversas cidades e diversos países. Sobre esta mudança atente-se na explicação apresentada por Dunning: «Inerente à estrutura das interdependências sociais situa-se a procura do desporto inter-regional e representativo. Este desejo não surgiu nas sociedades pré-industriais devido à ausência de uma unificação nacional real e à existência de meios de transporte e comunicação deficientes, pelo contrário, [sic] significa que não existiam regras comuns e quaisquer meios através dos quais os desportistas de áreas diferentes se pudessem reunir. Ao mesmo tempo, o <bairrismo> inerente a semelhantes sociedades significa que só os grupos entre os quais havia contiguidade, em termos geográficos, eram compreendidos como rivais potenciais. Contudo, as sociedades industriais são diferentes em todos os aspectos. Encontram-se relativamente unificadas sob o ponto de vista nacional, possuem meios de comunicação e de transportes superiores, desportos com regras comuns e um grau de <cosmopolitismo> que denota serem grupos locais entendidos como rivais potenciais, pelo que anseiam por se comparar com outros que não sejam geograficamente adjacentes.» (1992a, p. 320)

mudanças estruturais no sentido de uma maior profissionalização, aburguesamento e internacionalização, tendo isto consequências na relação que os espectadores tinham com os clubes e com o jogo (Taylor, 1971, p. 356). O processo de profissionalização e aburguesamento do futebol surgiu como consequência do aumento substancial do número de jogos e ainda da competitividade. Os clubes sentiram a necessidade de uma melhor organização, baseada sobretudo numa maior divisão de funções e numa crescente burocratização e institucionalização. A este processo esteve também associada uma crescente capitalização do futebol e um mercado fomentado por revistas sobre futebol ou mesmo a venda de produtos associados aos clubes, sendo que a internacionalização dos jogos favoreceu este processo e ainda a própria mediatização do futebol (Taylor, 1971, p. 356 e Taylor, 1982b, p. 144).

A conjugação destes factores conduziu, segundo Taylor, a um aburguesamento crescente do futebol, uma vez que os clubes, necessitando de organização e capacidade financeira, passaram a ser controlados por uma pequena burguesia (1982b, p. 146). A elite apropria-se assim do futebol tornando-se dominante no mesmo. Este desporto emerge então como um palco de confronto entre o grupo dominante e as classes trabalhadores subordinadas (Hargreaves, 1986, p. 76-79).

Taylor realça ainda um processo paralelo que se prende com a integração do futebol numa indústria de lazer que entre as duas guerras e na primeira década após a 2ª Guerra Mundial foi crescendo de forma semelhante a entretenimentos mais passivos como o cinema ou a televisão. Esta integração foi favorecida pela criação de camarotes nos estádios, quartos de banho modernos e mesmo restaurantes e bares, tendo sido ainda introduzidos alguns entretenimentos antes e no intervalo dos jogos. A procura de maior conforto conduziu ainda a uma diminuição do número destes nos estádios de futebol. Todas estas inovações terão convertido o futebol numa indústria de lazer, passando este a ser um espectáculo para ser apreciado passivamente por homens e mulheres, transformando-se também a ideia do verdadeiro adepto de clube (Taylor, 1982b, pp. 144, 146, 148-149, 151-152 e Critcher, 1980, p. 169). Surge assim o espectador cliente e consumidor de um espectáculo futebolístico que se procura vender, gerando-se assim uma cultura de consumo em torno desta modalidade (Critcher, 1980, pp. 169-170 e Hargreaves, 1986, pp. 111, 130-136).

De acordo com a perspectiva defendida por Taylor, este conjunto de mudanças teve consequências negativas na relação que a classe trabalhadora tinha com o futebol. Assim, segundo este autor, a profissionalização e o aburguesamento colocaram em causa os valores emergentes da identificação dos adeptos oriundos da classe trabalhadora com os clubes e o seu sentimento de participação democrática (Taylor, 1971, pp. 362-363). Para Taylor, «é tendo como fundo este processo de profissionalização e internacionalização que a teoria dinâmica do

<hooliganismo> futebolístico é possível» (1971, p.357) A violência que é classificada como *Hooliganismo* é, pois, entendida como um acto de resistência da classe trabalhadora ao controlo da burguesia e uma tentativa de repor o seu controlo e a cultura tradicional de participação no futebol (Taylor 1971, pp. 361-362 e Taylor, 1982b, pp. 154-158).

Para suportar a sua tese, Taylor recorre aos dados do relatório elaborado por Harrington para afirmar a juventude dos *Hooligans* e a sua proveniência da classe trabalhadora. Importa ter em conta que estes jovens foram educados nos valores inerentes às subculturas dos clubes, tendo por isso uma memória de êxitos passados e imagens das «estrelas» e ainda a consciência da necessidade de manutenção nas nobres tradições clubistas (Taylor, 1982b, pp. 153-155). Anseiam, por isso, a vitória do clube da sua predilecção, sendo esta importante e muitas vezes compensadora da ausência de êxitos noutras esferas sociais (Taylor, 1971, pp. 359-360).

Para além desta interpretação que apresenta para o problema, Taylor refere ainda o processo de estigmatização e classificação negativa dos *Hooligans* com o epíteto de *vândalos* por parte daqueles que perspectivam o futebol como uma grande indústria e assistem passivamente aos jogos tomando estes como mero espectáculo (Taylor, 1982b, p. 159). Com efeito, a reacção aos distúrbios provocados conduziu a um maior controlo social sobre aqueles que os perpetravam, o que, segundo Taylor, acabou por gerar um ciclo vicioso para o qual concorrem o controlo social crescente e o incremento dos distúrbios levados a cabo pelos *Hooligans* como resposta ao maior controlo (Taylor, 1982b, pp. 158-160).⁴⁰ Esta relação cíclica de estímulo/resposta foi muito induzida e reproduzida pelo tratamento que a comunicação social e o Governo conferiu ao *Hooliganismo*, ampliando-o bastante (Taylor, 1982a, pp. 160-161 e Taylor, 1982c, pp. 49-50).

Este aspecto mereceu a atenção de alguns investigadores. Hall afirmou mesmo que a extensa cobertura que o *Hooliganismo* teve por parte da imprensa era merecedora de uma análise cuidada (1978, p. 15). Este último alertou para o facto de muito poucas pessoas terem tido um experiência

⁴⁰ Este processo é um dos elementos mais característicos da denominada teoria da *rotulagem social*. Esta tem por base o processo de interacção simbólica entre os indivíduos, sendo que aos comportamentos destes são atribuídos significados e ainda juízos de valores sobre os mesmos (Akers, 1997, pp. 100-101). É neste plano que os comportamentos poderão ser incluídos dentro de um padrão de normalidade ou, por outro lado, classificados como desviantes (Akers, 1997, pp. 99-100). Estabelece-se assim uma dicotomia entre os que classificam e etiqueta/rotulam e aqueles que são classificados e recebem o rótulo de desviantes por actos reprováveis. Este processo é estigmatizante, no sentido em que os indivíduos rotulados pela maioria dominante como desviantes são entendidos como inabilitados para uma aceitação social plena e, por conseguinte, as suas tentativas de reabilitação e integração são olhadas com desconfiança pelos agentes sociais de controlo, sendo muitas vezes votadas ao insucesso. Face a tal posição no processo de interacção, os que recebem a etiqueta de «desviantes» poderão acabar por aceitar de forma explícita ou implícita tal classificação, restando-lhe poucas mais soluções do que interagir de acordo com tal epíteto, acabando, por isso, por confirmá-lo e continuar o processo de reprodução do mesmo num ciclo vicioso (Gonçalves, 2000, pp. 114-115). Taylor também analisa criticamente esta teoria na sua abordagem ao *Hooliganismo*, considerando que a mesma não explica a origem, contextos de surgimento e história de tais comportamentos. O início dos mesmos é entendido como uma tentativa, da parte dos jovens da classe trabalhadora, de repor uma comunidade simbólica (1982a, pp. 174-178 e 1982c, pp. 67-73).

directa e concreta do *Hooliganismo* nos campos de futebol, sendo que o seu conhecimento do fenómeno provém sobretudo das notícias apresentadas pela comunicação social. É, por isso, induzida e construída em torno de um conjunto de impressões, «definições» e «explicações» ou «quase-explicações» geradas e veiculadas no seio da imprensa através dos comentários de dirigentes, políticos, juristas, analistas e outros, sendo esta praticamente o único elemento de articulação entre os factos que ocorrem e a opinião pública (Hall, 1978, pp. 15-16). Hall considerou ainda que a imprensa não é um espelho que reflecte com rigor os factos ocorridos, numa lógica em que primeiro emergem os eventos, sendo os mesmos posteriormente alvos de reportagem jornalística. Ao invés, estas duas componentes acabam por se diluir em reportagens jornalísticas sujeitas a processos de selecção e omissão de factos, imagens, títulos e demais aspectos que estabelecem os contornos das notícias a apresentar (Hall, 1978, pp. 19-20). Na sequência do processo de elaboração das notícias sobre o *Hooliganismo*, Hall considera que a imprensa tem alguma responsabilidade no exagero e sensacionalismo das mesmas, uma vez que isola a violência e os aspectos sensacionais dos contextos sociais (1978, p. 20).⁴¹

Taylor teve também uma posição do mesmo teor relativamente a este aspecto, pois considerou igualmente a violência no futebol como produto de uma ampliação por parte da imprensa que, independentemente de ter uma posição liberal ou conservadora, desenvolveu o seu paradigma ideológico relativamente a este tema sem ter em conta as transformações ao nível da experiência social e económica dos jovens britânicos da classe trabalhadora (Taylor, 1982a, pp. 159, 163 e Taylor, 1982c, pp. 48, 52-54).

Na análise que efectuou sobre este aspecto o *Grupo de Leicester* teceu algumas considerações sobre os processos sociais predisponentes à referida ampliação e sensacionalismo da imprensa em torno do *Hooliganismo*. Na óptica deste grupo, nos anos 50 a Grã-Bretanha «foi atingida por uma vaga de pânico moral gerado pela violência e pela juventude, centrada de uma forma muito especial na juventude das classes trabalhadoras» (Murphy *et al.*, 1994, p. 113).⁴² Os investigadores deste grupo apresentam, pois, a seguinte explicação:

A crescente ansiedade dos meios de comunicação tornou-se contagiosa; as

⁴¹ O *Grupo de Leicester* referiu mesmo que «Os meios de comunicação social não são observadores neutros da cena social. Eles são elementos activos no desenvolvimento dos processos sociais e na definição dos problemas sociais.» (Murphy *et al.*, 1994, p. 120) Este grupo acrescenta ainda que «a crença na palavra impressa pode combinar-se com os acontecimentos reais para exacerbar um dado fenómeno.» (Murphy *et al.*, 1994, p. 121)

⁴² Cohen, na obra *Folk Devils & Moral Panics*, para além de referir algumas características dos *Mods* e dos *Rockers*, procurou compreender os processos conducentes ao pânico moral em torno destas subculturas juvenis dos anos 60 e 70 na Grã-Bretanha e as consequências de tal sentimento, nomeadamente ao nível das reacções sociais, do controlo destes grupos e da sua classificação e estigmatização com base em estereótipos, bem como o subsequente crescimento do número dos comportamentos desviantes e a polarização do conflito (Cohen, 1973).

preocupações veiculadas pelos jornais influenciaram as preocupações do público e estas alimentaram as primeiras, numa espécie de círculo vicioso. Sob este aspecto merecem especial destaque os tablóides – que na altura começavam a impor-se, competindo não só entre si como contra a recém-criada televisão -, que passaram a debitar com notável sensacionalismo tudo o que dissesse respeito à delinquência juvenil. Não espanta, pois, que uma das áreas mais esmiuçadas tenha sido a do futebol. (Murphy et al., 1994, p. 114)

43

O estilo sensacionalista manifesta-se no recurso a termos como «vândalos», «animais selvagens», «psicopatas» e outros similares. Para Hall, estes termos têm consequências sérias, pois concorrem para um processo ritual e social de degradação que estigmatiza e conduz a um crescente controlo social (1978, p. 30).⁴⁴ Perante tais palavras, sobre os *hooligans* passou a pairar o estigma da irracionalidade, não sendo sequer considerada a possibilidade da existência de razões para um comportamento daquele género. Mesmo os editoriais dos jornais que abordavam este problema eram redigidos no mesmo sentido (Hall, 1978, pp. 26, 28).

Notícias com títulos e enunciados deste teor contribuíram ainda, segundo Taylor, para evidenciar a necessidade de repressão sobre os que perpetravam os actos violentos, não deixando o debate em torno deste tema de assumir alguns contornos políticos. A imprensa com uma tendência mais conservadora e de direita reprovava a condescendência das autoridades e apontava a necessidade do agravamento das penalizações para os infractores e do maior controlo sobre os mesmos. (Taylor, 1982a, pp. 160-163 e Taylor, 1982c, pp. 49-53). Todavia, foram vários os autores a sublinhar que o aumento do controlo exercido pelas autoridades e o surgimento de leis mais repressivas reforçaram o ciclo de reprodução do *Hooliganismo* que o *Grupo de Leicester* advogou existir e ao qual já se aludiu (Hargreaves, 1986, p. 149 e Clarke et al., 1998, pp. 75-79).⁴⁵

⁴³ A investigação do *Grupo de Leicester* defende que tal atenção sobre os incidentes perpetrados pelos *Hooligans* acabou por gerar uma base de partida para uma lógica de conflitos, resposta e contra-resposta entre os grupos de *Hooligans* dos diversos clubes; ou seja; à notícia de incidentes e agressões levadas a cabo por um grupo, corresponderia, posteriormente, uma resposta também violenta dos grupos rivais (Murphy et al., 1988, pp. 667-668). Esta investigação demonstrou que o crescente carácter sensacionalista das notícias no final da década de 50 e década de 60 do século XX constituíram uma ruptura com o tipo de tratamento noticioso dado pela imprensa aos incidentes ocorridos antes na 1ª Guerra Mundial. Nessa época, «o objectivo era informar e não chamar a atenção através do choque, da provocação ou do sensacionalismo.» (Murphy et al., 1994, p. 97) Para um conhecimento mais detalhado do teor desta investigação e das suas conclusões consultar (Murphy et al., 1988, pp. 645-673 e Murphy et al., 1994, pp. 95-124).

⁴⁴ Esta opinião é também perfilhada por Hargreaves, considerando também este autor que tal estigmatização e «diabolização» recaem sobre os jovens da classe trabalhadora, tendo a exacerbação do problema e a simplificação das suas causas concorrido também para sublinhar e ideia de ameaça e de um problema disciplinar (1986, p. 148-149).

⁴⁵ Importa destacar que os processos de ampliação e sensacionalismo noticioso em torno do *Hooliganismo* e seus efeitos nefastos não são exclusivos do contexto britânico. O *Social Issues Research Centre* também referenciou a cobertura dos *Mass Media* ao *Hooliganismo* futebolístico, mencionando análises sobre estes processos que chegaram a conclusões similares em Itália (Dal Lago, 2001, p. 42 e Zani e Kirchler, 1991, p. 6). O centro aludido mencionou ainda os estudos de Van der Brug e Meijs na Holanda e ainda o trabalho de Roman Horak na Áustria, estabelecendo uma relação entre a diminuição da ampliação do *Hooliganismo* nas notícias e a redução do número de incidentes durante a década de 80. Este mesmo centro de investigação destacou ainda o contributo da comunicação social

As destacarem este aspecto os autores não negaram os motivos de preocupação ou sugeriram qualquer tipo de conspiração (Hargreaves, 1986, p. 149). Hall considerou mesmo que uma explicação séria para o *Hooliganismo* terá de contemplar factores sociais externos aos próprios estádios de futebol. Segundo este, o fenómeno cresceu com a deterioração da situação económica, o crescimento do desemprego, dos cortes na despesa pública e ainda à agudização da polarização política (Hall, 1978, pp. 34-35). Este autor sublinha ainda que a sociedade se tornou menos permissiva para com as quebras da disciplina social, dos valores da família, dos códigos sexuais e ainda da ética. Por conseguinte, o *Hooliganismo* da década de 60 do século XX, à semelhança de grupos juvenis como os *Teddy Boys*, *Mods* e *Rockers*, tornou-se aos olhos da direita e da imprensa britânica um símbolo de declínio da sociedade. Todavia, a análise do mesmo não pode ser simplificada nem reduzida à brutalidade dos incidentes perpetrados e à publicidade que estes recebem da imprensa (Hall, 1978, pp. 35-36).

A perspectiva de Clarke e a teoria subcultural

A mencionada semelhança que Hall estabeleceu entre o tratamento que a imprensa e a direita britânica dava aos grupos de *Hooligans* e a outros grupos de jovens como os *Teddy Boys*, *Mods* e *Rockers* constitui já um indício de outra perspectiva de interpretação do fenómeno que é fundamental considerar. Partindo de algumas premissas delineadas pela perspectiva Marxista já abordada, Clarke desenvolveu uma abordagem que centra a interpretação do *Hooliganismo* essencialmente na sua vertente de subcultura juvenil. Este autor perfilha também a necessidade de uma abordagem contextual aos jogos de futebol e aos incidentes que, por vezes, neles ocorrem, defendendo, por isso, a importância de um bom conhecimento da ligação que este jogo estabelece com a sociedade e, mais especificamente, com os valores e tradições de que estão

escocesa no sentido da construção de uma imagem positiva acerca do comportamento festivo dos adeptos, diferenciando-os do comportamento dos adeptos ingleses. Algo de semelhante se verificou na Dinamarca com Peitersen e Skov a sublinharem a importância da comunicação social para a construção da boa reputação que os adeptos deste país sustentam. O *Social Issues Research Centre* concluiu que a comunicação social tem um papel muito importante na percepção que a opinião pública tem do *Hooliganismo* futebolístico, sendo também evidente a satisfação dos *Hooligans* para com a cobertura noticiosa dos incidentes por eles perpetrados, uma vez que esta lhes confere mais reputação. Este centro fez ainda referência às conclusões do relatório do Parlamento Europeu, pois neste se afirma que «os meios de comunicação social desempenham um papel importante na escalada da violência no desporto, ao reservarem frequentemente grande parte das suas notícias aos comportamentos negativos.» (Parlamento Europeu, 1988, p. 6) Para uma análise mais pormenorizada às considerações do *Social Issues Research Centre* consultar <http://www.sirc.org/publik/fvmedia.html>, consultado em 29/4/2003. V. bib. Os meios de comunicação ocupam também um lugar importante na análise que González efectuou acerca do vandalismo no futebol em Espanha, e que abrange também as claques espanholas. Para a análise da representação esquemática desta configuração relacional, bem como das considerações do autor sobre as mesmas, consultar González, 1996, pp. 53- 132.

imbuídas as pessoas e os grupos que apoiam as equipas (Clarke, 1978, p. 38).

Clarke confere ainda maior relevância a esta relação ao considerar que assistir a um jogo de futebol envolve um conhecimento de códigos não escritos. Estes não se confinam ao significado do próprio jogo, assumindo também grande importância na relação histórica que os clubes estabelecem com a localidade onde estão sediados e ainda com os seus adeptos. (Clarke, 1978, pp. 38-39). É dos códigos não escritos subjacentes a estas relações que emerge a grande importância que o futebol assume para as pessoas. Assim, a territorialidade e identidade local, os valores como a masculinidade, alguma dureza física ou ainda a libertação da pressão do trabalho e a procura de excitação no jogo são entendidos por Clarke como elementos constitutivos de tais códigos, configurando estes uma experiência colectiva da classe trabalhadora no futebol. Este jogo tornou-se, por isso, uma actividade social colectiva em que os adeptos não são neutros, procurando apoiar um clube representativo da sua localidade e vendo na sua equipa uma possibilidade de vitória e sucesso (1978, pp. 39-43).

À semelhança da perspectiva Marxista já apresentada, Clarke sublinha também a existência de uma cultura muito peculiar no futebol, muito associada à experiência de vida da classe trabalhadora, não deixando também de destacar as transformações que esta sofreu. Estas decorreram sob a influência de um quadro mais geral de transformações sociais e económicas que afectaram o mundo do trabalho e do lazer em Inglaterra. Clarke faz então referência à substituição das velhas indústrias e ofícios por novas indústrias e novas formas de ocupação, considerando que tais mudanças foram mais visíveis ao nível da expansão de indústrias do consumo e dos serviços, afectando também os padrões do lazer. Clarke sublinha ainda que a melhoria do rendimento e dos padrões de vida nos anos 50, com o conseqüente incremento do consumo, concorreram para a procura de entretenimento em casa e também nos centros das cidades, em detrimento dos clubes e dos jogos de futebol que vêem as suas audiências decrescerem após 1955 (1978, pp. 44-45).

Este quadro geral de transformações exerceu influência no futebol, suscitando uma resposta a estas mudanças. Clarke retomou e corroborou então os princípios da perspectiva de Taylor já enunciados (Clarke, 1978, pp. 45-49), mas encontrou então uma nova via de interpretação para o *Hooliganismo*. As alterações no padrão de relacionamento intergeracional, enquadradas em mudanças sociais mais profundas que também se reflectiram no lazer e na forma como o público de diferentes classes etárias assistia aos jogos de futebol, são, pois, o elemento central para a interpretação do *Hooliganismo*. Clarke procurou evidenciar a forma como a experiência e valores da classe trabalhadora eram transmitidos de geração em geração:

Destes valores específicos emergiu uma cultura específica de apoio futebolístico que continha várias formas de ver e participar no futebol – transmitida a cada nova geração pelas famílias, vizinhos e amigos. Cada geração recebeu o seu ‘baptismo’ no jogo, era apresentada à história do clube e do jogo em geral, era-lhe ensinada a importância do futebol no seu modo de vida, era ensinada a como ver o futebol. (Clarke, 1978, p. 43)

Este processo evitou a morte da cultura do adepto de futebol e as famílias continuaram a introduzir os jovens na experiência do futebol, acompanhando-os nos estádios. Este jogo continuou, pois, a ser um dos mais importantes temas do quotidiano dos grupos juvenis pertencentes à classe trabalhadora (Clarke, 1978, pp. 50-51). A ligação dos jovens ao futebol foi ainda influenciada por um conjunto de importantes transformações ocorridas na sociedade inglesa no período pós guerra. Mudanças na educação, na habitação, na família, na estrutura ocupacional e divisão do trabalho, com o surgimento de novos tipos e experiências de trabalho decorrentes da evolução tecnológica e mesmo a distribuição dos rendimentos, afectaram a relação dos jovens da classe trabalhadora com os seus pais e com a sociedade (Clarke, 1978, pp. 51-52 e Clarke et al., 1998, p. 35).

Uma das transformações mais significativas foi um certo aumento da riqueza produzida e o conseqüente incremento do consumo (Clarke et al., 1998, p. 18).⁴⁶ Uma segunda consequência das mudanças, e que não deixa também de estar associada à primeira, é o surgimento de um processo de uniformização e massificação dos consumos, sendo de realçar, sobretudo, a emergência de uma indústria de lazer orientada para a juventude, bem como um conjunto diverso de produtos, tendo estes também como destinatários os jovens. Tal acabou por criar um padrão de consumo distintivo, ao qual a juventude se associou por imitação, mas também por manipulação, facilitada pela comunicação social. Surgiram assim determinados estilos muito baseados no tipo de música ouvida e no vestuário escolhido que acabaram por reforçar a noção de uma geração jovem (Clarke et al., 1998, pp. 18-21).

É importante sublinhar que a educação contribuiu decisivamente para o surgimento da condição juvenil. O alargamento do ensino secundário para todos os jovens e o prolongamento da carreira escolar até ao ensino superior foram, pois, dois importantes factores de adiamento da inserção dos jovens na vida profissional. A importância do processo educativo foi ainda reforçada pela correlação estabelecida entre o crescimento económico e o número de indivíduos altamente

⁴⁶ Todavia, Clark et al. (1998) sublinham que se conhece hoje a complexidade dos mecanismos e dos equilíbrios da vida e cultura de uma classe trabalhadora sufocada por uma ideologia do consumo que, ao nível dos efeitos reais, foi limitada, uma vez que não terá proporcionado o salto qualitativo tendente à anulação das reais desigualdades, conforme prometia a utopia da igualdade. Manteve-se, pois, um sentimento de privação que foi conducente à contestação e militância em defesa da melhoria dos salários e das condições dos trabalhadores, sobretudo nas décadas de 60 e 70 do século XX.

qualificados pelo sistema educacional para o exercício de determinadas profissões o que, de acordo com uma ideologia meritocrática, poderia proporcionar a mobilidade social a tais pessoas (Clarke et al., 1998, p. 36). Parece assim ganhar ascendência uma certa definição do que deverá ser a educação, sendo esta determinada pela classe dominante que inviabiliza outras alternativas educativas. Consequentemente, os jovens da classe trabalhadora participam de um processo educativo delineado pela classe dominante, incorporando-se nas instituições que o servem. ⁴⁷

Verificaram-se também importantes mudanças na ecologia das regiões em que a classe trabalhadora residia. No período pós guerra, os padrões habitacionais tradicionais alteraram-se também em função da emergência de novas formas de propriedade e do surgimento de novas cidades configuradas em função de áreas urbanas adstritas a diferentes classes sociais a que correspondem, na realidade, diferentes condições materiais e sociais (Clarke et al., 1998, p. 36). A presença numa sociedade e num dado período histórico de diferentes grupos e classes que se interrelacionam em função de relações de poder poderá implicar posições de domínio e subordinação, sendo que a hegemonia ou a ordem vigente não é sempre aceite pelo grupo dominado. Consequentemente, as classes ou grupos sociais poderão lutar contra tal domínio de várias formas, sem que isso signifique uma situação de conflituosidade aberta. ⁴⁸ Há assim lugar a uma coexistência num mesmo espaço social, sendo esta muitas vezes negociada no quotidiano. Importa sublinhar que cada classe ou grupo dominante ou dominado poderá ter a sua cultura. ⁴⁹

Estes autores não deixam de destacar que as culturas das classes ou dos grupos estabelecem padrões de vida, dão forma expressiva à experiência de vida material e social dos indivíduos que os compõem e incluem «mapas de significados» que conferem sentido e tornam as coisas compreensíveis aos olhos dos que fazem parte destas categorias. Tais mapas são objectivados em padrões de organização social em função dos quais as pessoas se relacionam entre si tornando-se seres sociais inseridos num conjunto de instituições, relações e configurações de significados (Clarke et al., 1998, pp. 10-11).

Nesta coexistência estão também as mencionadas subculturas, podendo estas ser entendidas como grupos mais pequenos e localizados, por vezes com uma territorialidade por eles

⁴⁷ Para uma análise mais pormenorizada da evolução do sistema educacional inglês no período pós 2ª Guerra Mundial consultar Corrigan e Frith, 1998, pp. 240-241.

⁴⁸ No entanto, alguns dos efeitos perturbadores da 2ª Guerra Mundial - como a grande violência, a ausência do pai e outros problemas familiares - foram também apontados por Clarke et al., como uma das razões explicativas para um maior grau de violência e delinquência por parte de jovens do período pós guerra, quando comparados com aqueles que viveram a sua juventude nos anos que antecederam o conflito mundial (1998, pp. 19-20).

⁴⁹ Esta foi definida por Clarke et al. como sendo «o estilo de vida característico e peculiar ao grupo, os sentidos, valores e ideias incorporadas nas instituições, nas relações sociais, em sistemas de crenças, em morais e costumes, no uso dos objectos e na vida material. A cultura é a forma distintiva em que esta organização material e social da vida se auto-expressa.» (1998, p. 10)

determinada, sendo ainda detentores de valores, modas, formas de falar e actividades muito próprias – por vezes com recurso a artefactos que lhes são característicos – que estabelecem uma forma de vida e uma estrutura muito própria. O estudo das subculturas deverá, por isso, contemplar a análise da relação que estas estabelecem com a cultura dominante (Clarke et al., 1998, pp. 13-14 e Revilla, 1996, p. 25). Muitas vezes, como assevera Revilla, as subculturas denotam uma tensão fundamental entre os que detêm o poder e aqueles que se situam numa posição subordinada, representando, por isso, um desafio simbólico a uma ordem simbólica (1996, p. 31). A relação destas com a cultura dominante decorre, por vezes, numa dinâmica de marginalização, rebeldia e contestação, assumindo um carácter distintivo (Costa et al., 1996, 27).

No âmbito do estudo das subculturas ganham preponderância as juvenis. Clarke et al. consideram mesmo que estas foram uma das manifestações mais visíveis das mudanças sociais mencionadas, tendo sido uma categoria emergente no período pós 2ª Guerra Mundial (1998, p. 9). Surgiram assim grupos de jovens que, pelas suas actividades e vestuário dos seus membros, pelos gostos musicais, pela procura do prazer e excitação e demais aspectos, configuram estilos de vida peculiares e distintivos que assumiram grande destaque (Clarke, 1978, p. 52). No conjunto das transformações sociais ocorridas assume particular importância a relação que os jovens passaram a ter com os seus pais. A dependência dos primeiros em relação aos segundos no período antecedente à 2ª Guerra Mundial evoluiu, após tal evento, no sentido de uma maior liberdade e autonomia dos jovens face aos pais. Para Clarke, esta foi a base para o desenvolvimento de subculturas como os Teddy Boys, os Mods ou ainda os *Skinheads* (1978, p. 52).⁵⁰

Esta crescente liberdade e autonomia dos jovens reflectiu-se também na forma como estes assistiam aos jogos de futebol. Outrora na companhia dos seus pais, os jovens passaram a ver o

⁵⁰ Os Teddy Boys precediam das classes trabalhadoras da zona oriental de Londres e distinguem-se pelo forte sentido territorial, pela preocupação com um estilo de vestuário peculiar que visa a obtenção de *status* e pelo seu gosto musical. São olhados como resposta à destruição da coesão social inerente à rede extensa de parentesco e produto das confrontações de alguns jovens trabalhadores sem qualificação com a prosperidade da sociedade britânica. Para mais pormenores sobre os Teddy Boys consultar Costa et al., 1996, pp. 63-64 e Jefferson, 1998, pp. 81-86. Os Mods caracterizam-se também por um estilo de roupa e pelo uso de motorizadas «Vespa» Congregam jovens provenientes da classe trabalhadora e ainda de um meio de pequena burguesia (Clarke, 1973, p. 12). Celebram a era consumista, assumindo um carácter elitista, sendo também muito conhecida a sua rivalidade com a subcultura Rocker (Costa et al., 1996, pp. 65-66, 108). Para um conhecimento mais detalhado dos Mods consultar Hebidge, 1998, pp. 87-96 e Cohen, 1973, pp. 19-26, 178-190. Os Rockers descendem do sector mais modesto dos *Teddy Boys*. As motos são um elemento muito importante desta subcultura. Admiram o Rock and Roll e a música de Elvis Presley e têm também um estilo de vestir muito peculiar (Costa et al., 1996, pp. 64-65, 118). Os *Skinheads* são também provenientes da zona oriental de Londres (Clarke, 1973, p. 10). As cabeças rapadas, as botas paramilitares Doc Martens, blusões e calças de ganga configuram um estilo e visual cuidado (Costa et al., 1996, pp. 67-67, 122). Representam uma tentativa de recriar a comunidade tradicional da classe trabalhadora. (Clarke, 1998, pp. 99-100). Considerações mais desenvolvidas acerca dos *Skinheads* poderão ser conhecidas em Costa et al., 1996, pp. 67-68, 122, 145-211, Clarke, 1973, pp. 10-14, Clarke, 1998, pp. 99-102 ou ainda em Revilla, 1996, pp. 41-93. A presença de *Skinheads* no seio de grupos de *Hooligans* e *Ultras*, bem como nas claques pesquisadas, justifica uma abordagem posterior a este tema.

futebol em grupo e separados dos restantes espectadores, conforme foi já aludido na história do *Hooliganismo* (Clarke, 1978, pp. 51-52). Perdeu-se assim a vigilância parental que constituía uma forma informal de controlo do comportamento. Isto está, na perspectiva deste autor, no centro da interpretação do *Hooliganismo* (Clarke, 1978, p. 51). O grupo de jovens passou então a tipificar uma conduta e a defender valores específicos, bem como a gerir também a actividade de apoio ao clube nos estádios, tornando-se assim o futebol um espaço de encontro e mesmo de algum drama. O apoio prestado por estes grupos de jovens aos clubes passou também a ser entendido como um esforço de intervenção no próprio jogo, acabando também por estabelecer-se uma competição e rivalidade paralela ao próprio jogo entre os diferentes grupos que aplaudem as equipas em competição. Por conseguinte, para além dos resultados dos jogos, está em causa o prestígio e ainda a defesa de uma dimensão territorial, uma vez que estes grupos de jovens passaram a posicionar-se nos topos dos estádios, assumindo por vezes nestes locais comportamentos de contestação (Clarke, 1978, pp. 53-54).

Face aos aspectos considerados, os grupos de *Hooligans* prefiguram-se também como *subculturas juvenis* (Clarke, 1978, p. 53). Importa salientar que Clarke optou por considerar os grupos de *Hooligans* como *Subculturas Juvenis*, em detrimento da expressão *Culturas Juvenis* que o próprio reconhece como mais popular no contexto jornalístico, uma vez que considera que tal conceito permite destacar a importância das relações que os grupos de jovens estabelecem com a cultura dos seus pais e sobretudo a relação de conflituosidade que, como cultura subordinada, mantêm com a cultura dominante (Clarke et al., 1998, pp. 15, 16). Apesar de acentuar que o *Hooliganismo* e os grupos de jovens *Hooligans* deverão ser interpretados no âmbito das transformações sociais conducentes à formação de subculturas juvenis, Clarke não desvincula as subculturas juvenis em geral, e os grupos de *Hooligans* em particular, da problemática das classes sociais e da associação deste fenómeno com a classe trabalhadora. Este autor sublinha mesmo a existência de diferentes estratos de jovens associados a diferentes proveniências sociais (Clarke et al., 1998, pp. 15, 16).

Mas esta posição não é unânime, uma vez que alguns procuram desvincular a problemática das subculturas juvenis da associação à classe trabalhadora e da luta de classes. Nesta perspectiva assume relevância a ideia de uma cultura juvenil delineada por valores próprios, determinados gostos e padrões de consumo de vestuário e música, actividades típicas de lazer, configurando estes aspectos um estilo próprio transversal aos jovens provenientes de diferentes classes sociais.⁵¹

⁵¹ Pais definiu cultura juvenil como «sistema de valores socialmente atribuídos à juventude (tomada como conjunto referido a uma fase de vida), isto é, valores que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais.» (1993, p.

O estudo de Revilla sobre *Hooligans*, *Ultras* e ainda *Skinheads* levou a autora a interpretá-los e teorizar acerca dos mesmos neste sentido, procurando libertar a explicação do fenómeno da problemática das classes sociais. Relativamente aos actos de violência que por vezes são perpetrados pelos membros destas subculturas estudadas, Revilla sublinhou que «o comportamento delinquente não é exclusivo das classes operárias, ainda que seja nelas que o encontramos habitualmente.» (Revilla, 1996, p. 29) Por conseguinte, esta autora considera também que os jovens constituem uma categoria social diferenciada (Revilla, 1996, p. 11). A formação destas subculturas juvenis, segundo Revilla, tem por base a partilha das dificuldades de integração dos jovens num mundo adulto, constituindo, por isso, uma resposta simbólica da parte dos membros destes grupos no sentido da construção de uma sociedade alternativa que, pelos seus rituais, valores, estilos e demais elementos típicos, confere um sentimento de pertença e a visibilidade desejada, mas negada por uma sociedade que protela a integração na condição social de adulto, sendo esta assinalada pela assunção de uma responsabilidade produtiva, conjugal, doméstica e parental (Revilla, 1996, pp. 8, 9, 12, 25, 30, 95).⁵²

A perspectiva do *Grupo de Leicester* e a teoria Configuracionista

54) Por conseguinte, a congregação de jovens adstritos a estratos sociais distintos numa cultura juvenil comum poderá mesmo transformar esta última também numa categoria concreta. Constatam-se assim duas tendências da Sociologia da Juventude. Numa delas a juventude «é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada <fase da vida>, prevalecendo a busca dos aspectos mais uniformes e homogêneos que caracterizariam essa fase da vida – aspectos que fariam parte de uma <cultura juvenil>, específica, portanto, de uma geração definida em termos etários» (Pais, 1993, p. 23). Numa segunda tendência a juventude é perspectivada como «conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis em função de diferentes pertenças de classe, diferentes situações económicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais, etc. (...) nesta tendência, a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o ser constituído por jovens em diferentes situações sociais.» (Pais, 1993, p. 23) À primeira tendência estão associadas teorias que podem ser agrupadas numa corrente denominada *geracional*, uma vez que esta «toma como ponto de partida a noção de juventude, entendida no sentido de *fase de vida*, e enfatiza, por conseguinte, o aspecto unitário da juventude.» (Pais, 1993, pp. 37-38) No que diz respeito à segunda tendência mencionada, esta relaciona-se com teorias aglutinadas numa corrente classista que, criticando o conceito de juventude associado à ideia de fase da vida, considera que «a transição dos jovens para a vida adulta encontrar-se-ia sempre pautada por desigualdades sociais: quer e nível da divisão sexual do trabalho quer, principalmente, a nível da condição social.» (Pais, 1993, p. 44).

⁵² Esta perspectiva parece ser corroborada por diversos investigadores da temática. O trabalho de Zani e Kirchler desenvolvido no seio dos adeptos e *Ultras* do Bolonha e do Nápoles levou-os a interpretar a integração nas claques como um processo de desindividuação que pode tender para a perda de algum controle comportamental e para o incremento da agressividade, sendo este favorecido por um certo anonimato conferido pela integração no grupo (1991, pp. 7-8). Na sequência deste processo, a identidade pessoal acaba também por se sobrepor a identidade social decorrente da adesão ao grupo, dando este resposta, segundo Zani e Kirchler, ao desejo de uma determinada imagem de si próprios (1991, p. 19). O *Social Issues Research Centre* posiciona também nesta linha interpretativa as investigações de Hann e Pilz, em contexto germânico. A primeira refere as crescentes dificuldades dos jovens alemães em desenvolverem a sua identidade pessoal, procurando então nas subculturas uma forma de protesto contra as normas sociais. A segunda interpreta a participação nas subculturas como um apelo dos jovens à ajuda da sociedade para um futuro relativamente ao qual não têm esperança. Mais considerações sobre estas duas investigações poderão ser consultados em www.sirc.org/publik/fvtheory.html, consultada em 29/4/2003. A assunção de um papel de adulto e a procura de prestígio no seio dos grupos *Ultra* é também a interpretação avançada por Roversi na sequência da investigação que efectuou sobre os grupos *Ultras* italianos (1992, pp. 11-12).

Este grupo de sociólogos procurou introduzir uma explicação para o *Hooliganismo* que teve como base de partida os principais contornos da perspectiva configuracional desenvolvida por Norbert Elias. O conceito de Configuração é, pois, o ponto de partida desta perspectiva, podendo ser entendido como «disposição de um conjunto de elementos colocados em situação de interdependência» (Deroche-Gurcel, 1999, p. 102) ⁵³

São assim formadas cadeias que poderão ser entendidas como «laços que existem entre seres humanos unidos por meio de um sistema de diferenciação funcional.» (Dunning, 1992c, p.29) Na verdade, e como refere Elias, «O comportamento de muitas pessoas separadas enreda-se de modo a formar estruturas entrelaçadas.» (Elias, s.d., pp. 144-145). Esta perspectiva configuracional afasta-se de um tipo comum de análise da sociedade que tem consistido, sobretudo, na fragmentação de diversos factores, tomando-se muitas vezes cada um por si, procurando-se antes avaliar o peso relativo que cada um assume no processo social (Dunning, 1992c, pp. 26-27).

É segundo esta perspectiva que o *Grupo de Leicester* procura estudar o *Hooliganismo* combinando diversas dimensões que estabelecem uma configuração que tende a explicar esta problemática. Numa primeira abordagem geral da perspectiva deste grupo, o *Hooliganismo* surge em consequência de uma configuração que produz uma forma particular de agressividade masculina inerente a algumas comunidades urbanas especificamente associadas à classe trabalhadora. Como ponto de partida para a formulação da perspectiva teórica deste grupo apresenta a seguinte hipótese:

O comportamento violento dos *hooligans* do futebol – sejam quais forem os elementos de ritual que possa conter – está relacionado, principalmente, com normas de masculinidade que: 1) colocam grande ênfase na dureza e na capacidade de luta; 2) são, quanto a este aspecto, diferentes em grau – embora não em tipo – das formas de masculinidade que dominam vulgarmente na sociedade em geral; 3) em consequência, são objecto de condenação sistemática por parte dos grupos socialmente dominantes. (Dunning, 1992b, p. 350)

Apesar das variações do *Hooliganismo* ao longo do tempo e em diferentes locais, os sociólogos de *Leicester* sublinham a existência de algumas características perduráveis como uma

⁵³ Elias entende por configuração o padrão mutável criado pelo conjunto dos jogadores, não só pelos seus intelectos mas pelo que eles são no seu todo, a totalidade das suas acções nas relações que sustentam uns com os outros. Podemos ver que esta configuração forma um entrançado flexível de tensões. A interdependência dos jogadores, que é uma condição prévia para que formem uma configuração, pode ser uma interdependência de aliados ou de adversários. (Elias, s.d., p. 142) Tal conceito visa atenuar a tendência em abordar *Indivíduo* e *Sociedade* como dois objectos que existem em separado, resistindo assim à pressão no sentido da fragmentação e polarização da humanidade e alertando para a interdependência das pessoas (Elias, s.d., pp. 141, 144).

agressividade masculina sobretudo proveniente da classe trabalhadora, a grande identificação com os clubes locais, bem como as rivalidades que daí decorrem e que predisõem à confrontação entre grupos de cada clube (Dunning et al., 1992b, p. 184). Estas características, assim como os três pontos mencionados na hipótese apresentada e que decorrem das normas de masculinidade, terão, segundo Dunning, raízes «nas ligações segmentares e dos seus correlativos na estrutura social mais vasta dos períodos medievais e dos inícios dos tempos modernos.» (1992b, p. 351) Este autor procura ainda reforçar esta posição mencionando a existência dos quatro aspectos que se seguem, sendo estes apontados também como produto de ligações segmentares:

- 1) O facto de os grupos rivais envolvidos parecerem estar, por vezes, tanto ou mais interessados em opor-se uns aos outros como em assistir ao futebol. As suas próprias explicações sugerem que obtêm prazer positivo no confronto e que a capacidade de luta constitui a principal fonte quer de prestígio individual quer do grupo.
- 2) O facto de os grupos rivais serem recrutados, principalmente, no mesmo nível de estratificação social, isto é, a partir dos chamados sectores «rudes» das classes trabalhadoras. Isto significa que, para a sua compreensão, é preciso saber que as suas lutas envolvem quer conflitos *intra* quer *interclasses*. (...)
- 3) O facto de o confronto entre tais grupos tomar a forma de uma *vendetta* no sentido em que, independentemente de qualquer acção que possam desencadear por sua iniciativa, indivíduos e grupos atacam apenas porque os outros ostentam a insígnia de membro de um grupo rival. (...)
- 4) O notável grau de conformidade e de uniformidade na acção que é exibido nas canções e coros de *Hooligans* do futebol. Um tema corrente destas canções e coros é o engrandecimento da imagem masculina de se pertencer ao grupo, associado à difamação e à emasculação daqueles que não pertencem ao grupo. (Dunning, 1992b, pp. 351-352)

A relevância que é dada às ligações segmentares torna imperativo o esclarecimento de tal noção, bem como o conhecimento da sua origem. Um dos aspectos basilares para esta clarificação é precisamente a origem social dos *Hooligans*. A observação participante efectuada pelos sociólogos de *Leicester* é também concordante com os dados recolhidos por Harrington (1968, p. 14) e Trivizas (1980, pp. 281-282) sobre aqueles que se envolvem em distúrbios e sugere que «o fenómeno é predominantemente uma área reservada da classe de trabalhadores de nível mais baixo.» (Dunning *et al.*, 1992a, p. 368) Associada a esta dimensão está também a proveniência residencial dos *Hooligans*. Esta dimensão urbana é fulcral na perspectiva dos sociólogos de *Leicester*, uma vez que estes consideram haver uma forte ligação entre a peculiaridade das estruturas destas comunidades urbanas e o comportamento violento que alguns

dos seus membros assumem no contexto futebolístico. ⁵⁴

Torna-se, por isso, fundamental conhecer a estrutura e as características destas comunidades.

⁵⁵ Para tal, os sociólogos de *Leicester* recorrem ao trabalho desenvolvido por Suttles em Chicago acerca de comunidades que, como este próprio afirma, apresentam padrões nos quais a idade, sexo, «raça» e unidades territoriais se ajustavam como construções em bloco numa arquitectura favorável à criação de uma estrutura mais alargada (1968, p. 10). É neste ponto que a expressão *segmentação ordenada*, empregue por Suttles, assume importância. ⁵⁶ Este autor considera a segregação entre sexos, a formação e nivelamento dos grupos por idade dos seus membros a solidariedade entre eles, bem como a ligação a uma unidade territorial, os elementos principais de

⁵⁴ Para esta conclusão contribuiu a investigação que o grupo efectuou sobre os rapazes de West Kingsley. Este bairro social de *Leicester*, para além da sua pobreza, desemprego e criminalidade, pode ainda ser sinteticamente caracterizado pela existência de fortes laços de parentesco, de vizinhança e de grupo entre os seus habitantes, assim como pelo respeito destes pelas tradições e regras da comunidade, pela identificação com o bairro e pelo orgulho de pertença ao mesmo. A presença no futebol constitui uma forma ritualista de preservar a imagem dura do bairro conferindo aos membros deste notoriedade e segurança (Murphy et al., 1994, pp. 125-159). No sentido de argumentarem a favor de tal ligação, Dunning et al. não deixam de destacar dados recolhidos por outros investigadores (1992a, p. 369). Com efeito, já Harrington tinha destacado este aspecto ao ter afirmado que os *Hooligans* eram «maioritariamente de um contexto de classe trabalhadora (...) Alguns destes jovens comportam-se nas bancadas segundo modos que não lhes são desconhecidos por se encontrarem estes também nas ruas dos seus bairros degradados.» (Harrington, 1968, p. 25) A investigação conduzida por Marsh et al. também é referida, pois nesta é feita alusão aos altos padrões de violência incorporados numa comunidade deste tipo. Um dos entrevistados afirmou: «Se vives lá para cima no Leys (um bairro de habitação social), tu tens que lutar, se não as pessoas chateiam-te e pensam que és um fracote ou coisa assim.» (Marsh et al., 1980, p. 69) A investigação de Robson (2000) sobre os *Hooligans* do *Millwall* (a merecer atenção ainda no presente capítulo) e a ligação dos mesmos à classe trabalhadora do sudoeste de Londres é igualmente evocada como sendo demonstrativa de ligação referida. Estas investigações tendem a demonstrar a relação que este grupo de investigadores estabelece entre o comportamento perpetrado pelos *Hooligans* e a sua proveniência de um tipo determinado de comunidades urbanas adstritas à classe trabalhadora.

⁵⁵ Para além das pesquisas mencionadas, Dunning et al. referem ainda outras investigações sociológicas que sugerem que «as comunidades <rudes> das classes trabalhadoras são caracterizadas por todas ou pela maioria das seguintes constelações sociais: a) a pobreza mais ou menos extrema; b) o emprego de membros em trabalhos não especializados e/ou empregos acidentais, associado a uma elevada susceptibilidade ao desemprego; c) o baixo nível de educação formal; d) a reduzida mobilidade geográfica, excepto para alguns membros do sexo masculino que viajam por razões profissionais, por exemplo, no exército ou, em ligação com o trabalho não especializado, na construção civil; e) um quadro familiar centrado na mãe e marcado por extensa rede de parentesco; f) um elevado grau de segregação dos papéis conjugais e de separação das vidas dos sexos em geral; g) o domínio masculino, associado à tendência para os homens exercerem violência física sobre as mulheres; h) a reduzida vigilância em relação às crianças, associada ao frequente recurso à violência no processo de socialização; i) a capacidade comparativamente reduzida dos membros para exercer controlo emocional e para diferir satisfação; j) um limiar de repugnância comparativamente reduzido quanto à violência física; k) a formação de <bandos> de esquina que são dirigidos pelos melhores lutadores e no interior dos quais, e entre os quais, a luta é frequente; e l) os sentimentos intensos de ligação ao que se encontra rigorosamente definido como <o nosso grupo> e, por correspondência, sentimentos profundos de hostilidade no sentido do que está estritamente definido como <o grupo deles>.» (1992a, pp.352-353)

⁵⁶ Não se trata de uma noção totalmente inovadora uma vez que a mesma tinha sido já apresentada por Evans-Pritchard no seu estudo sobre os *Nuer* no Sudão. Com efeito, as tribos *Nuer* dividem-se em segmentos, aos quais correspondem, por ordem crescente de dimensão, secções tribais terciárias, secundárias e primárias (Evans-Pritchard, 1978, p. 151). Nas secções menores verificava-se um maior sentimento de unidade e ligações sociais muito mais próximas, estando também associadas a um território mais compacto. Os eventuais conflitos numa secção terciária são diluídos quando estas entram em conflito contra outra secção do mesmo nível. No entanto, diferentes secções terciárias em oposição, mas pertencentes a uma mesma secção secundária, poderiam atenuar os seus conflitos em prol da luta contra outra secção secundária. Esta lógica é também extensível às secções primárias das tribos *Nuer*. Para uma análise mais detalhada da organização social em segmentos dos *Nuer* consultar (Evans-Pritchard, 1978, pp. 151-200).

uma comunidade caracterizada por segmentação ordenada (Suttles, 1968, pp. 169-173).⁵⁷

A segregação sexual advém dos papéis sociais atribuídos aos rapazes e às raparigas e que remetem estas para actividades de cariz mais domiciliário. Ao invés, os rapazes estão na rua entregues aos seus meios, muitas vezes sem grande controlo parental e portanto pouco sujeitos a uma socialização primária, criando bandos que têm por base relações de vizinhança. O processo de socialização dos adolescentes que pertencem a estas comunidades, cuja estrutura social corresponde à segmentação ordenada, decorre assim no seio do seu grupo de pares, onde por vezes as interações são agressivas, dominando aqueles que se revelam mais fortes e corajosos (Dunning *et al.*, 1992a, pp. 372-373).

Na verdade, o grau de violência a que os jovens estão expostos durante a sua socialização é outro aspecto importante a considerar. Neste tipo de comunidades, os homens assumem padrões de comportamento agressivos e por vezes mesmo violentos, muitas vezes exercidos sobre as mulheres. Estas, por sua vez, assumem também um padrão de comportamento agressivo nas suas relações sociais, o que não deixa de reforçar os valores masculinos. Por outro lado, são frequentes os conflitos familiares, de vizinhança e mesmo entre bandos, nos quais a generalidade dos homens aposta bastante em termos emotivos, saindo vencedores os homens mais agressivos na defesa destes grupos e ainda da comunidade na sua globalidade (Dunning *et al.*, 1992a, pp. 374-375).

Isto não deixa de constituir um reforço positivo para tal padrão de conduta. Dunning *et al.*, sublinham este aspecto afirmando:

Um dos efeitos deste processo é a atribuição de prestígio aos membros do sexo masculino de comprovada capacidade para lutar. Para eles e para os seus companheiros rivais é uma fonte importante de significado, de estatuto e de dinamização de emoção agradável. Neste aspecto, a diferença central entre estes sectores «rudes» das comunidades trabalhadoras de nível mais baixo e os seus equivalentes «respeitáveis» nas classes de trabalhadores de nível elevado ou médio parece ser a de que, nos últimos, a violência nas relações face a face é, regra geral, condenada, enquanto nas primeiras existe um maior número de contextos e de situações em que a expressão manifesta de agressão e de violência é tolerada e sancionada de modo positivo. (1992a, p. 374-375)

⁵⁷ Dunning *et al.* apresentaram os elementos caracterizadores de uma comunidade estruturada em função de ligações segmentares, contrapondo a cada um deles o elemento que lhe corresponde em comunidades de nível nacional sobretudo caracterizadas por ligações funcionais (1992a, pp. 340-341). Apresentaram também um esquema representativo da configuração que resulta da interação entre os elementos característicos de cada comunidade, destacando ainda a dinâmica social de criação de violência em comunidades sob condições de ligação segmentar, assim como a dinâmica social da limitação de violência e recurso à violência instrumental, sob condições de ligações funcionais (1992a, pp. 342-349). Para uma análise detalhada dos elementos característicos de cada modelo, assim como dos esquemas representativos das dinâmicas sociais aludidas, consultar Dunning *et al.*, 1992a, pp. 338-349.

Não surpreende, portanto, que os jovens integrados num contexto comunitário deste tipo, e sujeitos a um processo de socialização com os contornos apresentados, assumam uma atitude mais tolerante face ao comportamento agressivo e uma menor inibição para a participação em actos violentos. Tais jovens denotam, por isso, um alto limiar de repugnância à violência (Dunning et al., 1992a, p. 374).⁵⁸

Importa ainda mencionar outra característica fulcral que Suttles destaca nas comunidades caracterizadas por uma segmentação ordenada. Apesar da sua conflitualidade interna, constata-se que esta se dilui a favor de um importante grau de coesão entre os seus membros sempre que estes estão perante ameaças exteriores à comunidade (Suttles, 1968, pp. 176, 181, 194). A relação desta com a sociedade mais alargada é, aliás, outro elemento muito importante para a sua compreensão. São patentes as dificuldades dos homens destas comunidades em acederem a estatutos profissionais e educacionais gratificantes e socialmente reconhecidos, estando estes por vezes sujeitos a discriminações nestes campos. Os proscritos parecem então fazer face a esta dificuldade de formação de uma identidade nestes campos com uma predisposição para comportamentos mais agressivos, participação em lutas e consumo de bebidas alcoólicas fortes (Dunning et al., 1992a, p. 376). Os sociólogos de *Leicester* projectam assim a resposta compensatória:

É possível, com certeza, a estes membros *macho* do sexo masculino da classe trabalhadora de nível mais baixo desenvolver formas de auto-estima relativamente elevada na base do conhecimento local, e, acima de tudo, do seu grupo de companheiros, através da sua resistência, das suas proezas como lutadores, das suas façanhas como bebedores e, em geral, pelo facto deles próprios lidarem de uma maneira que tanto eles como os seus companheiros consideram «experiente». Ao mesmo tempo, dado que se encontram no fundo da escala social global, e porque têm a experiência de um padrão de socialização inicial que – em relação aos padrões característicos dos grupos mais «respeitáveis» - conduz a um nível de interiorização de formas de controlo estáveis na utilização da violência, estão mais disponíveis para responder de modo agressivo nas situações que consideram serem ameaçadoras para a sua auto-estima. As exigências complexas da «argúcia da rua» limitam os contextos nos quais lutar é considerado, por tais grupos, como o mais apropriado. Contudo, os membros do sexo masculino do tipo que descrevemos confiam na intimidação física e na luta com maior frequência do que os membros do sexo masculino de outros grupos. Por um lado, inclinam-se no sentido de procurar, de forma racional, confrontos físicos, porque estes constituem para si uma fonte de identidade, estatuto, significado e excitação agradável. Por outro, dispõem-se a responder de modo

⁵⁸ Outros investigadores chegaram a conclusões similares. Os dados de Zani e Kirchler (1991) foram interpretados no mesmo sentido pela psicóloga Christine Fontan, acentuando esta a ligação dos incidentes nos estádios à sociedade e, mais particularmente, ao insuficiente grau de educação parental. Ao investigar o crescimento do número de incidentes violentos entre adeptos no contexto futebolístico holandês, Brug considerou também que os incidentes não podem ser simplisticamente interpretados como reflexo da tensão inerente ao jogo e dos incidentes entre jogadores de ambas as equipas, mas sim como consequência do comportamento de grupos de jovens não sujeitos a um controlo parental eficaz e com níveis educacionais sofríveis (Brug, 1990, pp. 122-126, 133-136).

agressivo em situações ameaçadoras, porque não aprenderam a exercer o nível de autodomínio que é exigido pelas normas dominantes (Dunning et al., 1992a, pp. 376-377).

Chega-se assim ao ponto principal da perspectiva desenvolvida pelo *Grupo de Leicester*. O contexto futebolístico é visto como um campo privilegiado para a reprodução dos padrões de conduta que decorrem da pertença e socialização numa comunidade cuja configuração social tem por base as denominadas ligações segmentares ordenadas. Assim, a grande agressividade e capacidade de luta dos *Hooligans*, o engrandecimento que os mesmos fazem da masculinidade, a sua grande identificação com o clube de futebol local e a rivalidade para com agremiações adversárias são sobretudo consequência, segundo esta perspectiva teórica, da pertença ao tipo de comunidades e ao processo de socialização referido. Este grupo de investigadores sublinha ainda a sua perspectiva sobre o tema asseverando que os «adolescentes e jovens do sexo masculino dos sectores «rudes» das classes trabalhadoras de nível mais baixo (...) parecem ser os mais consideráveis e persistentes intervenientes nas formas mais graves do hooliganismo do futebol.» (Dunning et al., 1992a, p. 387) ⁵⁹ O futebol tornou-se, por isso, um campo apropriado e atractivo para exibição da masculinidade, assim como para a defesa da reputação de uma comunidade contra comunidades rivais, através dos *gangs* que as representam, emergindo assim os *Super Hooligans*. ⁶⁰

As abordagens etnográficas e o ecletismo teórico:

Armstrong, Giulianotti, Redhead, Robson e King

As perspectivas apresentadas no presente texto centram-se sobretudo numa abordagem estrutural em que a problemática das classes sociais são tidas como importantes para a compreensão *Hooliganismo*. No estudo do *Hooliganismo* emergiu, porém, uma abordagem antropológica que se distanciou do pendor estruturalista das perspectivas anteriormente apresentadas, sobretudo centradas na explicação do *Hooliganismo* através da problemática das classes sociais e dos conflitos daí resultantes. Um dos principais mentores deste tipo de abordagem foi Gary Armstrong.

⁵⁹ Todavia, os próprios autores sublinharam que os jovens do sexo masculino das classes trabalhadoras não são os únicos *hooligans* do futebol e nem todos eles procuram o futebol para lutar (Dunning et al., 1992a, p. 386). Dunning et al. destacaram também que as características dos *Hooligans* não são exclusivas apenas destes jovens (1992a, p. 386-387).

⁶⁰ *Sir Norman Chester Centre for Football Research*. [Em linha] Disponível em www.le.ac.uk/snccfr/resources/factsheets/fs1.html, consultado em 7/3/2003.

A investigação de Armstrong

Na óptica deste autor (e de Harris), o primeiro aspecto a considerar na investigação sobre esta temática é precisamente a natureza do problema, uma vez que a violência não é o aspecto central (Armstrong e Harris, 1991, pp. 434, 454). Armstrong afirma mesmo que o *Hooliganismo* não poderá ser explicado, mas sim descrito e avaliado (1998, p. 21). Na sequência da investigação que levou a cabo, este autor argumenta ainda que as actividades dos *Hooligans* poderão ser muito melhor entendidas através das suas biografias e de uma abordagem no âmbito da Antropologia, do que propriamente no âmbito de uma abordagem estrutural enquadrada na Sociologia (Armstrong, 1994, p. 320).

Para a prossecução deste objectivo, Armstrong efectuou um trabalho de campo de cerca de dois anos no seio dos *Blades*,⁶¹ contemplando as narrativas dos adeptos mais envolvidos com o futebol e com o clube, assim como a observação participante dos mesmos no futebol e mesmo noutros cenários, como por exemplo os *pubs*. Armstrong desenvolveu uma etnografia detalhada, ainda que reconheça que, como qualquer outra, ela não deixará de ser sempre uma representação incompleta (1998, pp. XIII, 20). Para Armstrong e Harris, só uma etnografia muito pormenorizada tem potencialidade para chegar à natureza do problema do *Hooliganismo* (1991, pp. 427, 456). O trabalho de campo que desenvolveu levou Armstrong a afirmar claramente: «Nenhuma teoria específica pode explicar os *Blades*.» (Armstrong, 1994, p. 321)

Para este investigador tal asserção é extensível ao *Hooliganismo* em geral, para o qual confessa não ter uma teoria clara (Armstrong, 1991, p. 456). Sobre o trabalho teórico desenvolvido com o intuito de explicar o *Hooliganismo*, Armstrong afirmou o seguinte:

A teorização académica não pode fornecer uma única e simples explicação para a sua motivação. Muitas das teorias já existentes sobre as causas do hooliganismo no futebol são inadequadas (algumas são totalmente ridículas); assim, respostas quanto ao porquê de alguns desejarem participar nos rituais dos *Blades* têm que ser procuradas através de uma perspectiva teórica mais abrangente. A resposta, creio, pode ser encontrada nas razões que A.Cohen (...) enuncia como explicando o porquê das pessoas participam em cerimónias

⁶¹ É por este epíteto que os adeptos do Sheffield United são conhecidos. O trabalho de Armstrong centrou-se no núcleo duro desses adeptos, distinguindo-se estes pela maior dedicação ao futebol e ao clube. Têm também um maior potencial para o envolvimento em violência, ainda que tal não ocorra, segundo Armstrong e Harris, tantas vezes como se afirma. Ainda segundo estes autores, tais adeptos têm um maior envolvimento em situações de violência pela simples razão de que marcam também presença num maior número de jogos do que outros adeptos menos participativos no acompanhamento e apoio do Sheffield United (Armstrong e Harris, 1991, p. 427). Relativamente ao trabalho que desenvolveu, Armstrong reconheceu as limitações do seu estudo de caso, não deixando, contudo, de considerar que o mesmo pode contribuir, em termos teóricos, para a compreensão do papel do indivíduo como elemento que estrutura a estrutura (Armstrong, 1998, p. 3). Com efeito, a amplitude do universo estudado – cerca de 40 a 50 adeptos segundo o *Social Issue Research Centre* – é uma das críticas apontadas à sua investigação. [Em linha] Disponível em www.sirc.org/publik/fvtheory.html, consultado em 7/3/2003.

rituais: 'para obter conforto, para levar a cabo uma obrigação social, por recreação, para descobrir a sua identidade, para passar o tempo, para estar com outros e por uma variedade infinita de outras razões pessoais e privadas.' Estas razões, acrescenta ele, são sempre afectadas pelas relações de poder entre indivíduos e entre grupos. (Armstrong, 1998, pp. 295-296)

Esta é a posição de Armstrong face a algumas explicações académicas. Este investigador optou por uma via diferente, procurando fazer um retrato dos *Hooligans* para tentar perceber as motivações destes e compreender, numa perspectiva weberiana a que o próprio Armstrong alude, o significado que os próprios atribuem às suas acções (1998, pp. XIII, 3, 20). Este tipo de abordagem permitiu ao autor realçar algumas dimensões do fenómeno, não deixando para tal de recorrer a conceitos e perspectivas elaboradas por diversos investigadores.

Uma das dimensões a que Armstrong conferiu maior destaque foi a identidade, não obstante este conceito ter sido pouco empregue noutros estudos sobre o *Hooliganismo* (Armstrong, 1998, p. 3 e Giulianotti e Armstrong, 2002, p. 218, 234). Pertencer aos *Blades* não deixa de representar a assunção de uma identidade colectiva, de um sentido de identidade de grupo que se exalta sobretudo nos estádios de futebol (Armstrong e Harris, 1991, p. 436). Todavia, esta parece «morrer» fora do contexto futebolístico, emergindo no quotidiano outras identidades sociais que os indivíduos adoptam (Armstrong, 1998, p. 268). Armstrong não deixa por isso de invocar Simmel e Goffman para interpretar esta fragmentação identitária que decorre do facto dos *Hooligans* do Sheffield, como actores sociais, assumirem diversos papéis e desempenhos, ainda que algumas dimensões da identidade adstritas ao quotidiano acabem por se reproduzir no âmbito futebolístico.

Uma dessas dimensões é a masculinidade. Armstrong argumenta que a análise do *Hooliganismo* deve ter em conta a construção do mesmo em meios especificamente masculinos de onde os indivíduos são provenientes (1998, p. 21). O autor reconhece que a masculinidade pode assumir formas distintas. No entanto, não deixa de apresentar traços importantes que tipificam tal estilo. O consumo de bebidas alcoólicas, o envolvimento em confrontos físicos e a obtenção de reputação por isso, a defesa da honra das mulheres mas também a sua segregação do convívio dos homens, a ridicularização da homossexualidade, complementado pelo envolvimento com várias mulheres, são traços considerados característicos da masculinidade (Armstrong, 1998, pp. 155-158). Isto não deixa de ter influência nos adolescentes, procurando estes atingir a masculinidade através da excitação decorrente da competição com rivais semelhantes. O comportamento agressivo no estádio de futebol permite, pois, aceder à condição de *macho* (Armstrong, 1998, p. 13).

Outra importante dimensão relaciona-se com a territorialidade. Na verdade, não poderá ser

esquecida a relação que os clubes estabelecem com a cidade onde estão sedeados. A formação de muitos clubes reflectiu mesmo um forte sentido de orgulho local (Armstrong e Giulianotti, 1999, p. 3). Estes autores procuraram considerar o grande significado que os adeptos atribuem aos estádios dos seus clubes predilectos, «sacralizando», por vezes, tais lugares.⁶² A análise desta dimensão é mesmo vista como uma tentativa de preenchimento de uma lacuna na compreensão do *hooliganismo* (Giulianotti e Armstrong, 2002, p. 212).

Assim, os estádios dos clubes são perspectivados em função de quatro elementos interrelacionados que importa considerar. O primeiro a ser considerado decorre do facto do estádio de futebol de um clube constituir, para Armstrong e Giulianotti, um ponto de *Topofilia*, pois os apoiantes do clube estabelecem com ele grandes laços de afectividade o que, aliado ao ambiente que lhe é característico em dia de jogos, não deixa de gerar um sentimento de *lugar* que faz deles um lugar de romagem por parte dos adeptos, um emblema da identidade local ou mesmo um ícone da comunidade.⁶³

O estádio de futebol constitui igualmente um espaço de lazer e divertimento que permite estabelecer uma ruptura com um quotidiano que tende para a repressão e regulamentação, bem como com a ordem social estabelecida neste. A este respeito Armstrong invoca a obra de Bakhtin sobre a cultura popular na Idade Média e no Renascimento e as suas múltiplas manifestações como rituais de espectáculo nos quais se inclui o Carnaval, obras cómicas ou ainda um vocabulário grotesco e mesmo insultuoso (Bajtin, 1974, p. 10). Da mesma decorrem alguns princípios - o cómico, o riso, o excesso e a linguagem grotesca e obscena – que Armstrong constatou existirem nos espectáculos futebolísticos, concorrendo para que os mesmos estabeleçam a já aludida ruptura com o quotidiano, suas regras e hierarquias e instaurem uma ordem diferente, ainda que ritual, tendencialmente libertadora e igualitária (Armstrong, 1998, p. 298).

Mas esta dimensão não anula a tensão inerente aos jogos de futebol do qual decorrem vencedores e vencidos. Destaque-se que clubes se inscrevem num contexto histórico, social e mesmo económico, podendo constituir-se, como foi já mencionado, importantes emblemas comunitários. O resultado do jogo não se confina, por isso, a uma mera vitória ou derrota,

⁶² Armstrong e Giulianotti não deixaram de ter como pressuposto básico para a análise desta dimensão o trabalho de Lefebvre, no qual este autor defende que os espaços são socializados e eivados de sentido e significados para os seus fruidores. Para uma análise detalhada da perspectiva deste autor consultar Lefebvre, 1974.

⁶³ Importa ainda sublinhar que são muitas as cidades que albergam mais do que um clube, podendo cada um deles estar associado a uma zona específica da urbe. Isto não deixa, por vezes, de gerar rivalidades no seio de uma mesma cidade. Por conseguinte, os estádios não deixam de evidenciar tais diferenças através das cores e símbolos, delineando assim uma «personalidade própria» (Giulianotti e Armstrong, 2002, p. 213). Estes autores sublinham, no entanto, que esta rivalidade poderá ser alvo de desinteresse caso a cidade em que ambos os clubes estão sedeados receba a visita de adeptos ou *Hooligans* provenientes de um clube e cidade rival (Giulianotti e Armstrong, 2002, p. 229).

enquadrando-se numa simbologia de domínio e submissão. Esta estende-se aos adeptos e aos *Hooligans* dos dois clubes em compita. A violência entre estes não deixa de ser interpretada por Armstrong neste quadro simbólico (Armstrong e Harris, 1991, p. 436). Armstrong também realça a pertinência da honra e sua defesa, bem como a vergonha, para a compreensão deste fenómeno. Toma por isso como referência a investigação que Bourdieu efectuou sobre o sentido de honra na sociedade Cabila ⁶⁴ aplicando os princípios que norteavam este sentimento nesta sociedade às disputas entre *Hooligans* (Armstrong, 1998, pp. 234, 259 e Giulianotti e Armstrong, 2002, p. 217).

Se um dos grupos desafiar outro do mesmo nível para uma confrontação, este deverá responder para assim defender a honra. Verifica-se assim uma lógica de desafio e resposta que poderá potenciar a violência. Sinais de fraqueza não deixarão de constituir uma vergonha para todo o grupo. Se tal desafio ocorrer entre grupos hierarquicamente distintos, um desafio lançado a um grupo inferior ou a resposta a um repto deste não deixará de constituir uma desonra para o grupo com mais *status*. A esta lógica acresce-se que a honra de um grupo é posta em causa sempre que um dos seus membros é visado, sendo portanto fundamental a solidariedade. Todavia, o combate de vários membros de um grupo contra apenas um elemento de um agrupamento adversário é tido como uma desonra. Emerge assim um código de honra que visa a defesa da imagem dos grupos. A etnografia desenvolvida por Armstrong denota a presença de uma lógica e princípios muito similares de honra, vergonha e defesa de imagem na competição e confrontos que os grupos *Hooligans* estabelecem entre si.

Por se constituir num espaço de confrontação simbólica e ritualizada, Armstrong recorre à noção de drama social, assim como à de *communitas*, desenvolvidas por Turner (1974a e 1974b, pp. 118-138). Relativamente à primeira, o estádio de futebol é perspectivado como um cenário onde, através de símbolos, são teatralizadas as rivalidades entre os clubes e os grupos de apoiantes (Armstrong, 1998, p. 233) Sobre esta dimensão do contexto futebolístico, Armstrong não deixa ainda de mencionar Goffman para afirmar que os estádios formam o epicentro simbólico das hostilidades, constituindo-se, por isso, na região de fachada onde as rivalidades mais se representam (Giulianotti e Armstrong, 2002, p. 224). ⁶⁵ No que diz respeito à noção de

⁶⁴ Para uma análise mais detalhada da lógica subjacente ao sentido de honra nesta sociedade consultar Bourdieu, 2002a, pp. 5-35.

⁶⁵ Goffman recorre ao conceito de *região de fachada* para designar «o lugar onde o desempenho é representado.» (1993, p. 130). Refira-se que, de uma forma geral, o mesmo autor define região «como todo o lugar de algum modo limitado por barreiras à percepção.» (Goffman, 1993, p. 129) Por sua vez, o desempenho é definido «como toda a actividade de um determinado participante num dado momento, que tem como efeito influenciar seja de que maneira for algum dos outros participantes (Goffman, 1993, p. 27) Quando um desempenho é repetido e apresentado várias vezes pode tornar-se uma *prática de rotina*, isto é, «modelo de acção preestabelecido que se desenvolve ao longo de um desempenho e susceptível de ser apresentado ou representado noutras ocasiões.» (Goffman, 1993, p. 27) A *fachada* é a «parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de maneira genérica e fixa a fim de definir a situação para os que observam o desempenho. A fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo

communitas, Armstrong retomou as considerações de Turner quanto ao processo ritual para destacar que, à semelhança de outros rituais, também o futebol gera uma liminaridade que desvanece as diferenças quotidianas entre os diversos grupos sociais presentes e cria uma comunhão entre indivíduos (Armstrong, 1994, p. 322). Esta congregação em torno de um clube e a grande rivalidade entre *Hooligans* de clubes adversários leva Armstrong a mencionar Maffesoli e as suas ideias acerca do surgimento de um tempo de novas tribos,⁶⁶ enquadrando os grupos de *Hooligans* e as suas acções neste âmbito (1998, p. 306 e Giulianotti e Armstrong, 2002, p. 219).

A importância que Armstrong deu à territorialidade não se confinou, contudo, aos estádios de futebol. O seu trabalho de campo abrangeu espaços urbanos como certas zonas da cidade e pubs onde geralmente os adeptos dos clubes se reúnem, sendo ambos, por isso, importantes espaços de sociabilidade e de grande dimensão simbólica (Giulianotti e Armstrong, 2002, p. 221). Há espaços da cidade que não deixam de assumir um significado para os adeptos do clube aí sedeados. A visita dos adeptos e/ou *Hooligans* de um clube rival à cidade pode mesmo ser entendida como uma profanação de território a que importa responder, se possível expulsando-os (Giulianotti e Armstrong, 2002, p. 227 e Armstrong, 1998, pp. 194-198).⁶⁷ Este autor sublinhou a importância da associação dos clubes a algumas zonas urbanas, considerando também a proveniência residencial de alguns dos seus adeptos. Esta pode constituir um estigma em função de estereótipos negativos. Armstrong considerou este aspecto como um factor a ter em conta para a compreensão da acção dos *Hooligans*, uma vez que a sua reputação poderá advir, precisamente, do estigma e estereótipo negativo.

Ficou assim patente que Armstrong procurou aplicar, à etnografia detalhada decorrente de um longo e aprofundado trabalho de campo de participação observação no seio dos *Blades*, um largo conjunto de ideias, noções e conceptualizações desenvolvidas por autores provenientes de diversos quadrantes das ciências sociais, num ecletismo teórico com o qual Armstrong procurou compreender melhor o fenómeno estudado.⁶⁸

padronizado, empregue intencional ou inconscientemente pelo indivíduo durante o seu desempenho.» (Goffman, 1993, p. 34)

⁶⁶ Para uma análise detalhada da concepção deste autor consultar Maffesoli, 1988.

⁶⁷ A possibilidade de confrontos entre grupos de *Hooligans* dos diferentes clubes, não só no estádio, mas nos diversos espaços urbanos onde os mesmos circulam, criou a necessidade de haver uma maior vigilância e controlo por parte das forças de segurança. O trabalho de Foucault⁶⁷ é, por isso, referenciado por Armstrong para a interpretação desta vigilância, que hoje se materializa mesmo em circuitos vídeo e acompanhamento específico dos *Hooligans* (Giulianotti e Armstrong, 2002, pp. 225, 230-231).

⁶⁸ Para além dos reputados nomes já citados, Armstrong considerou ainda algumas ideias de outros autores. Assim, as ideias de prazer e gozo em Roland Barthes, de fraqueza de controlo social em Mary Douglas, a noção de performance em Clifford Geertz ou ainda as considerações deste acerca da luta de galos em Bali, o conceito de honra em Pitt-Rivers, a hiper realidade da cultura em Braudillard, a noção de práticas de resistência em Certeau ou ainda a de *não lugares* de Marc Auge são vistos como importantes aspectos que poderão ser aplicados à interpretação e

A investigação de Giulianotti

A pesquisa de Giulianotti sobre os adeptos escoceses e a abordagem teórica do fenómeno assume contornos análogos à de Armstrong, uma vez que este autor baseia também o seu trabalho numa observação participante que possibilita a descrição do comportamento do público escocês que assiste ao futebol (sobretudo aqueles que apoiam a selecção nacional escocesa e que compõem a denominada *Tartan Army* ⁶⁹ e ainda os *casuals*), ⁷⁰ procurando um quadro interpretativo para o mesmo, também à luz de um ecletismo teórico para o qual concorrem os conceitos e as perspectivas de diversos autores (Dunning *et al.*, 2002b, p. 14). O próprio Giulianotti afirma seguir alguns dos conceitos chave de autores contemporâneos no campo do pós-modernismo e do pós-estruturalismo (Giulianotti, 1991, p. 503 e Giulianotti, 1993, pp. 153-154).

Para este autor parece não haver grande diferença no plano sócio-económico entre os fãs escoceses e os fãs de outros países como a Inglaterra, a Irlanda ou a Dinamarca, registando-se esta, todavia, no plano cultural (1999, p. 36). É sobre esta diferença que Giulianotti centra a sua pesquisa. Segundo ele, os adeptos da Escócia apresentaram-se unidos, amistosos e bem-humorados, criando assim uma boa reputação e imagem positiva, sendo mesmo considerados pela UEFA, durante o campeonato da Europa de 1992, como os adeptos mais em comportados (Giulianotti, 1999, p. 38). ⁷¹

A partir da década de 80, visados também pelo discurso geral de ataque aos hooligans ingleses e vítimas da mesma estigmatização e vigilância policial a que os adeptos ingleses eram sujeitos, os adeptos escoceses, sobretudo aqueles que acompanhavam no estrangeiro a selecção, estabeleceram uma ruptura com este discurso assumindo o seu poder de agentes através do controlo e promoção de outro discurso, um sub-discurso de poder, de afirmação da diferença e

compreensão do fenómeno do *Hooliganismo* (Armstrong, 1998, pp. 299, 301, 306; Armstrong, 1994, p. 300-301 e Giulianotti e Armstrong, 2002, p. 232-234).

⁶⁹ *Tartan Army* é o epíteto que designa os adeptos escoceses que acompanharam a selecção da Escócia no campeonato do mundo de 1990 e nos campeonatos da Europa em 1992 e 1996. Estes pertenciam à classe média, pois a presença da classe trabalhadora tradicional nestes eventos é limitada devido aos preços elevados a pagar pelas viagens e bilhetes (Giulianotti, 1999, pp. 35-36).

⁷⁰ Os *casuals* são outro tipo de adeptos que Giulianotti observou e entrevistou, participando também nas suas actividades (1993, p. 154). Os *casuals* caracterizam-se por vestirem roupas de marca típicas da alta burguesia que não deixam de delinear um estilo muito próprio, sendo este também caracterizado pela sua conduta de confrontação com grupos de *casuals* adeptos de clubes rivais (Giulianotti, 1999, p. 31-32 e Giulianotti, 1993, pp. 154, 158). Outros elementos importantes para a caracterização dos *casuals* serão depois apresentados.

⁷¹ Mas esta imagem não suprimiu rivalidades internas entre os adeptos, associadas à competição entre os clubes escoceses. Há registos de confrontos entre apoiantes de clubes escoceses, mesmo antes da 1ª Guerra Mundial. Ao nível da selecção nacional registaram-se igualmente incidentes que envolveram adeptos escoceses (Giulianotti, 1999, p. 30 e Giulianotti, 1991, p. 505). Giulianotti é um dos investigadores que reconhece que o *Hooliganismo* não é exclusivo de Inglaterra. Nos anos antecedentes a 1980, os adeptos escoceses estavam também associados à violência nos estádios de futebol e ao consumo de álcool como expressão machista (2001, p. 141).

oposição binária face aos adeptos ingleses e ao hooliganismo (Giulianotti, 1991, 504-508). O conceito de *diferença* em Derrida, assim como as considerações de Foucault (2000) acerca do discurso como forma de conhecimento, poder e controlo, constituem elementos de suporte para o quadro interpretativo empregue por Giulianotti com o intuito de compreender o comportamento dos adeptos escoceses.

Nos termos da perspectiva dramaturgica de Goffman (1993, pp. 11-27, 281-282) à qual recorreu, Giulianotti sublinhou que a ruptura verificada resultou da administração de impressões por parte dos adeptos escoceses no sentido de delinear e transmitirem colectivamente, pelo seu desempenho e expressividade nos processos de interacção, uma definição de situação propagada colectivamente com o intuito de fazer prevalecer, sobre o discurso original de estigmatização e associação aos hooligans ingleses, o sub-discurso de afirmação, diferença e oposição em relação aos mesmos. O desempenho e as expressões dos adeptos escoceses diante dos *media* foram formas de difusão do sub-discurso favorável aos apoiantes da Escócia. Para tal contribuiu também a própria comunicação social da Escócia, assim como as autoridades políticas do país (Giulianotti, 1991, pp. 506-507). Assim se configurou uma reformulação da identidade dos adeptos escoceses com fortes raízes culturais na oposição aos ingleses, não adquirindo esta contornos violentos (Giulianotti, 2001, p. 148)

Os adeptos da selecção da Escócia procuraram assim promover uma definição de situação tendente a gerar uma identidade positiva de si próprios e da nação, bem como uma consciência colectiva em torno da não-violência, da coesão e solidariedade entre todos, do comportamento civilizado e ainda da participação festiva no espectáculo futebolístico, opondo-se desta forma à visão negativa que incide sobre os adeptos ingleses.⁷² A observação participante que efectuou no campeonato do mundo de 1990 permitiu a Giulianotti constatar os rituais de colectivização, como por exemplo a presença de mais de mil adeptos a assistir a um treino da selecção ou ainda os cânticos entoados em espaços públicos das cidades italianas. Tal como Armstrong, também Giulianotti não deixa de ter também em conta as considerações de Bakhtin sobre os rituais de festejo do Carnaval como elemento da cultura popular da Idade Média para enquadrar e interpretar o ambiente festivo e carnavalesco proporcionado pela *Tartan Army* durante o campeonato do mundo de futebol realizado em 1990 em Itália (Giulianotti, 1991, pp. 508-512). Sobre este aspecto Giulianotti refere ainda o seguinte:

Como uma forma de carnaval masculino, os apoiantes envolvem-se em fortes

⁷² Veja-se o quadro comparativo das características dos adeptos escoceses e ingleses apresentado por Giulianotti (1991, p. 509).

celebrações festivas, conversando, relembrando tempos passados, socializando com conhecidos, tanto de há longa data como recentes, bebendo muito e tendo aventuras sexuais. A cultura de carnaval implica de certo modo o colapso das diferenciações internas de classe. (Giulianotti, 1999, p. 38)

Esta cultura carnavalesca dos adeptos da selecção da Escócia não deixa de se enquadrar também na ascendência do referio sub-discurso de diferenciação dos mesmos em relação aos adeptos ingleses conotados com o *Hooliganismo* (Giulianotti, 1991, p. 513 e Giulianotti, 2001, p. 148). Assim, este autor destaca o esforço das autoridades escocesas na ajuda aos seus adeptos durante o campeonato do mundo disputado em Itália no ano de 1990 - sobretudo na obtenção de bilhetes para os jogos - no que foi interpretado como o cumprimento de uma obrigação moral necessária à denominada *lealdade dramática* (Goffman, 1993, p. 254-256) que deve haver num colectivo que pretende projectar uma determinada definição de situação perante a sua audiência (Giulianotti, 1991, p. 513).

Foi também constatado por Giulianotti que as rivalidades internas que decorrem da competição entre os clubes são completamente suplantadas pela expressão da lealdade nacional no apoio à selecção escocesa (1991, p. 513), sendo tal enquadrado na ideia de *disciplina dramática*, implicando esta uma estreita colaboração entre todos no sentido de promover um bom desempenho do grupo (Goffman, 1993, pp. 254-256).

No que concerne à *circunspecção dramática*, e tendo em conta que esta expressão, na concepção de Goffman (1993, pp. 256-268), se refere essencialmente à necessidade de preparação do desempenho a apresentar, sendo esta muitas vezes realizada nas regiões traseiras ou de bastidores, ⁷³ Giulianotti considera que não houve propriamente uma região de bastidores genuína para os adeptos da Escócia prepararem o seu desempenho e apresentação nos várias regiões de fachada onde e apresentaram. O sucesso deste sub-discurso na administração das impressões que os apoiantes da Escócia pretendiam causar na sua audiência parece ter sido notório, uma vez que o comportamento destes parece ter sido irrepreensível, causando boa impressão (Giulianotti, 1991, p. 516 e Giulianotti, 2001, p. 149). ⁷⁴

⁷³ A região de traseiras ou de bastidores é definida por Goffman «como um lugar, ligado a certo desempenho, onde as impressões visadas por esse mesmo desempenho são contrariadas conscientemente com toda a naturalidade.» (1993, p. 135) A leitura da descrição do conjunto de práticas adstritas à região de traseiras ou bastidores que Goffman apresentou (1993, pp. 135-136) permite constatar que nesta se enquadram os lugares onde é praticado um tipo específico de desempenho ligado muitas vezes à preparação do desempenho a ser efectuado na região de fachada.

⁷⁴ Os adeptos escoceses foram mesmo comparados aos *Rooligans*, termo aplicado aos adeptos da selecção dinamarquesa por beberem muito e, não obstante isso, terem um bom comportamento. Um deles afirmou mesmo: «Um roligan é um tipo que pode divertir-se a beber quinze cervejas, e se perdermos o jogo ele continua a divertir-se. É tudo uma brincadeira pegada.» (cit. in Murphy *et al.*, 1994, p. 176). Os *Rooligans* são famosos pela forma correcta como se comportam, tendo recebido mesmo o prémio *fair play* atribuído pela Unesco na sequência da atitude

Para além da *Tartan Army*, a investigação de Giulianotti, como foi referido, centrou-se também nos *Casuals*, sendo a origem destes difícil de documentar.⁷⁵ Thornton considerou estarmos perante umas das maiores subculturas juvenis que, não obstante a sua dimensão, tem sido ignorada pela investigação sociológica e pelos meios de comunicação social até ao início dos anos 70 (2003, p. 9). Giulianotti considerou também o estilo *Casual* no futebol como a principal subcultura juvenil durante os anos 80 na Escócia (Giulianotti, 1994, p. 331). Os maiores grupos eram seguidores de clubes como o Aberdeen, o Hibernian, o Dundee United e o Glasgow Rangers (Giulianotti, 2001, p. 146 e Giulianotti, 1999, p. 31).⁷⁶

Importa, por isso, conhecer os contornos deste estilo. Para além do vestuário, Thornton sublinha ainda a importância dos cortes de cabelo, das simpatias musicais e ideológicas, quer pelo anarquismo, quer pelo fascismo (2003, p. 9). Giulianotti cita as declarações publicadas num jornal, segundo as quais, para se ser um *casual* é necessário «vestir um certo tipo de roupa, vais ao futebol, procuras problemas com os adeptos ou *casuals* adversários.» (cit in. Giulianotti, 1993, p. 154). A idade dos *casuals* tende também a ser mais elevada, sendo que os mesmos denotam já um importante grau de integração na sociedade e assumem o acompanhamento do seu clube como uma forma de lazer para a qual é já necessário algum capital financeiro e cultural (Giulianotti, 1999, 32-33). Com efeito, ser *casual* implica um processo de socialização, geralmente nos pubs e no futebol, que introduz os indivíduos em redes de contactos dentro e fora do futebol pelas quais se estabelecem amizades, sendo que alguns revelam mais interesse por estas do que propriamente pelo futebol.⁷⁷

A presença no futebol e o envolvimento em conflitos com os *casuals* do clube rival no sentido de os derrotar e assim alcançar a posição cimeira na hierarquia são, portanto, um dos grandes objectivos dos *casuals* (Giulianotti, 1999, p. 31). Os velhos antagonismos consequentes dos

demonstrada durante o campeonato da Europa em 1984. Ao invés de outros, os adeptos dinamarqueses realçam a sua rejeição pela violência (Murphy *et. al.*, 1994, p. 176).

⁷⁵ Os *Casuals* parecem radicar a sua evolução nas subculturas juvenis britânicas adstritas às classes trabalhadoras como os *Teddy Boys*, os *Mods*, *Rockers*, os *Skinheads*, os *Hippies* ou ainda os *Punks* (Thornton, 2003, pp. 9-19). No entanto, os *Casuals* envergavam roupa de boas marcas, associadas à burguesia. Especula-se, por isso, que o estilo *casual* se difundiu para os ingleses em consequência das viagens que os hooligans deste país faziam aos países da Europa Continental para apoiar os seus clubes durante os anos 70, nos quais compravam vestuário nas lojas de marcas consagradas, sobretudo em Itália (Giulianotti, 2001, p. 146).

⁷⁶ Sublinhe-se que o estilo *casual* acabou também por se difundir a outros países da Europa. A Alemanha foi um dos primeiros a receber tal influência seguindo-se a Holanda e a Suécia no final dos anos 80. Este estilo tornou-se também central na França, na Itália e ainda na Ex-Jugoslávia. Todavia, as raízes subculturais profundas que alguns adeptos dos clubes destes países têm com o *Movimento Ultra* acaba por tornar o estilo *casual* uma entidade híbrida (Giulianotti, 2001, pp. 146-147).

⁷⁷ Registaram-se, contudo, algumas mudanças no estilo *casual*, resultando estas das medidas de segurança implementadas pelas forças policiais, nomeadamente a separação de adeptos, à qual os *casuals* se conseguiam furtar inicialmente. Mas o crescente controlo policial conduziu a mudanças de estilo nos *casuals*, por exemplo ao nível da roupa mais barata e fora de moda que passaram a envergarem, emergindo assim um estilo *post-casual* (Giulianotti, 1999, p. 34 e Giulianotti, 1993, p. 156).

confrontos são igualmente um importante elemento na memória destes. Para além disso, este investigador referenciou ainda a existência de um código partilhado de acções e alvos considerados legítimos ou ilegítimos, não advindo, por exemplo, qualquer prestígio de um ataque a adeptos comuns do clube adversário (Giulianotti, 1999, p. 31).

A investigação que Giulianotti efectuou centrou-se essencialmente sobre os *Edinburgh's Hibs Casuals* – também referenciados por *The Family* ou «*The Capital City Service*» - e sobre os *Aberdeen Soccer Casuals*, incidindo, portanto, sobre estes a observação participante e as entrevistas que o investigador realizou. Da investigação sobre os primeiros ⁷⁸ emergiu uma abordagem em torno da ontologia social do grupo (Giulianotti, 1994, p. 330), compreendendo esta as seguintes cinco categorias existenciais: o *Outro*, o *Self*, o *Tempo*, o *Corpo* e o *Espaço*. A primeira foi tida como a mais importante. Destaca-se a relevância que o papel do *Outro* tem, uma vez que a sua presença permite a construção de uma identidade colectiva. Na verdade, a competição com grupos *casuals* rivais concorre para o reconhecimento de identidades diferenciais e para a depreciação e discriminação do *Outro*, o que é entendido como positivo para o desempenho e exacerbação do sentimento de honra e superioridade do próprio grupo (Giulianotti, 1994, pp. 334-339).

Como segundo elemento da ontologia social considerada por Giulianotti emerge o *Self*. Este autor destaca a importância do avanço do individualismo em detrimento da erosão do domínio público (1994, p. 339). Sobre este aspecto assume particular importância o controlo do desempenho dos indivíduos pelos outros membros do grupo, limitando a acção destes e procurando evitar que estas acções possam prejudicar o grupo. Com efeito, fugir durante os combates abandonando os companheiros ou não respeitar a organização e as normas da subcultura *casual* são acções individuais a evitar (Giulianotti, 1994, pp. 339-342).

O *Tempo* é apresentado como o terceiro elemento da ontologia social do grupo *The Family*. Este grupo é composto sobretudo por membros jovens, com idades não superiores a trinta anos e considerados como mais habilitados para racionalizar os efeitos sociais da linearidade do tempo do que os membros que integravam as subculturas anteriores. A biografia dos membros do grupo e a carreira no mesmo é outro elemento temporal considerado (Giulianotti, 1994, pp. 342-344).

O *Corpo* é também invocado por Giulianotti como categoria importante da ontologia social, devendo ser levado em conta como um importante significante a partir do qual emergem interpretações sobre a identidade social dos indivíduos. Giulianotti perspectiva o corpo como um

⁷⁸ Para mais pormenores característicos dos *Edinburgh's Hibs Casuals*, nomeadamente o número de elementos, a evolução do mesmo ao longo dos anos ou ainda as diferenças de *status* entre os seus membros consultar Giulianotti, 1994, pp. 330-332.

instrumento de procura da posição cimeira na hierarquia dos grupos *casual*. Para além de ser um elemento concreto e participante nas confrontações violentas, é também empregue simbolicamente como espaço pessoal no qual a identidade e o estilo do grupo são conscientemente marcados (Giulianotti, 1994, pp. 345-346).⁷⁹

O *Espaço* emerge, por fim, como a quinta categoria da ontologia social referida por Giulianotti. Na abordagem que efectua ao espaço como categoria da ontologia social Giulianotti refere Goffman e as já aludidas regiões de fachada e bastidores ou traseiras. A dicotomia em torno dos espaços públicos e privados é uma das características que desafia simbolicamente as subculturas como o grupo *The Family*. Os primeiros podem emergir como região bastidores ou fachada, uma vez que no quotidiano são de utilização corrente dos cidadãos e não disputados. Porém, nos dias de jogos emergem também como espaços de confrontação e violência entre os grupos *casual* sofrendo, por isso, a vigilância característica do panóptico⁸⁰ (Giulianotti, 1994, pp. 348-349). Outro aspecto essencial do espaço é precisamente a sua dimensão territorial, sobre a qual se procura mesmo exercer uma posse colectiva. No plano dos confrontos entre grupos *casuals*, e na sequência do crescente controlo nos estádios de futebol, verifica-se que os mesmos passaram a decorrer em espaços periféricos aos estádios, o que os constituiu também como territórios que devem ser defendidos (Giulianotti, 1994, pp. 349-351).⁸¹

A investigação de Giulianotti sobre os *Aberdeen Soccer Casuals* não menosprezou as categorias existenciais apresentadas,⁸² mas não se confinou a elas. Relativamente à expressão «*Aberdeen Soccer Casuals*», Giulianotti sugere que a mesma não decorre de uma vinculação afectiva a uma tradição local ou metonímia de uma comunidade imaginada, mas antes da definição do estilo de um grupo e a reivindicação da condição de membro do mesmo (1993, p. 158). Emerge assim uma cultura juvenil com espaços e práticas específicas (Giulianotti, 1993, p. 159). Sublinhe-se também a capacidade de acção dos indivíduos que estabelecem os contornos de tal cultura e formam tais

⁷⁹ Para uma análise mais detalhada das considerações deste autor acerca do corpo veja-se Giulianotti, 1994, pp. 345-348.

⁸⁰ Giulianotti recorre, por isso, a Foucault uma vez que este abordou o panoptismo (2000, pp. 162-192).

⁸¹ Relativamente ao espaço importa referir que Giulianotti é, em conjunto com Armstrong, autor do artigo intitulado *Avenues of contestation. Football hooligans running and ruling urban spaces*. Perfila, portanto, as considerações acerca da importância e significado dos estádios de futebol e dos espaços urbanos – sobretudo a dimensão afectiva dos mesmos – não só para os adeptos em geral, mas também para a compreensão do fenómeno do *Hooliganismo*. Para uma análise detalhada deste artigo consultar Giulianotti e Armstrong, 2002, pp. 211-238.

⁸² É feita alusão à centralidade do corpo e à sua dimensão comunicativa, bem como à importância do espaço como categoria que contempla uma dimensão interna à qual está associada o estádio de futebol, o centro da cidade e os seus locais periféricos, e uma dimensão externa à qual estão adstritas as viagens a outras localidades para acompanhar o clube e ainda uma dimensão figurativa que se reporta à relação que os *Aberdeen Soccer Casuals* estabelecem com os espaços centrais de Escócia e Inglaterra, no sentido em que estes pretendem que a cidade de Aberdeen seja representada como um espaço social menos periférico do que era no passado (Giulianotti, 1993, pp. 165, 168).

grupos em operarem como intermediários culturais, no sentido em que se apropriam e voltam a codificar símbolos de estilo, práticas e espaços (Giulianotti, 1993, p.160). Para além destes aspectos, a análise de Giulianotti permitiu também perspectivar o grupo *casual* como um importante espaço sócio-cultural de lazer para os jovens que se configuraram, de certa forma por um processo de *empowerment*, como uma formação subcultural dominante (Giulianotti, 1993, p. 184).

Em síntese quanto à posição de Giulianotti, é possível considerar que a sua investigação, analisada na sua globalidade, se enquadra também num ecletismo teórico que parte de uma intensa observação dos adeptos no contexto futebolístico, assim como de entrevistas realizadas aos mesmos, a partir das quais se segue o recurso a um conjunto muito diversificado de perspectivas e conceitos de autores que configuram uma posição de cariz pós moderno e pós estruturalista, em função da qual foram interpretados os dados provenientes do trabalho de campo efectuado.

A abordagem de Redhead

Foi também em função de alguns destes princípios que Redhead procurou investigar o fenómeno futebolístico em geral e, com mais particularidade, abordar a problemática do *Hooliganismo*. Redhead procurou reflectir sobre a natureza do futebol, sobre os diversos estilos de assistir e participar nele e ainda sobre o seu consumo como produto cultural popular que, no final do século XX, é pleno de significado e partilhado por milhares de pessoas (1991a, pp. 10-11). Para este autor, a cultura e estilo dos fãs de futebol foi massivamente influenciada por uma dimensão profissional que, contudo, era parte integrante de uma cultura popular ainda presente na memória das pessoas e sobre a qual permanece uma visão nostálgica de uma idade de ouro do futebol sem violência, sendo esta reproduzida pela comunicação social e seus comentadores mas também desconstruída pelas abordagens pós-modernas (Redhead, 1991a, p. 10). Todavia, Redhead não deixa de registar uma importante transformação. Se outrora os consumidores deste produto cultural que é o futebol eram os adeptos que regularmente apoiavam as suas equipas, hoje assiste-se à crescente frequência do futebol por parte de entidades oficiais, ministros, jornalistas e outros que configuram uma nova e moderna indústria do lazer com dimensão global (Redhead, 1991a, p. 12).

No que diz respeito à abordagem que Redhead efectua ao *Hooliganismo* constata-se que esta não visa delinear uma grande teoria tendente à explicação deste fenómeno. Ele dirige a sua

atenção para a diversidade de discursos em torno do *Hooliganismo* (nos quais se incluem os académicos), destacando ainda que os mesmos se tornaram um «objecto» que parece proliferar e abarcar várias disciplinas das Ciências Humanas, precisamente quando o fenómeno tem tendência para o decréscimo (1991b, p. 479-481).

A classificação dicotómica dos adeptos em respeitáveis e maus, assim como a ideia de que o problema do *Hooliganismo* na Inglaterra tem um carácter cíclico, são também questionados por este autor (Redhead, 1991b, p. 483 e Redhead, 1993, pp. 2-3). Relativamente à primeira, que constitui uma base para os procedimentos de segurança tendentes a separar adeptos nos estádios de futebol, Redhead considera que a mesma não pode ser dada como absolutamente garantida (1991b, pp. 83-484). Sobre o carácter cíclico apontado ao fenómeno do *Hooliganismo* Redhead referiu:

O problema com este argumento é a incapacidade de reconhecer que o que é cíclico é o noticiar por parte dos media deste fenómeno como 'hooliganismo futebolístico', um problema social que além do mais não tem uma definição legal concreta e é mais ou menos uma construção histórica (e frequentemente histórica) dos mass media. Aqueles que afirmam que o hooliganismo futebolístico está à espera ao virar da esquina para de novo nos atacar, acabam por definir uma série complexa de comportamentos sócio-legais – tais como assassinio num extremo e cânticos agressivos num outro – sob um rótulo generalizador que parece ter pouca ou nenhuma relação com o noticiar dos mass media ou com condições sócio-políticas numa qualquer época. Tornam-se assim num fenómeno social 'objectivo' sobre o qual há um consenso geral quanto à definição, que pode ser medido, quantificado, avaliado e previsto, sendo o último muito importante neste contexto de aparente declínio do fenómeno. (1993, p. 3)

Fica assim realçada a posição de Redhead quanto à influência da comunicação social no estudo do *Hooliganismo*. Segundo o autor, tal fenómeno não apresenta uma definição legal precisa a partir da qual se construa um discurso desse cariz que estabeleça também uma base clara e consensual acerca da sua natureza como objecto de estudo. Sublinhe-se, contudo, a importância conferida por este autor às diversas narrativas para o estudo do *Hooliganismo*, sobretudo no âmbito dos *Cultural Studies* das quais, como já foi mencionado, o autor não se afasta, sobretudo pela importância que confere à pesquisa de cariz etnográfico e à história oral (Redhead, 1991b, pp. 482, 484 e Redhead, 1997, p. IX).

Redhead defendeu ainda que o termo *Clubculture*⁸³ é hoje mais apropriado como conceito chave para uma abordagem global da juventude e para a compreensão do desenvolvimento das culturas populares no contexto social das últimas três décadas marcado pelo pânico moral em

⁸³ Redhead destaca a importância do trabalho de Sarah Thornton para a formulação da noção de *Clubculture* (1997, pp. 102-103).

torno da ideia de subculturas juvenis desviantes, na esteira do *Centre for Contemporary Cultural Studies* da Universidade de Birmingham (Redhead, 1997, pp. IX-XI).

É neste enquadramento que Redhead perspectiva o *Hooliganismo*. Considera, por isso, o efeito que tal pânico moral teve ao nível da política implementada para combater o fenómeno, nomeadamente ao nível do incremento do policiamento e da legislação tendente à penalização da violência, para a qual contribuiu um discurso persistentemente difundido sobre os *Hooligans*, que equiparava os mesmos a animais (Redhead, 1997, p. 3). Esta política acabou por ter um efeito perverso e precisamente contrário ao desejado, ou seja, concorreram para o crescimento e transformação do próprio *Hooliganismo*. Este, segundo Redhead, foi pensado e explicado como uma expressão da frustração sentida pelos jovens da classe trabalhadora resultantes do controlo de várias áreas da vida social, assumindo particular importância a esfera do trabalho (1997, p. 4). No entanto, os anos 70 ficam marcados pelo lugar que o futebol passou a ocupar na indústria do lazer que, para além de cara, enquadra o adepto numa posição mais passiva e sem contacto directo e real com os jogadores ou directores do clube (Redhead, 1997, p. 4). A conjugação destes aspectos configurou um novo *Hooliganismo*, do qual decorreu também, na sequência das medidas tomadas para o combater, uma transformação nos estilos conducente, por exemplo, ao estilo *casual* (Redhead, 1997, pp. 20-25). A relação entre o estilo de apoio e as subculturas associadas à música pop é igualmente considerada por Redhead.

A investigação de Robson

A pesquisa que este autor levou a cabo no seio dos *Hooligans* do *Millwall Football Club* teve também por base uma abordagem etnográfica destes e do contexto social em que se inserem, sendo que para a interpretação de ambos contribuíram vários autores e conceitos. Esta opção enquadra, por isso, a investigação de Robson na linha do ecletismo teórico seguido pelos autores já mencionados.

Este estudo destaca sobretudo a associação dos *Hooligans* deste clube ao contexto urbano de onde são oriundos – o sudeste de Londres – e ainda a toda uma tradição de classe trabalhadora. Ambos concorrem para a emergência de uma experiência concreta e a uma identidade social que se reproduz, emblematiza e exacerba no âmbito do futebol (Robson, 2000, pp. IX-3). No seu trabalho Robson tem em conta os processos histórico-sociais que ao longo do tempo concorreram para a formação de um colectivo ancorado precisamente na vivência de um contexto urbano e no sentido de pertença ao mesmo, bem como uma consciência colectiva adstrita à classe

trabalhadora e à masculinidade (Robson, 2000, pp. 19-99). Robson dá particular importância ao conceito de *habitus* no desenvolvimento da sua perspectiva. Este foi assim definido por Bourdieu:

Sistema de disposições duradouras e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma *matriz de percepções, de apreciações e de acções*, e torna possível efectuar de [sic] tarefas infinitamente diferenciadas graças às transferências analógicas de esquemas que permitem resolver os problemas da mesma forma e graças às mesmas correcções incessantes dos resultados obtidos, dialecticamente produzidas por esses mesmos resultados. (2002a, p. 167)

Relativamente ao *habitus*, e reiterando-o como sistema de disposições duradouras, Bourdieu afirma ainda que estas são «estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como tal, ou seja, enquanto princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações que podem ser objectivamente <reguladas> e <regulares>» (2002a, p. 163).⁸⁴

Este autor sublinha ainda que o *habitus* é uma lei imanente «deposta em cada agente pela primeira educação» (Bourdieu, 2002a, p. 174), sendo também o «produto de um trabalho de inculcação e de apropriação necessário para que esses produtos da história colectiva que são estruturas objectivas (...) consigam reproduzir-se, sob a forma de disposições duradouras» (Bourdieu, 2002a, 182) Para além disto, Bourdieu também realçou o seguinte:

o *habitus* produz práticas, individuais e colectivas (...). O sistema das disposições – passado que sobrevive no actual e que tende a perpetuar-se no futuro actualizando-se em práticas estruturadas segundo os seus princípios (...) é o princípio da continuidade e da regularidade» (Bourdieu, 2002a, p. 178)

O *habitus*, ainda que ancorado no passado, não deixa de ser responsável pela produção de práticas que tendem a «reproduzir as regularidades imanentes às condições objectivas da produção do seu princípio gerador, mas ajustando-se às exigências inscritas a título de potencialidades objectivas» (Bourdieu, 2002a, p. 168).

No contexto em análise, Robson constatou que o comportamento dos *hooligans* do Millwall resulta de um *habitus* incorporado no contexto residencial e urbano a que os mesmos estão ligados, bem como à classe trabalhadora e seus valores, nos quais se inclui a masculinidade. Com efeito, a identidade das condições de existência tende, como afirmou Bourdieu, «a produzir sistemas de disposições semelhantes (pelo menos parcialmente), a homogeneidade (relativa) dos

⁸⁴ O termo *disposições* é empregue pelo autor para exprimir «o resultado de uma acção organizadora» (Bourdieu, 2002a, p. 163). Designa também «uma maneira de ser, um estado habitual (em especial do corpo) e, em particular, uma predisposição, uma tendência, uma propensão ou uma inclinação.» (Bourdieu, 2002a, p. 163)

habitus daí resultantes está no princípio de uma harmonização objectiva das práticas e das obras de molde a conferir-lhes a regularidade.» (2002a, p. 169). É, portanto, tendo em conta a ideia de Bourdieu segundo a qual as estruturas do *habitus* estão «no princípio da percepção e da apreciação de toda a experiência ulterior» (2002a, p. 166), que Robson interpreta os comportamentos dos *hooligans* do Millwall em função do *habitus* incorporado (2000, pp. 69-99). Para destacar a importância da incorporação e as consequências posteriores desta, Robson reteve as considerações de Bourdieu sobre o tema.

Os agentes sociais são dotados de *habitus* inscritos nos corpos pelas experiências passadas: estes sistemas de esquemas de percepção, de apreciação e de acção permitem operar actos de conhecimento prático, baseados na identificação e no reconhecimento dos estímulos condicionais e convencionais aos quais estão dispostos a reagir, e engendrar, sem posição explícita de fins nem cálculo racional, os meios, estratégias adaptadas e incessantemente renovadas, mas dentro dos limites das imposições estruturais das quais elas são o produto e que as definem. (Bourdieu, 1998b, p. 122)

Assim, as acções orientadas para um determinado fim são, pois, produto de disposições moldadas, significando isto que os sujeitos nunca o serão completamente das suas práticas (Bourdieu, 1998b, p. 122). Por conseguinte, a compreensão prática advém do sentido prático do *habitus*. Tal sentido «é o que permite agir como deve ser (...), uma regra de comportamento.» (Bourdieu, 1998b, p. 122) Em síntese, é possível asseverar que «O *habitus* constrói o mundo por uma certa maneira de se orientar para ele» (Bourdieu, 1998b, p. 127). As acções dos *hooligans* do clube londrino são então compreendidas à luz de um *habitus* incorporado e profundamente marcado pela pertença à classe trabalhadora e a uma zona concreta da cidade de Londres, e uma consciência prática decorrente disso mesmo.

Para além de Bourdieu, também a perspectiva de Foucault sobre a relação do corpo com o poder (2000) e ainda a posição de Giddens (1994, pp. 49-50, 88-90) quanto à importância do corpo para a manutenção da auto-identidade e no envolvimento deste nas interacções, não como uma entidade, mas sim como elemento «experimentado de um modo prático de lidar com situações e acontecimentos externos» (Giddens, 1994, p. 49), são evocadas por Robson na interpretação das práticas dos *hooligans* do Millwall no contexto futebolístico e noutros.

Para complementar esta compreensão Robson conferiu importância ao tipo de memória denominada por Connerton como *memória hábito*, consistindo esta «na nossa capacidade de reproduzir uma determinada acção.» (1993, p. 27) Reconhece também a importância da memória como base da experiência individual. Todavia, Robson não deixa de destacar a estruturação colectiva da memória individual, apelando, para tal, à asserção de Connerton segundo a qual os

grupos «dotam os indivíduos de quadros mentais no interior dos quais as suas memórias se localizam, e as memórias são localizadas por uma espécie de cartografia. Situamos aquilo que recordamos no interior dos espaços mentais que o grupo fornece.» (Connerton, 1993, p. 45) No entender de Robson, desta orientação colectiva presente em grupos locais emergem rituais de identificação pública e de expressão de incorporação de orientações culturais, neste caso muito associadas à classe trabalhadora sudeste de Londres (2000, p. 9).

Para o entendimento de tais processos de ritualização no contexto futebolístico e do lugar que a linguagem ocupa nos mesmos, Robson considerou ainda a perspectiva de Bernstein, reputando-a mesmo como central (2000, p.15). A obra deste autor estabelece a relação entre a linguagem e o uso que as pessoas fazem da mesma na sua vida social, sendo que, por conseguinte, nenhum código significativo pode ser desvinculado das práticas sociais daqueles que o empregam (Bernstein, 1975). Este sociolinguista investigou a linguagem das crianças, detectando diferenças entre a linguagem das que são oriundas da classe trabalhadora e a linguagem das crianças da classe média, correspondendo também, a cada uma destas classes, diferentes formas de socialização. Bernstein sublinha que é o tipo de relações sociais que existem que determina o código empregue. Este será mais restrito nas comunidades fechadas e tradicionais das quais o autor considera como exemplo a classe trabalhadora. Os códigos restritos caracterizam-se pela sua simplicidade, redundância e de reduzido vocabulário, tendendo a ser oral e preferencialmente orientado para as relações sociais e para o que é concreto e específico (Bernstein, 1975, pp. 25-62, 223-247).⁸⁵

Na interpretação que efectua sobre os *hooligans* do Millwall, Robson considera que o código restrito da classe trabalhadora tende a orientar os jovens para uma expressão colectiva organizada em torno das afinidades linguísticas e simbólicas e do uso comunicativo do corpo, pelos gestos e posturas, em detrimento de significados implícitos particulares. É a partir desta perspectiva que Robson interpreta as formas de falar e de cantar por parte dos *hooligans* do Millwall como elementos de um ritual de expressão e de partilha de significados de grupos da classe trabalhadora de sudeste de Londres e da memória colectiva desta comunidade (2000, pp. 79, 167).

⁸⁵ Por outro lado, e em síntese, o código elaborado é mais complexo na sua sintaxe, menos previsível e de mais alto nível. O interlocutor tem um vocabulário mais vasto ao seu dispor para formular os seus enunciados. O código elaborado facilita também a transmissão e as elaborações verbais acerca das experiências individuais e suas peculiaridades (Bernstein, 1975, pp. 126-130, 133-134). A competência e possibilidade de recurso a este código elaborado está mais presente em indivíduos que, na estrutura social, estão enquadrados numa posição de classe mais favorável, o que lhes possibilita relações sociais propícias à aprendizagem de tais códigos (Bernstein, 1975, pp. 134-143).

A abordagem de King

O artigo deste autor sobre os confrontos violentos num hotel em Istambul entre adeptos ingleses e turcos antes de um jogo para uma competição europeia que opunha o Manchester United e o Galatasaray (King, 1995), assim como outro sobre a relevância de situações passadas de violência para o *Hooliganismo* futebolístico (King, 2001), conferem também destaque à comunidade, à masculinidade e à memória colectiva para a compreensão do *Hooligansimo*.

No primeiro artigo mencionado King procurou precisamente enfatizar a centralidade do nacionalismo e da masculinidade para a identidade dos adeptos ingleses e o papel que tais elementos ocupam nas situações de violência em contexto futebolístico (1995, p. 635). Relativamente ao nacionalismo, King destacou a relevância da noção de *comunidade imaginada*⁸⁶ para a compreensão da consciência nacional dos adeptos ingleses. Para King, a condição de nação não é mais do que um estilo particular de imaginação que actua sobretudo ao nível das interações quotidianas. Considera, por isso, que se deverá examinar a forma como os indivíduos concebem a sua própria nação, bem como a forma como tal concepção se liga às suas práticas sociais (King 1995, p. 640).⁸⁷

King destaca então as diversas práticas pelas quais os adeptos ingleses criam esta «comunidade imaginada» no contexto futebolístico. As bandeiras que empregam nos estádios e que simbolizam a pertença a grupos cujos nomes se enquadram num léxico militarista e pressupõem a luta entre facções são uma das práticas evidenciadas. A esta lógica militarista corresponde também uma lógica espacial, através do controlo de determinados territórios (1995, p. 641). Os cânticos entoados são considerados por King um elemento central na imaginação das comunidades nacionais no contexto do futebol, mas também da exaltação do valor da masculinidade a que este autor também faz alusão. Aos cânticos de exaltação da masculinidade do próprio grupo costumam também estar associados outros cânticos de crítica e desqualificação da masculinidade e sexualidade dos grupos apoiantes de clubes adversários (King, 1995, pp. 641-

⁸⁶ Conceito que advém da obra de Anderson intitulado *Imagined Communities* (v. bib.).

⁸⁷ Daí a importância que King confere a tal noção, decorrendo esta da definição de nação proposta por Anderson, sendo esta «uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo inerentemente limitada e soberana.» (1994, p. 6). Na defesa da sua noção, Anderson considera que todas as comunidades maiores do que as aldeias primitivas – e talvez mesmo estas (sobretudo caracterizadas pelos contactos face a face entre os seus membros) – são imaginadas, devendo ser distinguidas pelo estilo pelo qual são imaginadas e não pela sua genuinidade ou falsidade (1994, p. 6). Nas *comunidades imaginadas* a generalidade dos membros que a compõem não se conhecem, ainda que tenham em mente a imagem de uma comunhão e um sentimento profundo de camaradagem entre todos, ainda que subsistam as desigualdades sociais entre os mesmos. Para além desta característica, as *comunidades imaginadas* são soberanas, no sentido de que os seus membros pretendem assumir o direito de se governar, sendo também limitadas porque, apesar de um eventual grande número de membros, não deixam de ser finitas (Anderson, 1994, pp. 6-7).

642).

Na abordagem que efectua à masculinidade, King realça um certo estilo masculino por parte dos adeptos dos clubes durante a década de 60, sendo este decorrente de um conjunto de factores históricos de longa duração associados às transformações da cultura da classe trabalhadora nos últimos anos da década de 50 e que, ainda segundo este autor, foram conducentes a um aumento da violência no futebol e à origem do *hooliganismo* estruturado (1995, p. 639). Este estilo é também um elemento importante para a construção da «comunidade imaginada».

Segundo King, os adeptos de futebol inventaram uma comunidade nacional que se torna real para eles através das suas próprias práticas (1995, p. 643). Sobre tal comunidade imaginada este autor sublinha ainda o seguinte:

Esta comunidade inventada fornece-lhes um sistema classificatório através do qual eles se estendem a si próprios e ao seu mundo, e nomeadamente, este sistema informa-os da sua noção de masculinidade; (...) deve proteger o orgulho do seu clube da ameaça da oposição (...). Através da afirmação da distinção e superioridade do clube, os fãs demonstram realmente o seu próprio estatuto enquanto homens, pois a sua maculnidade está dialecticamente relacionada com o orgulho do clube. (King, 1995, p. 643)

King afirma ainda que os adeptos ingleses têm uma clara consciência de tal comunidade imaginada e têm orgulho na pertença à mesma (1995, pp. 645-646). Ressalva, contudo, que a consciência nacional, o contexto histórico que enquadra as práticas sociais, assim como a masculinidade, não implicam necessariamente a ocorrência de violência no futebol. Todavia, esta pode de facto emergir.

O segundo artigo de King mencionado teve como ponto de partida confrontações entre adeptos do Marselha e do Manchester United ocorridas a 19 de Outubro de 1999. Destaca-se a importância da memória colectiva de envolvimento em situações de violência como factor de coesão e solidariedade entre membros de grupos *hooligans* (2001, p. 568). O autor considerou mesmo haver um desequilíbrio entre o tempo empregue pelos *hooligans* a combater de facto e o tempo que os mesmos despendem a recordar tais combates, sendo este último claramente preponderante. Por conseguinte, mais importante do que perceber como é que os grupos de *hooligans* combatem será entender de que forma a discussão entre os membros que os compõem constitui factor promotor de solidariedade entre os mesmos (King, 2001, p. 570). King destaca assim a importância da discussão entre *hooligans* sobre incidentes passados:

Estas discussões sobre lutas passadas, muitas vezes re-trabalhadas anos após o incidente, são importantes para a solidariedade grupal porque através delas é criado um

entendimento partilhado do significado para o grupo dessas lutas passadas. Através das discussões dessas lutas passadas vai-se estabelecendo uma memória colectiva que promove certas práticas nos membros do grupo que são consistentes com os interesses do mesmo. A aliança grupal é sustentada pelas memórias colectivas, mais de pela própria violência e, conseqüentemente, a análise deveria focalizar-se no significado sociológico destas memórias colectivas. (2001, p. 570)

A memória colectiva é, pois, considerada muito importante para a identidade e manutenção do grupo. Os combates entre grupos de *hooligans* levaram também King, à semelhança de Armstrong, a considerar a problemática da honra. Aqueles que participam nas confrontações vêem o seu *status* no grupo reforçado, uma vez que desta forma incrementam e demonstram a sua capacidade de combate e ainda qualquer ausência de receio do envolvimento nestes, o que denota a sua honra masculina (King, 2001, pp. 572-573). A participação nas confrontações com as forças de segurança, perante as quais, e à semelhança dos combates face a grupos rivais, também não pode haver cobardia, é outro elemento de reforço da honra e do *status* dos elementos do grupo. Ainda no que diz respeito à violência entre grupos de *hooligans*, o código de honra que norteia a acção destes deprecia confrontos entre grupos compostos por contingentes de membros em número muito desigual. Os ataques a mulheres, crianças ou outros adeptos sem qualquer tipo de intuito violento são também muito criticados. Caso ocorram confrontos nestas condições, tal poderá ser interpretado como medo de envolvimento em confrontações em situações de igualdade, o que não deixará de constituir um sinal de fraqueza e desonra para o grupo e seus membros (King, 2001, p. 574).

Na verdade, a participação em combates contra outros *hooligans* é uma acção que, para além de conferir crédito aos que se envolvem nela, permite ainda ao grupo reivindicar um estatuto. Tal acção é ainda fulcral para a elaboração da já aludida memória colectiva, uma vez que são elaboradas narrativas sobre tais combates que os tornam memoráveis e desta forma partilháveis entre os membros do grupo (King, 2001, pp. 574-577). Ressalve-se, porém, que a elaboração desta memória colectiva dos grupos não é linear, sendo antes complexa e negociada em função de diferentes versões e interpretações dos acontecimentos passados e vividos pelos diversos elementos do grupo. Verifica-se, por vezes, haver alguma ficção nas narrativas, procurando-se assim não perder a face perante derrotas ou acontecimentos que podem ser desprestigiante para os grupos.

Por fim, King procurou ainda sublinhar a pertinência da memória destacando o papel que esta poderá ter no futuro do próprio *Hooliganismo*. O autor afirmou, por isso, que «O futuro dos gangues de hooligans e a sua forma de violência serão substancialmente determinados pelos valores comuns acordados e estabelecidos pelos mesmos, através da sua afirmação pública de memórias

partilhadas e de interacção.» (King, 2001, pp. 583-584)

A abordagem do *Grupo de Oxford* e a «violência ritual»

O código subjacente às questões relativas à honra dos grupos mencionado por King constituiu também um elemento muito importante da abordagem desenvolvida pelo *Grupo de Oxford*, composto por Peter Marsh, Elizabeth Rosser e Rom Harré. A formulação e desenvolvimento desta perspectiva de estudo do *hooligansimo* teve por base um trabalho de campo intensivo que durou três anos e incidiu sobre um grupo de adeptos do Oxford United (Marsh et al., 1980, p. 20). Procurou-se nesta investigação dar prioridade ao significado que os próprios sujeitos atribuíam às suas próprias acções (Marsh et al., 1980, pp. 21-23, 65). A pesquisa efectuada permitiu ao grupo constatar que a violência que se regista entre membros de grupos *hooligans* rivais não é caótica, ocorrendo antes em função de um conjunto de regras tácitas e difíceis de explicitar, porque não escritas, mas que devem ser do conhecimento daqueles que se envolvem em confrontos (Marsh et al., 1980, p. 17).

Um dos elementos importantes a considerar é a dimensão territorial própria que assume o espaço que os adeptos ocupam nos estádios de futebol, geralmente áreas abertas por detrás das balizas. Estes grupos de adeptos passaram então a assumir a condição de guardiães de tal espaço, passando este a ser um território a defender da invasão dos adeptos adversários e mesmo da polícia, cuja autoridade neste espaço não é muito bem aceite. Esta dimensão territorial é, pois, uma das regras tácitas a ter em conta. Qualquer invasão deste território ou infiltração no mesmo de adeptos do clube adversário, mesmo que seja em número reduzido, legitima um ataque de resposta. (Marsh et al., 1980, pp. 58-61, 105, 107). Qualquer desafio do outro grupo para o combate deve ter resposta, sob pena do grupo perder a face.⁸⁸ Tal como King destacou no seu artigo, este tipo de desafio não deve ser colocado a adeptos individuais ou não identificados com um clube pelo uso de cachecol.

Para além disto, o *Grupo de Oxford* verificou também que, durante os jogos, os adeptos se encontravam envolvidos na dupla tarefa de apoiar o seu clube e em denegrir a equipa adversária e seus apaniguados. Nos jogos de maior rivalidade estas rotinas podem sofrer uma escalada de agressividade que pode atingir mesmo a confrontação física entre os grupos de apoiantes dos dois

⁸⁸ A legitimação para actos hostis nem sempre advém do grupo de adeptos do clube oponente. Um golo da equipa adversária, certas faltas praticadas por jogadores da equipa adversária ou decisões da equipa de arbitragem interpretadas como erróneas podem constituir factor precipitante de conflitos (Marsh et al., 1980, p. 106).

clubes. Esta não é fortuita, e sucede em circunstâncias específicas reconhecidas como legítimas por aqueles que se envolvem em tais situações. Fugir a um combate significa perdê-lo. Importa, porém, destacar que tais confrontos ocorrem em função de um certo tipo de contrato social entre os participantes - as já mencionadas regras tácitas – sendo os mesmos de curta duração e, ainda segundo estes investigadores, sem causar um grande número de feridos nem ferimentos graves naqueles que se envolvem na refrega. Os adeptos que se envolvem nos confrontos devem ter consciência disto e evitar danos físicos sérios nos adversários e parar o combate sempre que estes ocorrem. Quando não o fazem, o restante grupo deverá restringir de imediato a sua acção. Sublinhe-se mesmo que alguns dos adeptos entrevistados por este grupo de investigadores confessam que, apesar da sua participação nos confrontos, têm medo de sofrer ferimentos sérios, uma vez que os combates, não obstante ocorrerem segundo regras tácitas, infundem receio. (Marsh et al., 1980, pp. 86-91, 102-110).

Por conseguinte, e na sequência da investigação que efectuou, o *Grupo de Oxford* perspectiva assim os confrontos entre os adeptos dos clubes:

Acontecimentos aparentemente desordenados nas bancadas de futebol (...) podem ser vistos como estando em conformidade com um sistema preciso e ordenado de papéis, regras e sentidos partilhados. A acção nunca é caótica ou sem sentido, sendo sim estruturada e pensada. (...) defenderemos que no caso dos fãs de futebol, essa ordem deriva da necessidade bem básica de qualquer sociedade em possuir mecanismos sociais através dos quais a agressão entre os seus membros possa ser controlada e gerida. (Marsh et al., 1980, p. 97)

Na perspectiva deste grupo, os encontros violentos entre os adeptos são também encontros sociais e decorrem, portanto, num quadro estruturante e estruturado por princípios que os indivíduos deverão respeitar, e que confere a este tipo de violência uma dimensão mais simbólica. Esta advém do facto destas acções encenarem ou representarem, por mimetismo,⁸⁹ as emoções produzidas por situações de violência mais real e instrumental, sem os mesmos efeitos negativos desta (Marsh et al., 1980, pp. 24, 113). Por conseguinte, e à semelhança de outros autores, o *Grupo de Oxford* destaca também a dimensão ritual do futebol e da violência que o envolve.⁹⁰

Este grupo considera que rotinas padronizadas de comportamento, sistemas de signos que

⁸⁹ A relevância do conceito de mimetismo para a compreensão do jogo de futebol e do desporto em geral será posteriormente abordada no âmbito da perspectiva teórica de Elias sobre o *Processo Civilizacional*. Callois recorre ao termo «mimicry» como sinónimo de «mimetismo» para designar a criação de uma ilusão (Caillois, 1990, pp. 39-40).

⁹⁰ Destaque-se que esta perspectiva do *Grupo de Oxford* poderá ser entendida como uma aproximação às considerações que o etólogo Lorenz faz acerca do desporto em geral. Para este, «O desporto tem a sua origem em lutas que, embora ainda sérias, eram fortemente ritualizadas. Podemos defini-lo como uma forma tipicamente humana de combates não hostis, dominados pelas mais estritas regras que a cultura algum dia produziu.» (Lorenz, 1992, p. 287).

possibilitam a comunicação com os outros, um conjunto de sanções que expressam a aprovação ou desaprovação moral e ainda uma relação convencional e sequencial de acções que se complementam numa determinada realização são características geralmente apontadas pelos antropólogos sociais nas suas definições de ritual. Tais características estão presentes no contexto futebolístico, o que configura a dimensão ritual do mesmo, estando esta também presente no tipo de situações de violência abordadas (Marsh et al., 1980, pp. 121-122).⁹¹ Consequentemente, os investigadores deste grupo optam pelo recurso ao termo *Aggro* como referência à expressão ritualizada da agressão sem que esta provoque danos sérios (Marsh et al., 1980, pp. 28, 68).⁹²

Destaque-se ainda que a participação dos adeptos neste tipo de confrontos simbólicos e ritualizados pressupõe, da parte destes, um consenso operacional⁹³ inerente às já aludidas regras tácitas a cumprir e, inevitavelmente, a aprendizagem das mesmas ao longo do tempo. Segundo os investigadores do *Grupo de Oxford*, isto pressupõe uma carreira moral,⁹⁴ ou seja, um percurso de vida como adepto no sentido do crescimento da reputação no seio do grupo pelo historial de sucesso em participações neste tipo de combates ritualizados e ainda no desempenho de alguns papéis dentro do mesmo (Marsh et al., 1980, pp. 18-19, 66).⁹⁵ Alguns dos papéis sociais não deixam de conferir um certo prestígio. Consequentemente, a integração nestes grupos de adeptos constitui, para muitos dos seus membros, a procura de uma carreira e de promoção individual.

⁹¹ As cores, os emblemas, os cachecóis, as bandeiras, bem como a forma como todos estes elementos são coordenados, assumem um poder simbólico para a comunicação de uma mensagem de apoio à equipa, são também considerados como elementos que configuram a dimensão ritual do futebol, na qual os investigadores de Oxford incluem também os cânticos e palavras insultuosas proferidas pelos adeptos (Marsh et al., 1980, pp. 121-134). Para além destes, o grande e intenso envolvimento emocional dos espectadores, as superstições que se associam ao jogo (Bromberger, 1995, pp. 330-331 e Rivière e Piette, 1995, p. 167), as diversas metáforas religiosas associadas ao espectáculo, como seja a denominação dos estádios como «catedrais» e «santuários» (Rivière e Piette, 1995, p. 163), a delimitação do espectáculo futebolístico a tempo e espaço concreto (Augé, 1991, pp. 59-67, 120 e Rivière e Piette, 1995, p. 163) e a hierarquização dos lugares (Bromberger, 1995, p. 321) são outros elementos que levam estes autores a perspectivarem o espectáculo futebolístico como uma grande liturgia ou ritual ou, pelo menos, a constatar uma homologia entre ambos. Para uma análise mais detalhada sobre esta dimensão consulte-se, por exemplo, Bromberger 1995, pp. 311-346.

⁹² Esta perspectiva que destaca a dimensão ritual da violência é também perfilhada por Dal Lago na sua obra *Descrizione di una battaglia. I rituali del calcio* (v. bib.). Bastará a leitura do seu prefácio para evidenciar o alinhamento da mesma com os princípios da perspectiva do *Grupo de Oxford* e encontrarmos referência a um código de regras da desordem e ainda à ideia do futebol como ritual de uma batalha (Dal Lago, 2001, pp. 10-11).

⁹³ A noção de consenso operacional foi empregue por Goffman para designar o acordo estabelecido entre participantes nas interacções em que estes, no seu conjunto, contribuem para uma definição global da situação (1993, pp. 20-21)

⁹⁴ Outro conceito a que Goffman recorreu para designar o percurso das pessoas que, sob um estigma, tendem «a ter experiências semelhantes de aprendizagem relativa à sua condição e a sofrer mudanças semelhantes na concepção do eu» (1988, p. 41).

⁹⁵ Relativamente a estes, Marsh, Rosser e Harré delinearão os seguintes sete tipos de papéis sociais que se destacam no seio de grupo de adeptos: o líder dos cânticos; o líder do *Aggro*, ou seja, o líder nos confrontos; o louco; o hooligan; o organizador; o combatente e ainda o bebedor. O enquadramento num destes papéis pressupõe da parte do indivíduo a assunção de um determinado tipo de desempenho no seio do grupo. Para um conhecimento detalhado da forma como o *Grupo de Oxford* caracteriza cada um destes tipos de papéis sociais no seio dos adeptos consultar Marsh et al., 1980, pp. 64-82.

Procuram assim ser alguém no futebol lutando pela dignidade pessoal, quando essa possibilidade lhes é negada noutros contextos sociais como o trabalho ou a escola (Marsh *et al.*, 1980, pp. 2, 63-64). Não é, pois, surpreendente que alguns destes adeptos se julguem participantes em alguns acontecimentos, quando apenas os observaram. Também é patente nos mesmos relatos alguma tendência para a exacerbação, podendo-se também verificar que existem narrativas diferentes para os mesmos factos (Marsh *et al.*, 1980, pp. 95, 100).

Os relatos exacerbados acerca dos confrontos entre adeptos não deixam de concorrer também para a criação, sobretudo por parte da comunicação social, de imagens de violência em torno do futebol, tendo estas consequências na elaboração de uma concepção popular sobre o assunto (Marsh *et al.*, 1980, p. 1). Para realçar esta posição, os investigadores de Oxford evocam também o já aludido pânico moral apresentado por Cohen, como sendo este uma consequência da retórica da imprensa relativamente à gravidade da violência entre os adeptos (Marsh *et al.*, 1980, pp. 9, 97). Todavia, e com base na investigação efectuada e da qual emergiu a perspectiva teórica aqui apresentada, o *Grupo de Oxford* considera que quase nada da concepção popular sobrevive a um exame minucioso das práticas diárias e das explicações concedidas por aqueles que participam no fenómeno (Marsh *et al.*, 1980, p. 1).⁹⁶

A perspectiva de Elias e o Processo Civilizacional

A ênfase na interpretação da dimensão ritual dos confrontos entre adeptos como uma importante via interpretativa deste tipo de ocorrência não é, todavia, perfilhada apenas pelo grupo de Oxford. Na verdade, Elias adopta igualmente uma perspectiva idêntica e até mais abrangente ao destacar a importância do mimetismo para a compreensão, não apenas do jogo de futebol, mas do desporto e do lazer em geral.

O termo «mimetismo» significa, no seu sentido literal, «imitativo» (Elias e Dunning, 1992a, pp. 124-125). Elias e Dunning consideram que o mimetismo é uma característica comum a diversas actividades de lazer, não significando que se esteja perante representações de factos da vida real, mas antes face a emoções experimentadas em situações reais e que conferem prazer. Ao

⁹⁶ Na verdade, há divergências quanto à gravidade dos confrontos entre grupos de adeptos e mesmo no que respeita à quantidade dos mesmos. Alguns autores, como os que constituem o *Grupo de Oxford* ou ainda Lago sublinham que estes confrontos decorrem num quadro ritual e simbólico e dos mesmos não resultam danos muito graves. Outros investigadores, porém, enfatizam as consequências reais de tais incidentes, apontando o número de feridos em consequência dos mesmos. Estão neste grupo, por exemplo, os sociólogos de *Leicester* (Dunning *et al.*, 1992b, pp. 21-23) ou ainda Roversi que apresenta dados quantitativos demonstrativos do aumento do número de incidentes entre grupos *Ultra* (1992, pp. 14-36). Face a esta discrepância, o *Social Issue Research Centre* suscita a pertinência de uma eventual abordagem empírica, tendo esta por base dados quantitativos e objectivos sobre o número e tipo de incidentes perpetrados pelos adeptos dos clubes em contexto futebolístico. Tal registo deverá ter por base os dados recolhidos pelas entidades oficiais responsáveis pela vigilância e controlo deste tipo de incidentes, como por exemplo as forças de policiamento [Em linha] Disponível em www.sirc.org/publik/fvtheory.html, consultado em 7/3/2003.

compararem a excitação que resulta das situações da vida real e aquela que é produzida em situações de lazer, estes autores encontram semelhança entre ambas ao nível do que pensam ser os aspectos fisiológicos básicos que estão na base da excitação, destacando, contudo, que a diferença reside no facto de, na excitação séria, as pessoas poderem perder o auto-controlo e tornarem-se uma ameaça (Elias e Dunning, 1992a, p. 125).⁹⁷ Alguns desportos são então perspectivados como «modelos de confronto físico não violento» (Elias, 1992c, p.46) Sobre este aspecto Elias refere ainda o seguinte:

No decurso do século XX, as competições físicas, na forma altamente regulamentada a que chamamos «desporto» chegaram a assumir-se como representação simbólica da forma não violenta e não militar de competição entre Estados, e não nos devemos esquecer de que o desporto foi, desde o primeiro momento, e continua a ser, uma competição de esforços dos seres humanos que exclui, tanto quanto possível, acções violentas que possam provocar agressões sérias nos competidores. (Elias, 1992c, p. 45)⁹⁸

Mas a violência não deixa de marcar presença no desporto e particularmente no futebol. Como o próprio Elias reconheceu relativamente a este, «Não existem dúvidas de que o jogo endureceu.» (Elias, 1992c, p. 88). No entanto, este autor acrescenta:

Mas mesmo o endurecimento do jogo não pode ser explicado se os desafios de futebol profissional forem considerados isoladamente. As razões têm de ser encontradas, quase por certo, no nível crescente das tensões que existem na sociedade em geral. O mesmo se pode dizer dos actos de violência cometidos, com bastante regularidade, por espectadores. (Elias, 1992c, p. 88)

A resposta às questões suscitadas é então encontrada na sociedade, mais precisamente na evolução da mesma em função de um processo que Elias denominou como *Civilizacional*. Trata-se de um processo complexo e de longo prazo responsável pela «mudança estrutural dos homens no sentido de uma maior consolidação e diferenciação dos controlos dos seus afectos, e, portanto também das suas vivências (...) e do seu comportamento» (Elias, 1989, p. 13).⁹⁹

⁹⁷ Para ilustrar esta característica do mimetismo, Elias e Dunning mencionam mesmo as considerações de Aristóteles relativamente à tragédia grega e à capacidade deste teatro suscitar nas pessoas as mesmas emoções sentidas quando estas são testemunhas da condição real de vida de outros. Para uma melhor análise da argumentação apresentada consultar Elias, 1992c, pp. 71, 79-81.

⁹⁸ Esta ideia é também reforçada por Dunning que, na mesma obra sublinha: «Todos os desportos são, por natureza, competitivos e conduzem, deste modo, ao aparecimento da agressão e de violência. Contudo, em alguns, por exemplo, o rãguebi, o futebol e o boxe, a violência é, sob a forma de «representação de uma luta» ou «confronto simulado» entre dois indivíduos ou grupos, um ingrediente central. Esses desportos constituem oportunidades para a expressão da violência física socialmente aceitável e ritualizada» (Dunning, 1992b, p. 331)

⁹⁹ Elias reconheceu que o conceito de *civilização* pode abranger factos muitos variados como a evolução tecnológica e científica, maneiras e comportamentos ou mesmo práticas e concepções religiosas, englobando, por isso, todo um conjunto de aspectos comuns às sociedades ocidentais (ainda que o significado do termo *civilização* não seja igual

No que concerne ao desporto em geral, e particularmente ao futebol e ao comportamento dos seus adeptos, importa considerar as transformações gerais que Elias considera terem ocorrido ao nível da agressividade no decorrer do processo civilizacional. Segundo este autor, no decurso do processo civilizacional a agressividade «Foi restringida e reprimida por um sem-número de regras e interdições, que se tornaram autocoacções» (1989, p.227) Sobre a pulsão agressiva Elias referiu que esta «Está tão transformada, <refinada>, <civilizada>, como todas as outras formas de prazer e só no sonho ou em explosões isoladas, que registamos como manifestações patológicas, se revela ainda algo da sua força primária e incontrolada.» (1989, p. 227)

Emerge então uma importante questão: o que é determina esta evolução? A resposta não pode ser encontrada num processo voluntário de racionalização levado a cabo conscientemente pelas pessoas. Como reconhece o próprio Elias, «De facto, nada na história indica que tal alteração tenha sido realizada <racionalmente>, como seja através de uma educação consequente de pessoas ou grupos de pessoas.» (1990, p. 187) A investigação de Elias conduz a uma resposta noutra sentido.

A dinâmica de formação do Estado e a crescente imposição da parte deste de um monopólio do emprego da violência legítima ¹⁰⁰ é o primeiro elemento avançado por Elias para dar resposta à questão formulada. A inexistência desse monopólio conferia uma maior liberdade de manifestação de pulsões agressivas, pois não existia em tais épocas «nenhum poder central que seja suficientemente forte para obrigar os homens a conterem-se.» (Elias, 1989, p. 236) Porém, tal possibilidade tornou-se fortemente limitada.

Quando há poderes centrais que passam a deter o monopólio da dominação física, não é qualquer indivíduo que, por ser forte, pode dar-se ao prazer de agredir fisicamente, mas apenas uns poucos que são legitimados pelo poder central, como é o caso da polícia em relação ao criminoso, e as grandes massas em períodos, excepcionais, de confronto bélico ou eclosão revolucionária, na luta socialmente legitimada contra inimigos internos ou externos. (Elias, 1989, p. 236)

para todas as nações) que, nos últimos três séculos, levam estas a julgarem-se num nível superior, não só às sociedades que as antecederam, mas também relativamente a outras sociedades contemporâneas tidas como «mais primitivas» (Elias, 1989, p. 59). Na sequência do processo civilizacional, «o padrão do comportamento humano vai gradualmente mudando através dos séculos numa determinada direcção.» (Elias, 1989, p. 50). Por conseguinte, e tendo ainda em conta as variadíssimas esferas do comportamento humano abrangidas por tal processo, Elias afirmou: «Vemos as pessoas à mesa, vemo-las ir para a cama ou defrontando-se hostilmente em combate. Nessas e em outras funções elementares, transforma-se lentamente a maneira como o indivíduo se comporta e o modo de sentir. Essa transformação dá-se no sentido de um <civilizar> gradual.» (1989, p. 50) Na verdade, a obra de Elias intitulada *O Processo Civilizacional* aborda a evolução de diversos costumes da sociedade ocidental a partir do Renascimento, nos quais se incluem diversas funções corporais e seu recalçamento, sendo que tal evolução foi no sentido de repelir a natureza animal do próprio Homem (Heinich, 2001, p. 16). Para a compreensão do tema em análise no presente trabalho destacam-se as transformações ao nível das pulsões agressivas.

¹⁰⁰ Para uma análise detalhada da perspectiva de Elias acerca deste processo, onde se inclui também a monopolização fiscal, consultar Elias, 1990, pp. 62-186. V. Bib.

Na sequência deste processo de monopolização do uso da força por parte do Estado, «a ameaça que o homem representa para o homem é sujeita a uma regulação mais severa e torna-se mais calculável. A vida quotidiana fica menos exposta a abruptas viragens.» (Elias, 1990, p. 194) A centralização da violência apenas numa autoridade - o Estado através das suas forças policiais e militares – leva a uma contenção e auto domínio por parte da generalidade dos cidadãos. No entanto, Elias ressalva que «Em geral, a organização monopólica da violência física não constrange o indivíduo através de uma ameaça directa.» (1990, p. 194). Este autor defende outra explicação para a influência que a monopolização da violência exerce sobre o indivíduo:

Exerce sobre ele, permanentemente, uma pressão mediada de múltiplas maneiras e largamente previsível. Actua em grande parte através do poder de reflexão do indivíduo. Quanto a ela, está, em regra, presente na sociedade apenas como virtualidade, como instância controladora. A verdadeira coacção é a que o indivíduo exerce sobre si próprio, com base no conhecimento que tem das consequências das suas acções sobre toda uma série de redes de acções, ou com base em atitudes análogas que observou nos adultos que modelaram o seu aparelho psíquico, quando criança. (Elias, 1990, p. 194)

No entanto, fica ainda por compreender de que forma as pressões sociais externas aos indivíduos acabaram por desencadear os mecanismos psíquicos individuais tendentes ao auto-controlo. Da resposta a esta interrogação emerge um segundo elemento fundamental do processo civilizacional. A crescente diversificação das funções sociais e interdependência entre os indivíduos desde os períodos mais remotos da história do Ocidente até aos dias de hoje é a chave para a compreensão da interiorização do auto-controlo. A um crescimento das funções sociais e sua diferenciação corresponde também o aumento da interdependência entre as mesmas, sendo, portanto, cada vez mais necessário que os indivíduos sincronizassem a sua conduta com os outros no sentido de uma melhor organização de uma teia de acções cada vez mais complexa (Elias, 1990, pp. 189-190). Inserido nesta, «O indivíduo é compelido a regular o comportamento de uma forma cada vez mais diferenciada, mais uniforme e mais estável.» (Elias, 1990, p. 190) Consequentemente, a vida no centro da rede de interdependências impõe que se acentue o auto-domínio, a coacção, a repressão dos afectos e ainda a regulação das pulsões (Elias, 1990, p. 200). Elias complementa desta forma a sua explicação:

A rede das acções torna-se tão complicada e extensa, o esforço exigido pelo comportamento «correcto» é tão grande que, a par do autocontrolo consciente, se consolida ao mesmo tempo no indivíduo um sistema de autocontrolo automático e cego, que procura impedir, através de um muro de medos profundos, as infracções ao comportamento

socialmente aceitável, embora, precisamente porque opera de maneira cega e por hábito, leve, muitas vezes, por via indirecta, a essas transgressões contra a realidade social. Conscientemente ou não, a orientação da mudança do comportamento no sentido de uma regulação cada vez mais diferenciada de todo o sistema psíquico é determinada pela orientação da diferenciação social, pela progressiva divisão de funções e pelo alargamento das cadeias de interdependência em que, directa ou indirectamente, toda a exteriorização do indivíduo está inevitavelmente inserida. (Elias, 1990, p. 190)

Elias sublinha ainda que tais mudanças a nível psíquico são inculcadas em cada pessoa desde tenra idade como automatismo e auto coacção, tornando-se bastante difícil a cada indivíduo contrariar tais predisposições mesmo que assim o deseje. Verificou-se assim uma transformação geral nos códigos de conduta e sensibilidade conducente a uma maior repugnância face à violência (Elias, 1990, pp. 41-41, 190).

Nas sociedades ocidentais há, todavia, aquilo a que este autor denomina «enclaves temporais ou espaciais» (Elias, 1989, p. 236), onde há maior margem de liberdade para a agressividade. Elias dá um exemplo muito pertinente ao afirmar o seguinte:

A belicosidade e a agressividade encontram na competição desportiva uma manifestação socialmente autorizada, que consiste sobretudo no «assistir» (a combates de boxe por exemplo) e na identificação fantasista com uns poucos a quem, para descarga desses afectos, é concedida uma margem de acção limitada e regulamentada com exactidão. Essa fruição dos afectos através da vista ou mesmo apenas da audição – por exemplo, de um relato transmitido pela rádio – é um traço particularmente característico da sociedade civilizada. (Elias, 1989, p. 237)

É precisamente este aspecto que torna relevante a perspectiva de Elias sobre o processo civilizacional como via interpretativa para o tema investigado. Segundo esta, as actividades de lazer, nas quais se incluem os jogos de competição que se realizam perante um público e que conferem a possibilidade de um certo descontrolo emotivo, introduzem uma oportunidade de libertação da tensão resultante do intenso auto controlo a que as emoções estão sujeitas no decurso do quotidiano. Como refere Elias, «Pode contribuir para perder, talvez para libertar, tensões provenientes do *stress*. (Elias, 1992c, p. 79) Por conseguinte, o desporto, «pode evocar através dos seus desígnios, um tipo especial de tensão, um excitação agradável e, assim, a autorizar os sentimentos e fluírem mais livremente.» (Elias, 1992c, p. 79) Elias é ainda mais explícito nas asserções que se seguem:

O quadro do desporto, como o de muitas outras actividades de lazer, destina-se a movimentar, a estimular as emoções, a evocar tensões sob a forma de uma excitação controlada e bem equilibrada, sem riscos e tensões habitualmente relacionadas com o

excitamento de outras situações da vida, uma excitação mimética que pode ser apreciada e que pode ter um efeito libertador, catártico (Elias, 1992c, p. 79) ¹⁰¹

As actividades de lazer são interpretadas nesta perspectiva como sendo um enclave na sociedade que permite um comportamento mais excitado e agradável, e que poderá mesmo estimular alguma tensão (Elias e Dunning, 1992a, pp. 101-138). ¹⁰² Elias encara igualmente o desporto como «uma forma organizada de tensão em grupo, mesmo que aquele que a procura (...) possa ser um grupo de dois elementos», recorrendo ainda à noção de *equilíbrio de tensão* para «expressar a ideia de que a configuração de base de um desporto é designada quer para produzir quer para moderar tensões.» (1992b, p. 236). O futebol constitui um exemplo muito concreto de desporto com tais características e que é também gerador de tensões e da referida excitação agradável. Possibilita a experiência de tensões miméticas agradáveis que levam a um crescendo de um sentimento de êxtase até ao clímax final, podendo estas «servir como um antídoto das tensões provenientes do *stress* que, no quadro da repressão global estável e harmoniosa característica das sociedades complexas, se verifica entre os indivíduos.» (Elias, 1992c, p. 73) ¹⁰³ Isto significa que esta excitação, assim como o «descontrolo de emoções agradável e controlado» (Elias, 1992c, p. 73), constituem algo positivo para os espectadores.

A implementação rápida do futebol, bem como de outros desportos, parece portanto decorrer da necessidade de competições que suscitam capacidade de sublimação, sendo esta também consequência da maior regulamentação tendente a diminuir a violência, mas que não deixam de

¹⁰¹ Elias afirmou que «Os confrontos do desporto permitem alcançar a vitória sobre os outros através de uma luta física sem provocar danos físicos. O desfecho da tensão do confronto e o esforço para atingir a vitória podem ter um efeito alegre e purificador.» (1992c, p. 81) Este autor considera, por isso, que o conceito de *catarse*, que atribui a Aristóteles, poderá colmatar uma lacuna existente na interpretação do desporto. Tal conceito é definido por Gleitman como uma «Libertação explosiva de emoções censuradas até então que se acredita ter efeitos terapêuticos.» (2002, p. 1105). Lorenz afirmou que o conceito de *Catharsis* era familiar aos gregos, sendo também entendido como descarga purificadora (1992, p. 286).

¹⁰² Para além destes aspectos, Elias e Dunning conferem ao lazer a dimensão de fenómeno social não inferior a outras actividades – especialmente o trabalho - e relativamente às quais estes autores consideram ocupar um lugar por direito próprio na cadeia de interdependência (1992c, p. 141). Sobre a importância que estes autores conferiram ao lazer no espectro do tempo livre consultar Elias e Dunning, 1992c, pp. 139-185.

¹⁰³ A *catarse* assume, portanto, uma função muito importante. O já citado Lorenz afirma mesmo que «a principal função do desporto é a descarga catártica das pulsões agressivas. Dito isto, ela é evidentemente de grande importância para manter as pessoas com saúde. O desporto tem, no entanto, valor bem maior que o de abrir à agressão, sob as suas formas mais grosseiras, individuais e egoístas, uma válvula de segurança, qualquer coisa como os socos dados numa *punching-ball*. Educa o homem a controlar conscientemente e de maneira responsável o seu próprio comportamento em combate. (...) A função mais importante é, no entanto, fornecer um escape saudável à forma mais indispensável e, ao mesmo tempo, mais perigosa, da agressão: o entusiasmo militante. (...) As competições desportivas entre as nações não são apenas benéficas por fornecerem um escape ao entusiasmo militante combativo das nações, mas também porque produzem dois outros efeitos que jogam contra a guerra; levam indivíduos que pertencem a nações ou partidos diferentes a conhecer-se melhor pessoalmente e unem numa causa comum os que, de outro modo, pouco em comum teriam.» (1992, pp. 287, 288, 289).

manter uma tensão e excitação desejada (Elias, 1992c, 45).¹⁰⁴ Mas Elias não olvida a violência e confrontos reais entre adeptos que vão para além da representação simbólica e do carácter mimético do desporto já exposto. O autor reconhece que «a derrota no terreno de jogo pode evocar a amarga sensação de derrota na vida real e um apelo de vingança. Uma vitória mimética pode apelar à continuação do triunfo numa batalha fora do terreno do jogo.» (Elias, 1992c, p. 72). Aponta como factores predisponentes para tal o crescimento das tensões numa sociedade ou ainda o enfraquecimento das restrições sobre os sentimentos intensos, podendo estes atenuar a linha que estabelece a diferença entre o jogo e a realidade, entre os confrontos miméticos e aqueles que são reais (Elias, 1992c, p. 72). Por isso, o surgimento de estratégias violentas por parte do público do futebol – o que é típico dos *Hooligans* e do *Hooliganismo* – poderá ser considerado, num contexto mais alargado e segundo as palavras do próprio Elias, «como um sintoma de algum defeito na sociedade em geral, mais do que apenas neste aspecto particular, a qual sente prazer em cometer actos de violência» (1992c, p. 89)

Elias reconheceu então o grande contributo que a investigação de Dunning deu à compreensão do fenómeno e depois de sublinhar que o desemprego não vai muito longe enquanto elemento explicativo da agressividade dos *Hooligans*, corrobora uma das conclusões de Dunning ao afirmar que «A maioria dos que se relacionam com a violência no futebol parece ser proveniente do nível mais baixo das classes trabalhadoras.» (Elias, 1992c, p. 91) No entanto, destaca que a compreensão deste problema requer um melhor conhecimento da experiência da vida dos indivíduos. Segundo este autor, esta experiência é claramente uma experiência de inferioridade e mesmo de marginalização a que são votados por outros. Sem perspectivas e objectivos, estão remetidos a uma vida pouco excitante e monótona, sem desporto ou mesmo sem trabalho e na qual quase nada agradável acontece (Elias, 1992c, pp. 91-92). A resposta a tal experiência de

¹⁰⁴ Não obstante as actividades de lazer ou desportivas constituírem um enclave que permite uma tensão e excitação agradável e controlada, assim como a libertação de tensões geradas e reprimidas nas actividades quotidianas, elas próprias foram também integradas no processo civilizacional e, conseqüentemente, da pacificação (Elias, 1992c, p. 55). O próprio futebol foi sujeito ao processo civilizacional, evoluindo no sentido da redução do nível de violência na sua prática e entre os seus espectadores. Segundo Elias, «desde o século XIV em diante podem encontrar-se, nas fontes inglesas, referências bastante seguras a um jogo de bola chamado futebol, mas a semelhança do jogo não autoriza, de modo algum, a identificação do próprio jogo.» (Elias e Dunning, 1992b, pp. 257). Eram vários os jogos populares medievais disputados por um grande número de participantes que num qualquer campo aberto e não limitado nas suas dimensões, lutavam pela posse da bola procurando conduzir a mesma a um determinado local, o que conferia a vitória. Mas o elevado número de feridos e mesmo alguns óbitos levaram as autoridades inglesas a emitir várias ordens de proibição destes jogos. Estas não eram, contudo, respeitadas, o que gerou conflitos com as autoridades que se manteve ao longo de vários anos (Elias e Dunning, 1992b, pp. 257-278 e Sousa, 1997, 15-18). A indomável vontade da população inglesa em praticar jogos com bola levou o legislador a anuir a tal pretensão e a publicar a Lei dos Jogos. Os campos foram limitados e criaram-se regras restritivas da prática de violência nestes jogos. A uniformização das regras foi um passo decisivo para a institucionalização do futebol moderno, numa altura em que a prática deste jogo já não se confinava às *Public Schools*, estando já difundida a diversos clubes. Em Outubro de 1863 é criada a *Football Association*, tendo sido esta a primeira entidade responsável pela organização do futebol, determinando, logo em Dezembro do mesmo ano, as primeiras leis gerais que regulamentam a prática do jogo.

vida é então, segundo Elias, encontrada no futebol:

Deste modo, o desafio de futebol entre equipas locais surge como o maior, o mais excitante dos acontecimentos numa vida que, de qualquer maneira, é, acima de tudo, vazia. Então, pode mostrar-se a todo o mundo que se faz parte dele. E pode voltar-se as costas à sociedade que não o parece notar. E não parece preocupar-se. Já no caminho para o jogo, no seu próprio país ou no estrangeiro, não se está mais sozinho, não se está mais com um pequeno grupo de amigos diários. Agora são centenas, até mesmo milhares, do seu género. Esta situação dá força a uma pessoa. Na vida quotidiana de uma multidão, cada um passa a ter poder. Na estação de comboio, no caminho para o jogo e, ainda mais, no campo de futebol, pode chamar-se a atenção sobre si próprio. Qualquer um pode atrever-se a fazer coisas que nem sequer se atreveria se estivesse só. E, deste modo, sem saber exactamente o que está a fazer, mas gozando com a excitação desencadeada, volta as costas ao sistema. Cada um pode vingar-se de uma vida vazia e sem esperança. A vingança é um motivo forte. Rasgam-se os compartimentos dos comboios; quebram-se mesas e garrafas nos bares. E, depois, no campo de futebol encontram-se milhares e milhares, muitos mais do que a polícia, os representantes da ordem estabelecida. Ou, ainda melhor, são estrangeiros. É possível fazer troça deles. Fazer parte de uma multidão transmite coragem. Faz com que aqueles que não têm poder pareçam poderosos. E assim acontece, pessoas que normalmente levam uma vida humilde e decerto frustrante, voltam-lhe as costas por meio do ridículo. Perdem o autodomínio que, em geral, limita a excitação criada pelo confronto entre duas equipas de futebol. Procuram a excitação de uma luta real desenvolvida sob condições tais que permite o envolvimento sem que corram grandes riscos. Aqueles que habitualmente são marginais tornam-se, por um breve e ilusório momento, os chefes; os oprimidos destacam-se. De forma resumida, creio que a violência no futebol, qualquer que possa ser a sua explicação, deve ser também considerada como uma síndrome, como uma forma de comportamento e de sentimento característica de jovens marginais quando podem reunir-se e formar uma grande massa. (1992c, p. 92)

A perspectiva de Kerr e a *Reversal Theory*

Numa linha de interpretação do *Hooliganismo* de certo modo idêntica à desenvolvida por Elias no âmbito do processo civilizacional encontra-se também a perspectiva de Kerr e a aplicação que este faz da *Reversal Theory*. Na verdade, o próprio Kerr reconheceu que Elias e Dunning não estarão longe da verdade ao considerarem que a sociedade industrial, impondo crescentes restrições a certos comportamentos e expressões, proporciona cada vez menos oportunidades aos indivíduos para estes viverem situações de excitação agradável. Estas surgem então em diversas actividades de lazer como o desporto ou jogos, a música e os concertos, o teatro e outros (Kerr, 1994, p. 44). Face a esta ideia geral, Kerr considerou também que o futebol poderá ser visto pelas pessoas como um cenário favorável à experiência de uma excitação e emoção que escapa

aos processos de constrangimento e controlo presentes no quotidiano (1994, p. 44). É esta a visão central que resulta do recurso de Kerr à *Reversal Theory* para compreender o *Hooliganismo*. Este autor justifica ainda que tal opção por esta teoria permitir perceber, a partir de uma abordagem fenomenológica, a motivação humana e a personalidade, dando ênfase à complexidade de ambas e ainda à mutabilidade do comportamento humano (1994, p. 16). Kerr considerou ainda a *Reversal Theory* um quadro conceptual adaptável à compreensão do *Hooliganismo*, permitindo considerar os aspectos individuais (as motivações dos indivíduos e a sua experiência subjectiva assumem importância fulcral), mas também os aspectos grupais implicados neste fenómeno (1994, pp. IX-XI, 16).¹⁰⁵

Para a compreensão da *Reversal Theory* os sentimentos de excitação e prazer são cruciais, uma vez que constituem a motivação para muitos actos humanos. (Kerr, 1994, pp. 22-24).¹⁰⁶ Kerr reconhece que as pessoas procuram deliberadamente a sensação de prazer em actividades que causam excitação e desenvolvem estratégias para tal.¹⁰⁷ O recurso de Kerr à *Reversal Theory* é ainda justificado pelo autor pelo facto de considerar que algumas das combinações de estados metamotivacionais assumem um papel crucial nas motivações dos *Hooligans* (Kerr, 1994, p. 30). Por conseguinte, Kerr procura compreender as motivações destes para os actos violentos em função dos seus estados metamotivacionais. Um dos aspectos basilares da perspectiva de Kerr para a compreensão deste fenómeno é a constatação de que os *Hooligans* experimentam um

¹⁰⁵ A *Reversal Theory* foi desenvolvida por Apter e este tipo de opção foi também justificado pelo facto de Kerr considerar as dificuldades de testar hipóteses no âmbito da explicação do *Hooliganismo*, o que encorajou o recurso à observação e à realização de entrevistas como instrumentos de recolha de dados acerca do fenómeno social investigado (Kerr, 1994, pp. X, 16).

¹⁰⁶ No sentido de entender a mutabilidade do comportamento humano, a *Reversal Theory* emprega um conjunto de conceitos que visam caracterizar o *Estado metamotivacional* dos indivíduos. A noção de *estado* é empregue na Psicologia para descrever algo sobre uma pessoa num determinado momento. O *estado* é temporário e susceptível de mudança (Kerr, 1994, p. 17). A *Reversal Theory* contempla quatro pares de estados metamotivacionais. O primeiro é composto por dois estados denominados *Telic* e *Paratelic*. No primeiro estado, o indivíduo assume um comportamento orientado, planificado e sério. Ao invés, no segundo estado o indivíduo tende para um comportamento espontâneo, divertido e sensação de prazer (Kerr, 1994, p. 18). Os estados metamotivacionais que constituem o segundo par denominam-se *Conformity* e *Negativism*. Neste último, as pessoas sentem a necessidade de resistir ou manifestar a sua revolta contra imposições externas à sua vontade, ao passo que no estado *Conformity* verifica-se a tendência para o respeito pelas determinações externas (Kerr, 1994, p. 18). Um terceiro par de estados metamotivacionais é formado pelos estados *Mastery* e *Sympathy*. O primeiro está relacionado com o domínio que o indivíduo exerce sobre outra pessoa, grupo ou objecto. No segundo estado prevalece a sensibilidade, a delicadeza e a generosidade (Kerr, 1994, p. 18). O quarto par de estados metamotivacionais é composto pelo binómio *autic/alloic*. No primeiro estado deste binómio os indivíduos estão preocupados com o que lhes pode acontecer, enquanto no segundo estado deste mesmo binómio a preocupação é direccionada para a outra pessoa com a qual o indivíduo se identifica (Kerr, 1994, pp. 18-19). A *Reversal Theory* contempla a passagem dos indivíduos de um estado para o outro que compõe o mesmo binómio e ainda a mútua exclusão entre os mesmos (o posicionamento num dos estados implica o não posicionamento noutra) (Kerr, 1994, p. 19). Estes estados metamotivacionais podem ser combinados de diversas formas e tais possibilidades de combinação conferem um importante grau de complexidade a esta teoria. Para uma representação esquemática das várias combinações possíveis dos estados metamotivacionais veja-se Kerr, 1994, pp. 23-28.

¹⁰⁷ Kerr toma como exemplo o medo que, enquadrado num filme de terror ou no quadro da prática de um desporto radical, poderá proporcionar aos indivíduos uma sensação agradável (Kerr, 1994, pp. 29-30)

estado dominante de tédio no seu quotidiano, independentemente do mesmo ser predominantemente associado ao labor ou à escola (1994, pp. 35-38).¹⁰⁸

O futebol emerge então como um contexto favorável a uma ruptura com este estado de tédio, uma vez que a dinâmica do próprio jogo, assim como o ambiente estimulante em torno do mesmo, conferem a oportunidade de passagem a um estado metamotivacional de excitação e de prazer. Para tal, a generalidade dos adeptos desenvolve as suas estratégias pessoais para modular tal excitação e prazer em torno do futebol. A entoação de cânticos, os aplausos, as viagens efectuadas para apoiar a equipa nos jogos disputados no estádio do clube adversário, os cachecóis, bonés e outras vestimentas com as cores do clube e próprias para assistir a um jogo de futebol, a empatia com a equipa e o envolvimento com a generalidade do público são exemplos do tipo de estratégias referidas que são empregues pela generalidade dos adeptos (Kerr, 1994, pp. 48-52)

Porém, no caso dos *Hooligans*, é patente que as estratégias individuais destes para atingir a excitação, e consequentemente o prazer que esta proporciona, vão muito mais além das que são adoptadas pelos adeptos. Viajar de comboio sem pagar ou preparar «recepções» nada amistosas aos *Hooligans* da equipa visitante são formas típicas de excitação. Para além destas, os *Hooligans* envergam também um vestuário típico que configura um estilo muito vincado e aproximado ao que os *Skinheads* usam, o que não lhes deixa de conferir um forte sentido de identidade e pertença a um grupo (Kerr, 1994, pp. 53-54).¹⁰⁹

Outras estratégias assumem, no entanto, um papel mais importante na procura de excitação. O vandalismo é uma delas. O prazer de assumir um mau comportamento e de destruir – um hedonismo negativo – enquadra-se no estado metamotivacional denominado no âmbito da *Reversal Theory* como *negativismo*, e é um dos factores de estímulo e excitação para os *Hooligans* (Kerr, 1994, pp. 42, 63-67). O negativismo decorrente das práticas violentas e do vandalismo é ainda interpretado, não apenas como factor de incremento da excitação, mas também como uma reacção que proporciona um sentimento de libertação (Kerr, 1994, p. 63). Kerr sublinha ainda o seguinte:

O ser negativo permite ao jovem ganhar um grau de independência psicológica em

¹⁰⁸ Este autor destaca mesmo que este estado de tédio poderá também ser dominante para aqueles que não estão desprovidos de riqueza. Sobre este aspecto Kerr menciona os jovens suíços como exemplo, citando para tal um texto onde são referidas manifestações destes em que, através de bandeiras e grafitis, lamentam o seu tédio como o preço a pagar por terem tudo e tudo garantido. Afirma, por isso, que a baixa excitação está também presente em profissões adstritas à classe alta (Kerr, 1994, p. 33, 93).

¹⁰⁹ Veja-se, a título meramente ilustrativo, Costa *et al.* 1996, pp. 104, 122, 146-155. Existe mesmo uma linha indumentária identificada com o *Hooliganismo*, na qual o termo *Hooligan* é bem evidenciado nos blusões, t-shirts e outros adereços.

relação aos seus pais, professores ou outra figura de autoridade. Mas também pode ser uma tentativa de chamar a atenção e a cobertura mediática que o hooliganismo recebe por parte da televisão e da imprensa pode bem-estar a fornecer suporte para futuros actos de hooliganismo. (1994, p. 63)

Para além do exposto, os riscos inerentes a tais práticas (ferimentos ou detenções, por exemplo) instituem uma lógica de jogo e de risco que acentua ainda mais a excitação proporcionadas pelo *Hooliganismo*.¹¹⁰ A reacção da polícia é também um importante factor de excitação, sendo, por isso, um elemento fulcral da análise que Kerr efectua deste fenómeno à luz da *Reversal Theory* (1994, pp. 35, 63). Com efeito, a interacção que as forças policiais estabelecem com os *Hooligans* decorre, segundo este autor, em estados metamotivacionais diferentes, mesmo antagónicos. Assim, as primeiras encontram-se a exercer a sua actividade profissional, sendo responsáveis pela manutenção da ordem pública. Segundo Kerr, as forças policiais experimentam em tal situação uma combinação dos estados metamotivacionais diferentes relativamente aos *Hooligans*. Ao invés, os *Hooligans* experimentam estados metamotivacionais opostos aos que as forças policiais experimentam (Kerr, 1994, pp. 67-71). Consequentemente, emergem assim duas definições de situação potencialmente conflituosas que interferem na interacção entre forças policiais e *Hooligans*. As primeiras entendem a sua actividade num plano de seriedade e de trabalho de manutenção da ordem quando, por outro lado, os *Hooligans* visam a excitação pelo prazer da violência, da destruição e mesmo pelo jogo divertido que é o furtarem-se à acção policial e aos agentes mais treinados ou mesmo enfrentá-la. Tal acção constitui, de facto, um estímulo e um desafio para os *Hooligans*. Evadir-se ao controlo policial através de um disfarce e infiltrar-se no seio dos adeptos ou *Hooligans* adversários constitui um grande desafio. Quando tal objectivo é atingido aumenta a reputação do indivíduo como *Hooligan* e o seu prestígio cresce no grupo. Enfrentar uma carga policial pode-se tornar uma rotina e algo que denota a capacidade do indivíduo enquanto *Hooligan* e pode dar-lhe um lugar de liderança (Kerr, 1994, pp. 55-59).¹¹¹

¹¹⁰ Kerr procura ainda sustentar a sua interpretação do *Hooliganismo* como forma de procura de excitação referindo outras pesquisas acerca do tema que corroboraram interpretação similar. Uma das que apresenta conclusões próximas de Kerr e é mencionada por este (1994, pp. 38-39) é a pesquisa efectuada por investigadores do Grupo de Pesquisa de Criminologia Juvenil, enquadrado num departamento geral da Universidade Católica de Lovaina responsável pela investigação na área da Criminologia. Este, em resposta a uma solicitação governamental, procurou entender as origens sociais e psico-sociais do vandalismo futebolístico. Esta investigação permitiu aos seus autores concluir que os *Hooligans* procuravam compensar pela excitação e pela identificação a sua vulnerabilidade social, sendo esta consequência de experiências negativas no plano escolar, laboral e mesmo familiar, sobretudo no que concerne ao diminuto controlo parental. Para um conhecimento mais detalhado sobre esta investigação consultar Limbergen, 1996, pp. 34-37; Limberger et al., 1989, pp. 3-38 e Walgrave e Limbergen, 1990, pp. 139-167. Sublinhe-se que esta investigação na Bélgica surge após um ano da tragédia de Heysel ocorrida neste país a 29 de Maio de 1985 e também em consequência do número considerável de incidentes registados no contexto do futebol belga.

¹¹¹ Outro aspecto fundamental da interacção entre as forças policiais e os *Hooligans* relaciona-se com o esforço de controlo efectuado pelas primeiras sobre os segundos. Este esforço foi também paralelamente acompanhado por medidas legislativas tendentes a uma maior penalização dos *Hooligans* e mesmo à criminalização dos seus actos. As

Kerr sublinha por isso os eventuais efeitos perversos de um controlo excessivamente apertado, essencialmente ao nível do incremento do negativismo e, conseqüentemente, das formas violentas de resposta às acções policiais. O reforço das estratégias de controlo por parte das forças policiais poderá também ser conducente a uma maior coesão no seio dos *Hooligans* e à implementação de novas estratégias de fuga e envolvimento dos mesmos em confrontos, passando estes a ocorrerem, sobretudo, fora dos estádios, como já se mencionou a propósito do processo evolutivo deste fenómeno (1994, p. 60, 71, 74, 116-117).

Mas o aumento da visibilidade não se deveu apenas ao maior controlo policial e aos incidentes fora dos estádios. Kerr corrobora a opinião de outros autores já mencionados ao perfilhar a ideia de que este ocorreu também na sequência do crescente número de reportagens exacerbadas e sensacionalistas sobre o assunto na comunicação social. A grande visibilidade conferida, sobretudo na televisão, não deixa de acentuar rivalidades, de fascinar, de estimular e excitar os *Hooligans* motivando-os para a participação em novos confrontos. Para Kerr, «aparecer» em imagens de confrontos dá aos que se envolvem nos mesmos um sentimento de importância (1994, pp. 86-87, 98).

Apesar de alguns contestarem o estabelecimento de uma diferenciação tão clara entre os *Super Hooligans* e o velho *Hooliganismo* perpetrado pelos homens duros da classe trabalhadora, Kerr procura destacar que o novo tipo de *Hooliganismo* perpetrado pelos *Super Hooligans* não decorre das privações materiais inerentes ao desemprego e à baixa classe trabalhadora. No âmbito da *Rversal Theory*, este autor prefere antes interpretar o *Hooliganismo* como resposta a uma privação psicológica e/ou motivacional e ainda à frustração (Kerr, 1994, pp. 80, 106-107). A violência não deixará, portanto, de se constituir numa forma de auto-excitação, o que lhe confere a dimensão de adição. Esta não advém apenas do abuso de substância, podendo também decorrer do abuso de algumas actividades (como por exemplo o exercício, o trabalho ou a própria alimentação) (Kerr, 1994, p. 95). Por conseguinte, Kerr contempla também a dimensão ritual e ilusória da violência dos *Hooligans*, no sentido em que a mesma é uma forma de excitação e de libertação das regras e do tédio impostos pelo quotidiano, não tendo assim como objectivo primordial infligir graves ferimentos nos *Hooligans* do clube adversário, ainda que estes ocorram (1994, pp. 108-109).

O *Hooliganismo* parece então constituir-se como uma actividade de substituição que permite alguma excitação e catarse, o que pode contribuir, segundo Kerr, como forma de manutenção da estabilidade na sociedade em geral (1994, pp. 112, 120). Este aspecto merece uma reflexão ao

penas aplicadas aos *Hooligans* passaram mesmo a exceder outras punições aplicadas a crimes de maior gravidade (Kerr, 1994, pp. 110-112). Estas não tiveram, contudo, o efeito dissuasor que o legislador esperava. Nem mesmo a possibilidade de uma severa condenação ou mesmo de um ferimento resultante dos confrontos ou das intervenções policiais inibiu os *Hooligans* da participação nos mesmos (1994, p. 61).

autor. Os crescentes meios de controlo técnicos e humanos para prevenir o *Hooliganismo* têm sido mais eficazes e os incidentes graves parece que têm vindo a diminuir. Com efeito, tais medidas preventivas parecem ter desmobilizado alguns *Hooligans* que, em consequência das mesmas, deixaram de vislumbrar no futebol o contexto favorável à experiência de momentos de excitação. No entanto (talvez por isso?), constata-se o surgimento de actos de violência similares ao *Hooliganismo* noutros contextos sociais de lazer (Kerr, 1994, pp. 112-118).

Sobre os *Super Hooligans* Kerr não deixa mesmo de levantar a hipótese de estes terem perturbações de personalidade, sendo mesmo psicopatas.¹¹² Sobre tal possibilidade, e tendo em conta algumas abordagens deste aspecto e mesmo da posição da *Reversal Theory*, Kerr conclui o seguinte:

Enquanto alguns super-vândalos mostram todos os sinais de serem psicopatas do ponto de vista clínico, outros hooligans radicais não o são. O seu comportamento psicopata só ocorre em dias de jogo e o seu comportamento permanece relativamente 'normal' durante o resto da semana. O comportamento agressivo e violento destes hooligans tem uma qualidade temporária. Os mecanismos de reversão destes 'psicopatas temporários' são flexíveis e livres, permitindo-lhes nos dias de jogo retroceder para a necessária conjugação de estados sem os quais o comportamento tipo psicopata nunca teria lugar. Consequentemente, a maioria dos hooligans de futebol, mesmo da categoria super-vândalos, não são psicopatas no sentido clínico tradicional do termo, mas é provável que alguns de entre eles possam ser classificados clinicamente como psicopatas. (1994, p. 101)

A perspectiva da Psicologia Ambiental.

Finn e Canter, Comber e Uzzell.

A análise e interpretação do futebol e do *Hooliganismo* em particular no âmbito da Psicologia Social não se confina à abordagem do Grupo de Oxford ou da *Reversal Theory* aplicada à interpretação do *Hooliganismo* por Kerr. Na verdade, e como sublinhou Finn, é fundamental reconhecer as limitações das diversas teorias que visam a compreensão de um fenómeno complexo e com diversas facetas, uma vez que nenhuma delas, por si só, parece abranger e explicar a globalidade do tema (1994, p. 90). No sentido de uma melhor compreensão do mesmo é proposto o contributo da denominada *Psicologia Ambiental*. Esta visa perceber as implicações

¹¹² Segundo o *Social Issues Research Centre*, as tendências psicopáticas e anti-sociais dos *Hooligans* foram registadas por um estudo realizado no contexto futebolístico holandês por Russel e Goldstein. Consultar www.sirc.org/publik/fvtheory.html, consultado em 29/4/2003.

do ambiente físico no comportamento humano (Canter et al., 1989, p. XV). Numa época em que a atenção dos psicólogos que investigam nesta área começa também a orientar-se para espaços menos formais, como por exemplo aqueles onde decorrem actividades de lazer, os estádios de futebol emergem como um interessante contexto de aplicação desta abordagem. E isto não só pela sua história e particularidades, mas também pela diversidade de público que neles assiste ao futebol, pelo posicionamento deste em locais específicos das bancadas e ainda pela reacção que tem ao desempenho dos jogadores e equipa de arbitragem, bem como às operações de controlo levadas a cabo pelas forças de segurança (Popplewer in Canter et al., 1989, p. XI e Canter, et al., 1989, p. XVII). É esta aplicação que Canter, Comber e Uzzel procuraram efectuar. ¹¹³

A influência e relevância, ainda que nem sempre evidente, do ambiente físico para as acções e o bem-estar dos indivíduos, constituem a ideia central da Psicologia Ambiental e é portanto esta que norteia a análise efectuada ao futebol pelos autores referidos. O futebol é, pois, entendido como um aspecto do comportamento humano que é experimentado num tipo de lugar muito particular e concreto que é o estádio (Canter et al., 1989, p. 4). Este, na sua dimensão física e arquitectónica, constitui-se como um importante elemento identificável nas cidades. Mas o estádio de futebol de um clube assume uma importante dimensão simbólica - por vezes central - da localidade ou região, podendo ser mesmo um recurso comunitário destas (Canter et al., 1989, pp. 20-21).

Esta advém sobretudo do facto de o futebol profissional não deixar de ser hoje uma parte significativa da sociedade, uma vez que não existe isolado da mesma. Os clubes de futebol, como destaca Finn, têm um importante significado emocional, pois, para muitos dos seus adeptos, tornaram-se na forma mais substancial de incorporação de uma comunidade local. Consequentemente, o clube e os seus assuntos podem assumir um papel importante na própria vibração da comunidade, representando e cristalizando um sentido da mesma (Finn, 1994, pp. 100-101). Esta identificação com o clube requer também a partilha do mesmo sentimento com os outros adeptos, o que estabelece um sentido colectivo em torno da identidade social dos clubes de futebol (Finn, 1994, pp. 108-109). ¹¹⁴ Para esta concorre fortemente a cultura de cada um dos clubes,

¹¹³ Atente-se no que os próprios autores escreveram na sua obra: «Nós viemos para este livro não essencialmente como jornalistas ou entusiastas de futebol (embora ocasionalmente tenhamos tido, e ainda temos, ambos os papéis), mas como psicólogos. Vemo-nos como cientistas armados com teorias e métodos que nos permitem explorar os processos sociais e ambientais que estruturam as acções e experiências humanas. A nossa preocupação tem sido a de colocar a nossa análise e comentário dentro de uma moldura essencialmente psico-social e psico-ambiental. Porque a Psicologia ambiental do modo como as pessoas se relacionam e interagem com o seu meio ambiente, é particularmente aplicável a uma investigação do comportamento humano num tipo de lugar claramente definido como é um estádio de desporto.» (Canter et al., 1989, p. XVII)

¹¹⁴ À semelhança de outras perspectivas teóricas já aludidas, também Finn faz também referência à particularidade dos adeptos adolescentes, destacando que estes experimentam uma variedade de identificações sociais, sendo que muitas das suas actividades estão direccionadas para um trabalho de elaboração da sua própria identidade, podendo

configurada pela organização destes, pelos padrões de assistência, pelas atitudes e comportamentos dos seus adeptos e os artefactos que os mesmos empregam; isto não apenas no presente, mas sobretudo pelo seu passado (Canter, et al., 1989, pp. 80-85). Na verdade, a história social do clube é fulcral para a sua cultura, sendo muitas vezes em função do passado que se definiram os rivais do próprio clube e ainda alguns dos seus ícones e símbolos. A esta história está também muito associado o próprio estádio, sendo este um dos seus mais importantes símbolos físicos e um local onde a cultura clubista mais se reflecte (Canter et al., 1989, pp. 82-83).¹¹⁵

Esta surge, portanto, em função da história do clube, do ambiente em que este se posiciona e ainda da forma como os adeptos o apoiaram ao longo dos anos. Por conseguinte, o antagonismo ritual que se constata entre os grupos de adeptos dos dois clubes em compita é uma visão simplificada da complexidade dos mesmos, suas características e da diversidade inerente a cada clube. O público presente nos estádios de futebol concorre para um conflito simbólico entre as duas equipas oponentes (Canter, et al., 1989, pp. 9-10, 16). Não se trata de uma audiência passiva, pois tem impacto no decorrer do jogo, podendo influenciá-lo, não só pelo apoio conferido aos jogadores do clube predilecto, mas também pelo facto de poderem ter um efeito intimidatório sobre a equipa adversária. O apoio ao clube significa participar no jogo em seu favor e também em oposição ao adversário, podendo a vitória envolver mesmo a humilhação deste (Finn, 1994, pp. 95-97).

Está, portanto, inerente ao futebol, uma lógica de conflitualidade e luta pela vitória que o torna intrinsecamente agressivo, sobretudo no que toca ao jogo e à sua disputa física árdua por parte dos jogadores, o que, na óptica de Finn, denota uma dura cultura de masculinidade.¹¹⁶ Mas mesmo em relação aos adeptos, este contexto intrinsecamente agressivo não deixa de predispor

o futebol e a integração num grupo organizado de apoio ao clube constituir uma actividade realizada nesse âmbito (1994, p. 120).

¹¹⁵ Mesmo no interior deste estabelecem-se áreas específicas adstritas a grupos de adeptos diferentes que poderão ter também um grande significado simbólico (Canter et al., 1989, pp. 82- 83). Também Canter et al. reconheceram como feudos de apoiantes específicos as bancadas de topo onde geralmente se posicionam os grupos de adeptos como as claques e/ou os *Hooligans* (1989, p. 83). Estes autores sublinharam que, por vezes, estes grupos não fazem parte da cultura do clube e nem são bem-vindos por este (Canter et al., 1989, p. 83). Em tal situação estão obviamente os *Hooligans*, reconhecendo Canter et al. que o seu comportamento não pode ser completamente explicado por cada uma das diversas teorias sobre o problema (1989, pp. 124-125).

¹¹⁶ Como fica patente pela leitura do presente capítulo, são vários os investigadores que evocam a masculinidade como um elemento importante para a compreensão do *Hooliganismo*. No entanto, Campbell e Dawson, dirigindo a sua crítica sobretudo ao *Grupo de Leicester*, consideram que esta é apenas brevemente mencionada como epifenómeno e em associação com as manifestações violentas de indivíduos integrados nos sectores mais rudes da classe trabalhadora em busca de *status* e excitação, desvalorizando-se assim outras formas de manifestações de masculinidade, também noutras classes (2001, p. 70). Campbell e Dawson pretendem então destacar o *Hooliganismo* como uma lógica de procura de domínio. Estes autores valorizam-no e conferem-lhe também uma função na estratégia de construção sociocultural da masculinidade. A violência no futebol, segundo Campbell e Dawon, não pode ser desligada de outras formas e contextos de violência, nem do sistema de género (2001, pp. 72-75).

à violência (1994, pp. 91, 96). Por conseguinte, Finn afirma que a «Agressão e aceitação da violência são centrais para o desporto e, como tal, estão no cerne do quadro cultural que rodeia o futebol.» (1994, p. 105) Emerge assim uma cultura de *quase-violência* que condensa importantes significações sociais que predis põem à agressão e a violência, uma vez que o futebol, sendo uma forma de excitação, enfatiza as identidades dos grupos de adeptos. Esta cultura estrutura a actividade dos adeptos, proporcionando um quadro geral de onde derivam as formas de participação nos espectáculos desportivos e no qual a violência poderá ocorrer (Finn, 1994, pp. 103-105, 111, 118). Esta perspectiva é também perfilhada por Canter *et al.* Não obstante reconhecerem a violência fora dos estádios de futebol, estes autores sublinham a especificidade do ambiente no interior dos mesmos. Atente-se nas suas palavras:

Nós reconhecemos que a história da violência nos estádios de futebol é um problema significativo e que grupos com intenções criminais podem bem desejar utilizar grandes multidões como cobertura para as suas actividades criminais. No entanto, agressão e violência dentro dos estádios são parte de um contexto diferente. Para utilizar uma analogia ecológica, o contexto pode ser pensado com a existência de certas condições. Estas condições são uma interacção de factores individuais, sociais, culturais e ambientais. (Canter *et al.*, 1989, p. 137)

Parece decorrer da perspectiva em análise uma contradição entre uma cultura de *quase-violência* no futebol e o facto de serem considerados inaceitáveis e mesmo puníveis os actos de violência no mesmo contexto. Os espectadores parecem, pois, orientarem-se, como referem Canter *et al.* (1989, p. 103), por um código moral ambíguo e de certa forma contraditório.¹¹⁷ Por um lado, a presença num estádio de futebol, sendo este entendido nesta perspectiva como um contexto predisponente para a agressividade e violência. Por outro, uma opinião negativa e uma aversão a estas por parte do público e uma tentativa de controlo das mesmas por parte das forças de segurança e das entidades legisladoras.¹¹⁸

Não é, pois, surpreendente, que tivessem aumentado os mecanismos de controlo dos adeptos

¹¹⁷ Tal contradição foi também evidenciada por Zani e Kirchler quando referem que no futebol é importante a vitória e que à competição por esta está inerente a agressão, sendo que, por outro lado, também se solicita o contributo para o *fair-play* e para o espectáculo (1991, p. 6).

¹¹⁸ Esta opinião negativa foi também abordada por Canter *et al.* Com efeito, os dados recolhidos pelo estudo que desenvolveram revelam um decréscimo constante do número de espectadores presentes nos estádios, um crescimento também constante do número de detidos neste local, uma relação directa e positiva entre o número de detidos e o número de feridos e ainda um aumento da frequência dos inquiridos que justificam a sua ausência dos estádios de futebol pela violência que ocorre nos mesmos (Canter *et al.*, 1989, p. 137). Mas Canter *et al.* sublinharam não ser apenas a violência o único factor que dissuade os espectadores de se deslocarem aos estádios de futebol. Os autores invocam também o maior tempo de lazer, o maior número de opções para tal e ainda as melhores condições para o mesmo como motivos para uma diminuição da frequência dos estádios de futebol (Canter *et al.*, 1989, p. 139). Na opinião destes investigadores, isto suscita uma mudança de atitude no sentido da promoção da imagem do futebol como espectáculo e ainda como recurso recreativo da comunidade (Canter, 1989, p. 163).

nos estádios de futebol, não obstante a dificuldade de tal processo. Basta a percepção da possibilidade de ocorrência de incidentes para que tal se possa concretizar de forma mais fácil. Canter et al. ilustram este aspecto ao referirem o processo de «etiquetagem» que decorre da percepção que por vezes as forças policiais têm dos adeptos, classificando-os como desordeiros, e agindo de forma mais agressiva para com estes em função de tal classificação. Consequentemente, e em resposta às acções policiais entendidas como agressivas, os adeptos podem interagir num mesmo plano, o que pode contribuir para um processo de reprodução e escalada da agressividade e violência (Canter et al., 1989, p. 138).¹¹⁹ Como foi já aludido, é importante ter em conta as circunstâncias em que os incidentes ocorrem, dado que, se estes forem da responsabilidade de uma pessoa, a mesma não deverá futuramente entrar nos estádios de futebol. Por outro lado, se os mesmos forem favorecidos por circunstâncias particulares de lugar, de cultura de clube ou outra, estas poderão ser controladas de forma eficiente (Canter et al., 1989, p. 17).

Na óptica da perspectiva da Psicologia Social e do Ambiente aqui apresentada as circunstâncias concorrem também para a configuração do meio ambiente em que os incidentes ocorrem, sendo este, segundo esta perspectiva, um factor muito importante para a compreensão dos actos levados a cabo pelos *Hooligans* e por alguns elementos das claques que têm por base o *Movimento Ultra*.

¹¹⁹ Para a reversão desta espiral tendente à violência nos estádios de futebol Canter et al. propõem seis áreas de intervenção. Para o conhecimento das mesmas consulte-se Canter, 1989, pp. 144-165. Os autores consideraram também a importância da melhoria do conforto dos estádios de futebol (Canter, 1989, pp. 56-135-136).

BIBLIOGRAFIA

Ackoff, Russel L (1967), *Planejamento de pesquisa social*, São Paulo, E.P.U./EDUSP.

Akers, Ronald. L. (1997), *Criminological Theories*, Los Angeles, Roxbury Publishing

Anderson, Benedict (1994) [1983], *Imagined Communities*, London, Verso.

Argilaga, Maria Teresa Anguera (1995), «La observación participante», in *Etnografía. Metodología cualitativa en la investigación sociocultural*, Ed.. A. Aguirre Baztán, Barcelona, Editorial Boixareu Universit ria, pp. 73-84.

Armstrong, Gary (1994), «False Leeds: the construction of hooligan confrontations.», in *Game Without Frontiers. Football, Identity and Modernity*, eds. Richard Giulianotti e John Williams, Vermont, Arena Ashgate Publishing, pp. 299-325.

Armstrong, Garry (1998), *Football Hooligans. Knowing the Score*, Oxford, Berg.

Armstrong, Garry e Richard Giulianotti (1999), *Football Cultures and Identities*, London, Macmillan Press.

Armstrong, Garry e Rosemary Harris (1991), «Football Hooliganism: theory and evidence.», in *The Sociological Review*, vol. 39, n.º 3 (August), pp. 427- 458.

Augé, Marc (1991) [1984], «Lugares de deporte, lugares de rituales», in *Epistemologia e Antropologia del deporte*, Jean-Jacques Barreau e Jean-Jacques Morne, Madrid, Alianza Editorial, pp. 120-122.

Bajtín, Mijail (1974) [1965], *La cultura popular en la edad media y en al renacimiento. El contexto de François Rabelais*, Barcelona, Barral Editores.

Bernard, H. Russell (1994), *Research Methods in Anthropology. Qualitative and Quantitative Approaches*, London, Sage Publications.

Bernstein, Basil (1975), *Langage et classes sociales. Codes sócio-linguistiques et controle social*, Paris, Les Editions de Minuit.

Bravo, Restituto Sierra (1992), *Técnicas de Investigación Social. Teoria y ejercicios*, 8ª ed., s.l., Editorial Paraninfo.

Bourdieu, Pierre (1998b) [1997], *Meditações Pascalianas*, Oeiras, Celta Editora.

Bourdieu, Pierre (2002a) [1972], *Esboço de Uma Teoria da Prática. Precedido de Três Estudos de Etnologia Cabila*, Oeiras, Celta Editora.

Bromberger, Christian (1995), *Le match de Football. Ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin*, Paris, Editions de la Maison des Sciences de L'Homme.

Brug, Hans van der (1990), «Il teppismo calcistico in Olanda.», in *Cálcio e Violenza in Europa*, ed. António Roversi, Bologna Società Editoriale il Mulino, pp. 107-137.

Burgess, Robert (1997), *A pesquisa de terreno*, Oeiras, Celta Editora.

Cabral, João de Pina (1983), «Notas críticas sobre a observação participante no contexto da etnografia portuguesa», in *Análise Social*, vol. XIX (76), 2º, pp. 327-339.

Caillois, Roger (1990) [1958], *Os jogos e os homens*, Lisboa, Edições Cotovia.

Campbell, Beatrix e Adam L. Dawson (2001), «Indecent exposures, men, masculinity and violence», in *Hooligan Wars. Causes and effects of football violence*, ed. Mark Perryman, Edinburg and London, Mainstream Publishing, pp. 62-76.

Canter, David et al., (1989), *Football in its Place*, London and New York, Routledge.

Clarke, John (1973) *Football, Hooliganism and the Skinheads*, Birmingham, Department of Cultural Studies University of Birmingham.

Clarke, John (1978), «Football and Working class fans: tradition and change», in <Football Hooliganism.> The wider context, Roger Ingham et al., London, Inter-Action Inprint, pp. 37-60.

Clarke, John et al. (1998) [1975], «Subcultures, cultures and class», in Resistance through rituals. Youth subcultures in post-war Britain, eds. John Clarke et al., London, Routledge, pp. 9-74.

Cohen, Stanley (1973) [1972], Folk Devils and Moral Panics, Herts, Paladin.

Corrigan, Paul & Simon Frith (1998) [1975], «The politics of youth culture.», in Resistance through rituals. Youth subcultures in post-war Britain, eds. John Clarke et al., London, Routledge, pp. 231-239.

Connerton, Paul (1993) [1989], Como as sociedades recordam, Oeiras, Celta Editora.

Costa, Pere-Oriol et al. (1996), Tribus urbanas. El ânsia de identidad juvenil: entre el culto a la imagen y la autoafirmación a través de la violència, Barcelona, Ediciones Paidós Ibérica.

Critcher, Chas (1980) [1979], «Football since the war.» in Working-Class Culture. Studies in history and theory, ed. John Clark et al., London, Hutchinson & Co, pp. 161-184.

Dal Lago, Alessandro (2001) [1990], Descrizione di una battaglia. I rituali del cálculo, Bologna, Il Mulino.

Deroche-Gurcel, Eliane (1999), «Configuration», in Dictionnaire de Sociologie, direct. André Akoun et Pierre Ansart, s.l., Robert/Seuil, p. 102.

Deshaies, Bruno (1997) [1992], Metodologia da Investigação em Ciências Humanas, Lisboa, Instituto Piaget.

Dunning, Eric (1992a) [1985], «A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto.», in A busca da Excitação, Norbert Elias, Lisboa, Difel, pp. 299- 325.

Dunning, Eric (1992b) [1985], «As ligações sociais e a violència no desporto.» in A busca da Excitação, Norbert Elias, Lisboa, Difel, pp. 327-354.

Dunning, Eric (1992c) [1985], «Prefácio.», in *A busca da Excitação*, Norbert Elias, Lisboa, Difel, pp. 11-37.

Dunning, Eric et al., (1992a) [1985], «A violência dos espectadores nos desafios de futebol: para uma explicação sociológica.», in *A busca da Excitação*, Norbert Elias, Lisboa, Difel, pp. 355-388.

Dunning, Eric et al. (1992b) [1988], *The roots of Football Hooliganism. An Historical and Sociological Study*, London and New York, Routledge & Kegan Paul.

Dunning Eric et al. (2002a), «Towards a global programme of research into fighting and disorder at football.» in *Fighting Fans, Football Hooliganism as a World Phenomenon*, eds. Eric Dunning et al., Dublin, University College Dublin Press, pp. 218-224.

Elias, Norbert (1989) [1939], *O Processo Civilizacional*, Vol. I, Lisboa, Publicações D. Quixote

Elias, Norbert (1990) [1939], *O Processo Civilizacional*, Vol. II, Lisboa, Publicações D. Quixote

Elias, Norbert (1992a) [1985], «A génese do desporto: um problema sociológico.», in *A busca da excitação*, Norbert Elias, Lisboa, Difel, pp.187-221.

Elias, Norbert (1992c) [1985], «Introdução», in *A busca da excitação*, Norbert Elias, Lisboa, Difel, pp.39-99.

Elias, Norbert e Eric Dunning (1992a) [1985], «A busca da excitação no lazer.», in *A busca da excitação*, Norbert Elias, Lisboa, Difel, pp.101-138.

Elias, Norbert e Eric Dunning (1992b) [1985], «O futebol popular na Grã-Bretanha medieval e nos inícios dos tempos modernos.», in *A busca da excitação*, Norbert Elias, Lisboa, Difel, pp. 257-278.

Elias, Norbert e Eric Dunning (1992c) [1985], «O lazer no espectro do tempo livre», in *A busca da excitação*, Norbert Elias, Lisboa, Difel, pp. 139-185.

Elias, Norbert (s.d.) [1970], *Introdução à Sociologia*, Lisboa, Edições 70.

Evans- Pritchard, E. (1978), Os Nuer. Uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota, São Paulo, Editora Perspectiva.

Finn, Gerry (1994), «Football Violence. A societal Psychological perspective.» in Football, Violence and Social Identity, ed. Richard Giulianotti et al., London and New York, Routledge, pp. 90-127.

Flick, Uwe (2005) [2002], Métodos Qualitativos na Investigação Científica, Lisboa, Monitor.

Foucault, Michel (2000) [1975], Vigiar e punir. História da violência nas prisões, Petrópolis, Editora Vozes.

Giddens, Anthony (1994) [1991], Modernidade e identidade pessoal, Oeiras, Celta Editora.

Ghiglione, Rodolphe e Benjamin Matalon (1993) [1985], O Inquérito. Teoria e prática, 2ª ed., Oeiras, Celta Editora.

Gil, António Carlos (1989), Métodos e Técnicas de Pesquisa Social, 2ª ed., São Paulo, Editora Atlas.

Giulianotti, Richard (1993), «Soccer Casuals as Cultural Intermediaries.», in The Passion and the Fashion, eds. Steve Redhead, Aldershot, Avebury, pp. 153-198.

Giulianotti, Richard (1994), «<Keep it in the Family>: An outline of Hibs' football hooligans' social ontology.» in Games Without Frontiers, eds. Richard Giulianotti e John Williams, Aldershot, Arena, pp. 327-357.

Giulianotti, Richard (1999), «Hooligans and Carnival Fans: Scottish Football Supporter Cultures.», in Football Cultures and Identities, eds. Gary Armstrong e Richard Giulianotti, London, Macmillan Press, pp. 29-40.

Giulianotti, Richard (2001), «A Different Kind of Carnival.», in Hooligans Wars. Causes and effects of football violence, ed. Mark Perryman, Edinburgh, Mainstream Publishing, pp. 141-154.

Giulianotti, Richard e Gary Armstrong (2002), «Avenues of contestation. Football hooligans running and ruling urban spaces.», in *Social Anthropology. The journal of the European Association of Social Anthropologists*, Vol. 10, Part 2, June, pp. 211-238.

Gleitman, Henry (2002) [1981], *Psicologia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Goffman, Erving (1988) [1963], *Estigma. Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*, 4ª ed., Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora.

Goffman, Erving (1993) [1959], *A apresentação do eu na vida de todos os dias*, Lisboa, Relógio d'Água.

Gonçalves, Rui Abrunhosa (2000), *Delinquência, Crime e Adaptação à Prisão*, Coimbra, Quarteto Editora.

González, Javier Durán (1996), *El vandalismo en el futbol. Una reflexión sobre la violencia en la sociedad moderna*, Madrid, Gymnos Editorial.

Guerra, Isabel (2006), *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo - Sentidos e formas de uso*, Estoril, Príncipia Editora.

Hall, Stuart (1978), «The treatment of <football hooliganism> in the press.», in <Football Hooliganism.> *The wider context*, Roger Ingham et al., London, Inter-Action Inprint, pp. 15-36.

Hammersley, Martyb e Paul Atkinson (1994) [1983], *Etnografia. Métodos de investigación*, Barcelona, Ediciones Paidós Ibérica.

Hargreaves, John (1986), *Sport, Power and Culture. A Social and Historical Analysis of Popular Sports in Britain*, Cambridge, Polity Press.

Harrington, J. A. (1968), *Soccer Hooliganism*, Bristol, John Wright & Sons.

Hebdige, Dick (1998) [1975], «The meaning of Mod.», in *Resistance through rituals. Youth subcultures in post-war Britain*, eds. John Clarke et al., London, Routledge, pp. 87-98.

- Heinich, Nathalie (2001) [1997], *A Sociologia de Norbert Elias*, Lisboa, Temas e Debates.
- Hill, Manuela Magalhães e Andrew Hill (2000), *Investigação por questionário*, Lisboa, Edições Sílabo.
- Horton, Paul & Chester L. Hunt (1981) [1964], *Sociologia*, São Paulo, McGraw-Hill.
- Ingham, Roger (1978a), «A critique of some previous official recommendations.», in <Football Hooliganism> The wider context, Roger Ingham et al., London, Inter-Action Inprint, pp. 129-140.
- Ingham, Roger (1978b), «Towards some recommendations», in *Football Hooliganism*, Roger Ingham et al., London, Inter-Action Inprint, pp. 83-102.
- Iturra, Raúl (1986), «Trabalho de campo e observação em Antropologia» in *Metodologia das Ciências Sociais*, Augusto Silva e Madureira Pinto (org.), Porto, Afrontamento, pp 149-163.
- Jefferson, Tony (1998) [1975], «Cultural responses of the Teds.», in *Resistance through rituals. Youth subcultures in post-war Britain*, eds. John Clarke et al., London, Routledge, pp. 81-86.
- Katz, E (1957), «The Two-Step Flow of Communication: An Up-to-Date Report on an Hypothesis» in *Public Opinion Quarterly*, Vol. 21, Springs, pp. 61-78.
- Kerr, John (1994), *Understanding Soccer Hooliganism*, Buckingham, Open University Press.
- King, Anthony (1995), «Outline of a practical theory of football violence.», in *Sociology. The Journal of the British Sociological Association*, Vol. 29, n.º 4, November, pp. 635-651.
- King, Anthony (2001), «Violent pasts: collective memory and football hooliganism.» in *The Sociological Review*, Vol. 49, n.º 4, November, 568-585.
- Lefebvre, Henri (1974), *La production de l'espace*, 15ª ed., Paris, Éditions Anthropos.
- Limbergen, Kris Van et al., (1989), *As causas sociais e sócio-psicológicas do vandalismo*

futebolístico, Lisboa, Ministério da Educação – Direcção Geral dos Desportos.

Limbergen, Kris Van (1996), «Le Hooliganisme en Belgique.», in Sport, n.º 153, Bruxelles, Cellule Documentation de l'A.D.E.P.S., pp. 34-42.

Lorenz, Konrad (1992) [1963], A agressão. Uma História natural do mal, Lisboa, Relógio d'água.

Maffesoli, Michel (1988), Le temps des tribus. Le déclin de l'individualisme dans les sociétés de masse, Paris, Meridiens Klincksieck.

Malinowski, Bronislaw (1975) [1922], Los argonautas del Pacífico Occidental, Barcelona, Ediciones Península

Mann, Leon e Philip Pearce (1978), «Social psychology of the sport spectator», in Psychology and Sport, ed. D.J. Glencross, Sydney, McGraw-Hill Company, pp. 173-201.

Marsh, Peter, et al. (1980) [1978], The Rules of Disorder, London, Henley and Boston, Routledge & Kegan Paul.

Marconi, Marina de Andrade e Eva Maria Lakatos (1990) [1985], Técnicas de Pesquisa, 2ª ed., São Paulo, Editora Atlas.

Moreira, Carlos Diogo (1994), Planeamento e estratégias da investigação social, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Murphy, Patrick et al. (1988), «Soccer Crowd Disorder and the Press: Processes of Amplification and De-amplification in Historical Perspective.», in Theory, Culture & Society, vol. 5, nº 4, November, ed. Mike Featherstone, London, Sage Publications, pp. 645-673.

Murphy, Patrick et al. (1994) [1990], O futebol no banco dos réus, Oeiras, Celta Editora.

Pais, José Machado (1993), Culturas Juvenis, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Pais, José Machado (coord.) (1999), Traços e riscos de vida. Uma abordagem qualitativa a modos

de vida juvenil, Porto, Âmbar.

Pais, José Machado (2001), Ganchos, tachos e biscates, Porto, Âmbar.

Pais, José Machado (2002), Sociologia da Vida Quotidiana, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Parlamento Europeu (1988), Resolução sobre o Vandalismo e a violência no Desporto adoptada pelo Parlamento Europeu durante a sessão de 22 de Janeiro de 1988, Lisboa, Ministério da Educação – Direcção Geral dos Desporto.

Peretz, Henri (2000) [1998], Métodos em Sociologia, Lisboa, Temas e Debates.

Poirier, Jean et al., (1995) [1983], Histórias de Vida. Teoria e prática, Oeiras, Celta Editora.

Poplewell, Justice (1989) [1986], A segurança das multidões e o controlo nos recintos desportivos, Lisboa, Ministério da Educação – Direcção Geral dos Desportos.

Portela, José (1985), «Observação Participante (Relexões sobre uma experiência), in Caderno de Ciências Sociais, n.º 3, Junho, pp. 157-177.

Quivy, Raymond e Luc Van Campenhoudt (1992) [1988], Manual de Investigação em Ciências Sociais, Lisboa, Gradiva.

Redhead, Steve (1991a), Football with Attitude, Manchester, Wordsmith.

Redhead, Steve (1991b), «Some reflections on discourses on football hooliganism», in The Sociological Review, vol. 39, n.º 3 (August), pp. 479- 486.

Redhead, Steve (1993), The Passion and the Fashion, Aldershot, Avebury.

Redhead, Steve (1997), Subcultures to Subcultures. An Introduction to Popular Cultural Studies, Massachusetts, Blackwell Publishers.

Revilla, Teresa Adán (1996), Ultras e skinheads: La juventud visible. Imágenes, estilos y conflictos

de las subculturas juveniles en España, Oviedo, Ediciones Nobel.

Rivière, Claude e Albert Piette (1995), *Nouvelles idoles, nouveaux cultes. Derives de la sacralité*, Paris, Éditions l'Harmattan.

Robson, Garry (2000), 'No One Likes Us, We Don't Care'. *The myth and Rality of Millwall Fandom*, Oxford and New York, Berg.

Roversi, Antonio (1992), *Calcio, Tifo e Violenza. Il teppismo calcistico in Itália*, Bologna, Società Editrice Il Mulino.

Schutz, Alfred, (1979) [1970], *Fenomenologia e Relações Sociais*, Rio de Janeiro, Zahar Editores.

Social Issue Research Centre (s.d.), «Cross-national variations in football violence in Europe.» [em linha]. Disponível em <http://www.sirc.org/publik/fvcross.htm> [Consultado em 7/03/2003].

Social Issue Research Centre (s.d.), «Media coverage of football hooliganism.» [em linha]. Disponível em <http://www.sirc.org/publik/fvtheory.html> [Consultado em 29/04/2003].

Social Issue Research Centre (s.d.), «Theoretical and Research Perspectives.» [em linha]. Disponível em <http://www.sirc.org/publik/fvtheory.html> [Consultado em 14/10/2005].

Sobral, José Manuel (1999), *Trajectos: o Presente e o Passado na Vida de uma Freguesia da Beira*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais.

Sousa, Manuel de (1997), *História do futebol. Origens, nomes, números e factos*, Mem Martins, SporPress.

Suttles, Gerald D. (1968), *The Social Ordem of the Slum*, Chicago, The University of Chicago Press.

Taylor, Ian (1971), «<Football Mad>: A speculative Sociology of Football Hooliganism.», in *The Sociology of Sport. A selection of Readings*, ed. Eric Dunning, London, Frank Cass & Co. LTD, pp. 352-377.

Taylor, Ian (1982a), «On the sports violence question: soccer hooliganism revisited.», in *Sport, Culture and Ideology*, ed. Jennifer Hargreaves, London, Routledge & Kegan Paul, pp. 152-196.

Taylor, Ian R. (1982b), «Soccer Consciousness and Soccer Hooliganism.», in *Images of deviance*, ed. Stanley Cohen, Harmondsworth, Penguin, pp. 134-164.

Taylor, Ian (1982c), «Class, Violence and Sport. The Case of Soccer Hooliganism in Britain.», in *Sport, Culture and the Modern State*, eds. Hart Cantelon e Richard Gruneau, Toronto, University of Toronto Press.

Thornton, Phil (2003), *Casuals. Football, Fighting and Fashion. The Story of a terrace cult*, Liverpool, Milo Books.

Trivizas, Eugene (1980), «Offences and Offenders in Football Crowd Disorders.», in *British Journal of Criminology*, vol. 20, n.º 3, pp. 276-288.

Turner, Victor (1974a), *Dramas, Fields and Metaphors: Symbolic Action in Human Society*, New York, Cornell University Press.

Turner, Victor (1974b) [1969], *O processo ritual*, Petrópolis, Editora Vozes.

Vaus, David de (2002) [1985], *Surveys in social research*, 5th ed., St Leonards, Routledge.

Walgrave, Lode e Kris Van Limbergen (1990), «Il teppismo calcistico in Belgio: cause e rimedi.» in *Cálcio e Violenza in Europa*, coord. António Roversi, Bologna, Società Editrice il Mulino, pp. 139-167.

Wann, Daniel L. et al., (2001), *Sport Fans. The Psychology and social impact of spectators*, London, Routledge.

Zani, Bruna e Erich Kirchler (1991), «When Violence Overshadows the Spirit of Sporting Competition: Italian Football Fans and their Clubs.», in *Journal of Community & Applied Social Psychology*, Vol. I, pp. 5-21.